



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

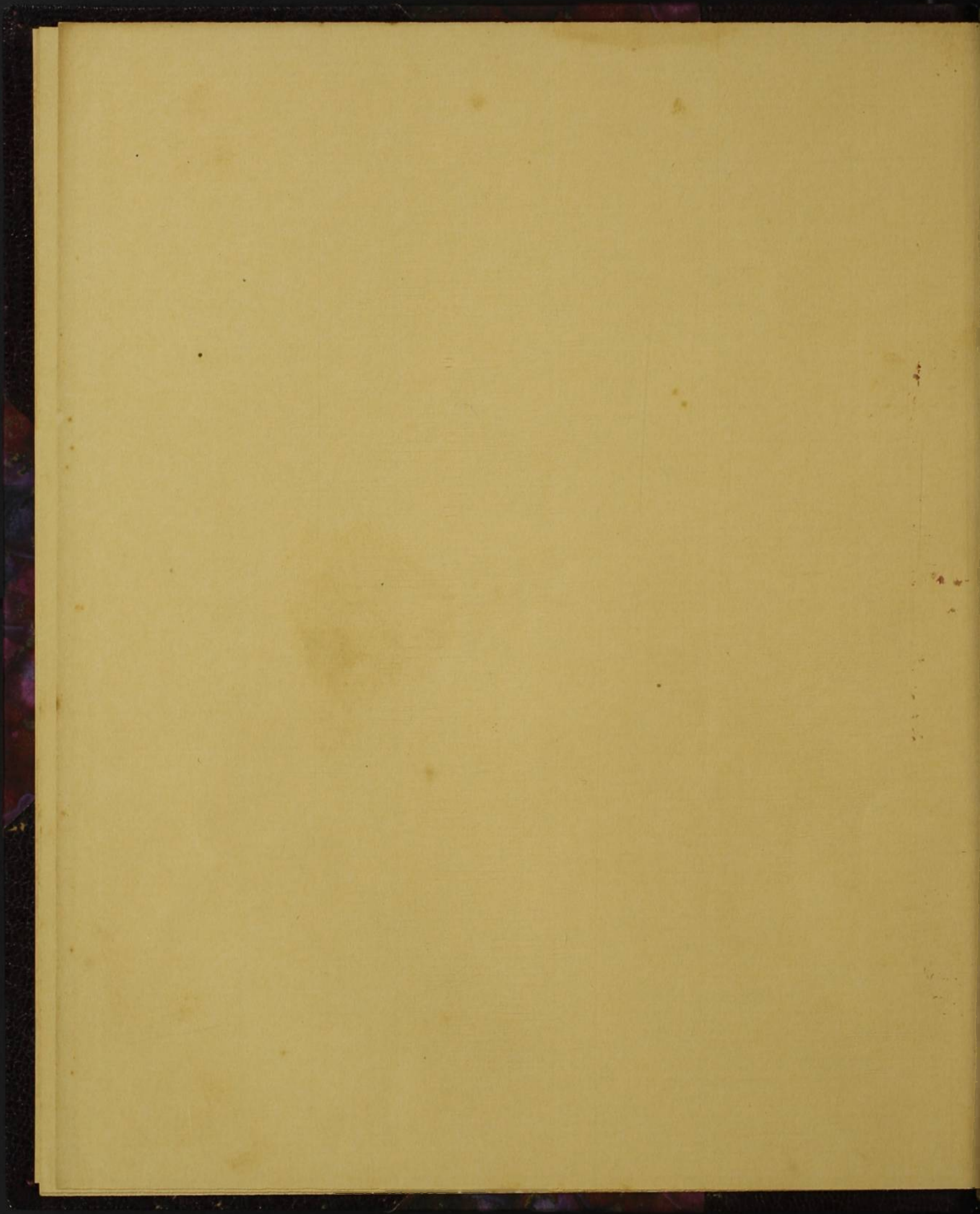


L. BENCER - RIO









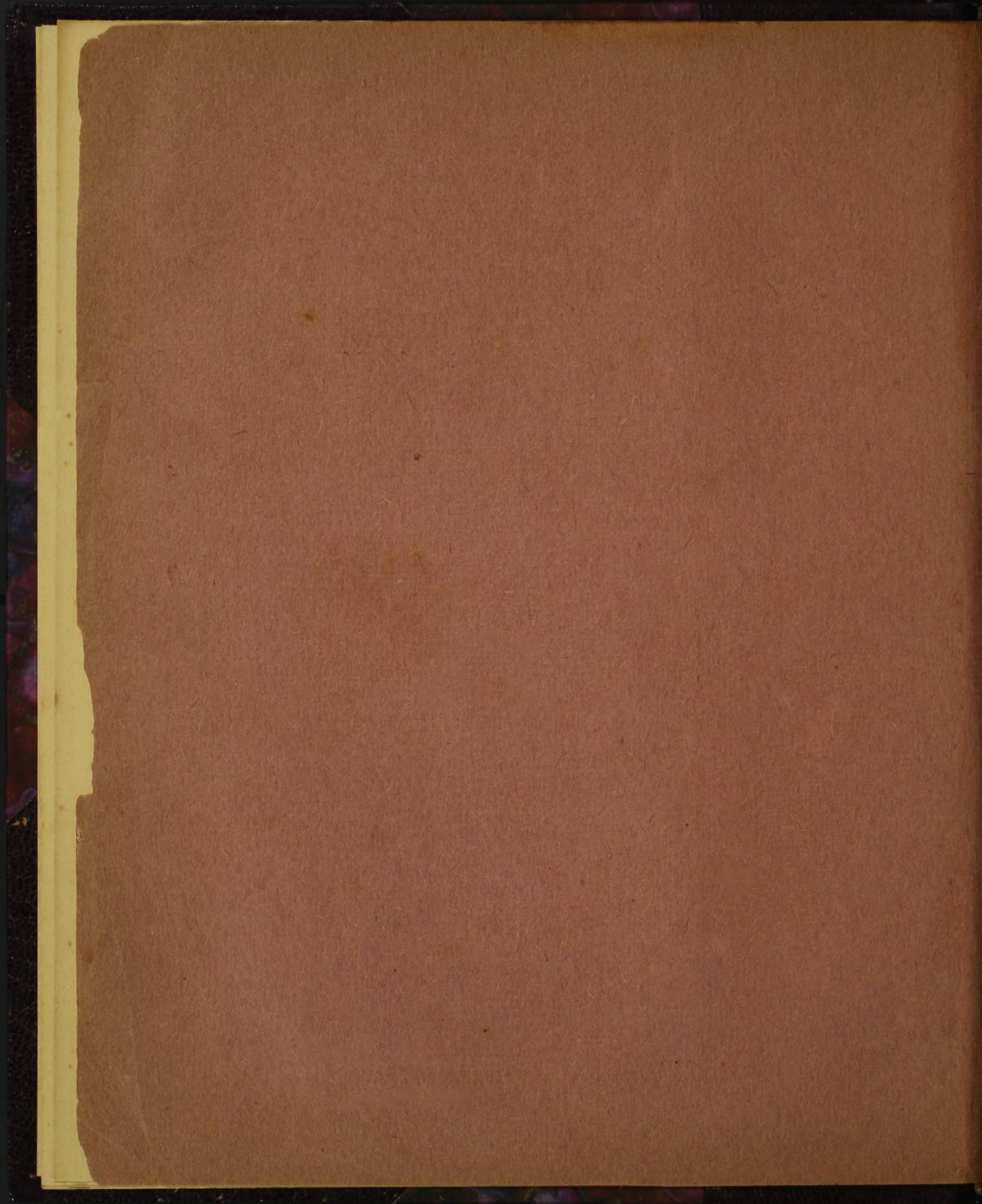
Oswald de Andrade

SERAFIM  
PONTE GRANDE

ROMANCE



ARIEL, EDITORA LTDA.  
RIO DE JANEIRO



SERAFIM

## DO AUTOR

### OBRAS RENEGADAS

Os condenados

A estrela de absinto

A escada (inedito)

---

Pau Brasil

Primeiro Caderno de Poesia

---

Serafim Ponte Grande

OSWALD DE ANDRADE

---

Para Pablo Picasso

- meu amigo da Rue la  
Boetie em 1923 -

**S E R A F I M**

**PONTE GRANDE**

- com o velho e incansavel  
entusiasmo -

Oswald Andrade  
S. Paulo 9 de Fevereiro de 1950

**EDIÇÃO DO AUTOR 1933**

Direito de ser traduzido, reproduzido e deformado  
em todas as linguas - S. Paulo - 1933

O mal foi ter eu medido o meu avanço sôbre o cabresto metrificado e nacionalista de duas remotas alimárias — Bilac e Coelho Neto. O erro ter corrido na mesma pista inexistente.

Inaugurara o Rio aí por 16 ou 15. O que me fazia tomar o trem da Central e escrever em francês, era uma enroscada de paixão, mais que outra veleidade. Andava comigo pra cá pra lá, tresnoitado e escrofuloso, Guilherme de Almeida — quem diria? — a futura Marquesa de Santos do Pedro I navio!

O anarquismo da minha formação foi incorporado à estupidez letrada da semi-colônia. Fre-

qüentei do repulsivo Goulart de Andrade ao glabro João do Rio, do bundudo Martins Fontes ao bestalhão Graça Aranha. Embarquei, sem dificuldade, na ala molhada das letras, onde esfuziava gordamente Emílio de Menezes.

A situação “revolucionária” desta bosta mental sul-americana, apresentava-se assim: o contrário do burguês não era o proletário — era o boêmio! As massas, ignoradas no território e como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Os intelectuais brincando de roda. De vez em quando davam tiros entre rimas. O único sujeito que conhecia a questão social vinha a ser meu primo-torto Domingos Ribeiro Filho, prestigiado no Café Papagaio. Com pouco dinheiro, mas fora do eixo revolucionário do mundo, ignorando o Manifesto Comunista e não querendo ser burguês, passei naturalmente a ser boêmio.

Tinha feito uma viagem. Conhecera a Europa “pacífica” de 1912. Uma sincera amizade pela ralé notívaga da bute Montmartre, me confirmava na tendência carraspanal com que aqui, nos bafs, a minha atrapalhada situação econômica protestava contra a sociedade feudal que pre-

Re

sentia. **E**nfim, eu tinha passado por Londres, de barba, sem perceber Karl Marx.

Dois palhaços da burguesia, um paranaense, outro internacional "Le pirate du lac Lemman" me fizeram perder tempo: Emílio de Meneses e Blaise Cendrars. Fui com eles um palhaço de classe. Acoroçado por espetativas, aplausos e quireras capitalistas, o meu ser literário atolou diversas vezes na trincheira social reacionária. Logicamente tinha que ficar católico. A graça ilumina sempre os espólios fartos. Mas quando já estava ajoelhado (com Jean Cocteau!) ante a Virgem Maria e prestando atenção na Idade Média de São Tomás, um padre e um arcebispo me bateram a carteira herdada, num meio dia policiado da São Paulo afarista. Segurei-os a tempo pela batina. Mas humanamente descri. Dom Leme logo chamara para seu secretário particular, a pivete principal da bandalheira.

Continuei na burguesia, de que mais que aliado, fui índice cretino, sentimental e poético. Ditei a moda Vieira para o Brasil Colonial no esperma aventureiro de um triestino, proletário de rei, alfaiate de Dom João 6.º

Do meu fundamental anarquismo jorrava sempre uma fonte sadia, o sarcasmo. Servi a bur-

gue<sup>ra</sup> sem nela crêr. Como o corte<sup>ço</sup> explorado cortava as roupas ridículas do Regente.

O movimento modernista, culminado no sa-  
rampão antropofágico, parecia indicar um fenô-  
meno avançado. São Paulo possuía um pode-  
roso parque industrial. Quem sabe se a alta do  
café não ia colocar a literatura nova-rica da  
semi-colônia ao lado dos custosos surrealismos  
imperialistas?

Eis porém que o parque industrial de São  
Paulo era um parque de transformação. Com  
matéria prima importada. A's v<sup>ez</sup>es originária  
do próprio solo nosso. Macunaíma.

A valorização do café foi uma operação impe-  
rialista. A poesia Pau Brasil também. Isso tinha  
que ruir com as cornetas da crise. Como ruiu  
quase t<sup>oda</sup> a literatura brasileira "de vanguar-  
da", provinciana e suspeita, quando não estrema-  
mente esgotada e reacionária. Ficou da minha  
êste livro. Um documento. Um gráfcico. O brasi-  
leiro at<sup>oa</sup> na maré alta da última <sup>et</sup>apa do capi-  
talismo. Fanchono. Oportunista e revoltoso. Con-  
servador e sexual. Casado na polícia. Passando  
de pequeno burguês e funcionário climático a  
dançarino e turista. Como solução, o nudismo  
transatlântico. No apogeu histórico da fortuna  
burguesa. Da fortuna mal-adquirida.

Γa-

Γe

Publico-o no seu texto integral, terminado em 1928. Necrológio da burguesia. Epitáfio do que fui.

Enquanto os padres, de parceria sacrílega, em S. Paulo com o professor Mário de Andrade e no Rio com o robusto Schmidt cantam e entoam, nas últimas novenas repletas do Brasil:

No céu, no céu  
com “sua” mãe estarei!

eu prefiro simplesmente me declarar enojado de tudo. E possuído de uma única vontade. Ser pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária.

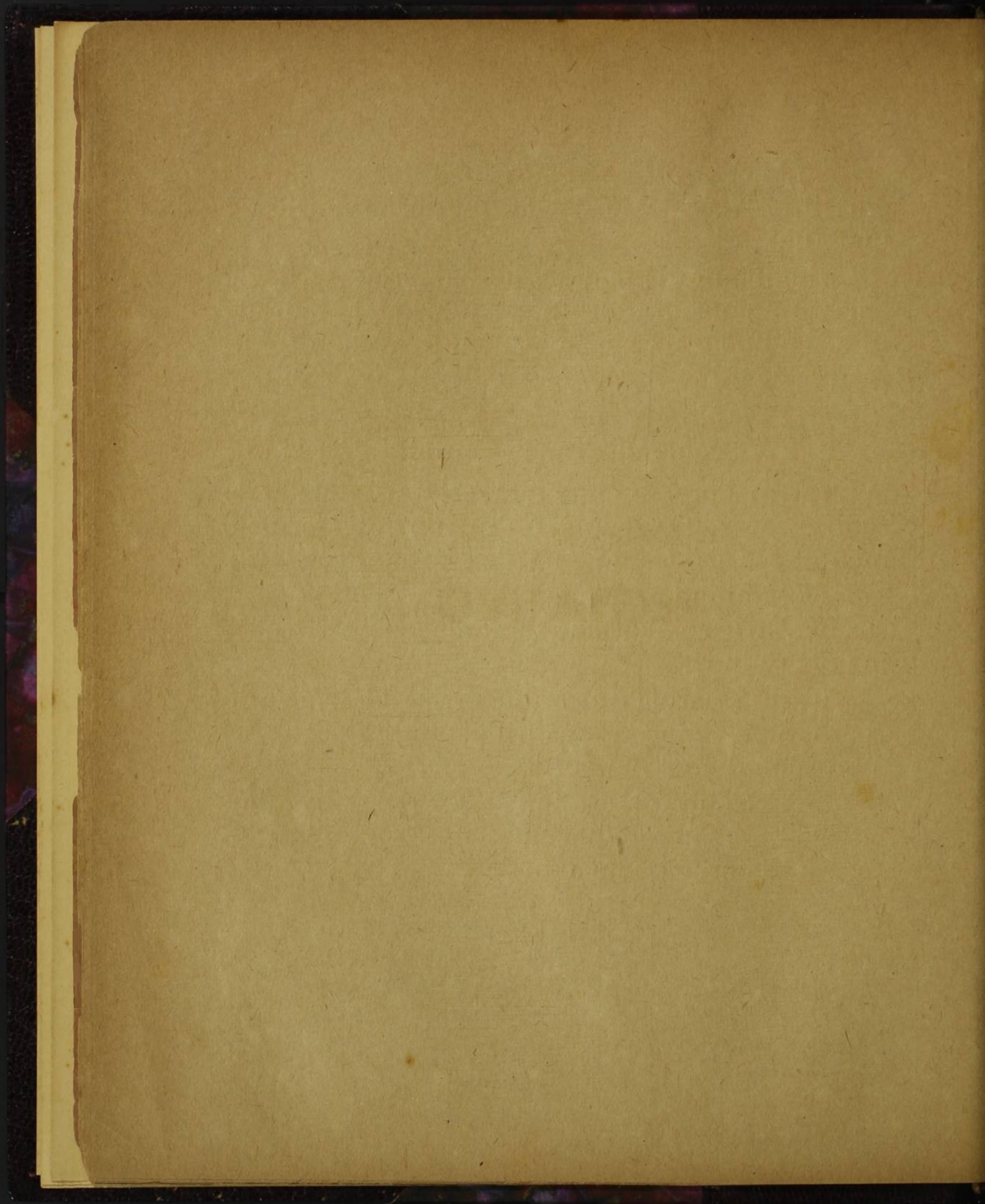
O caminho a seguir é duro, os compromissos opostos são enormes, as taras e as hesitações maiores ainda.

Tarefa heróica para quem já foi Irmão do Santíssimo, dançou quadrilha em Minas e se fantasiou de turco a bordo.

Seja como fôr. Voltar para trás é que é impossível. O meu relógio anda sempre para a frente. A História também.

Rio, fevereiro de 1933.

Oswald de Andrade.

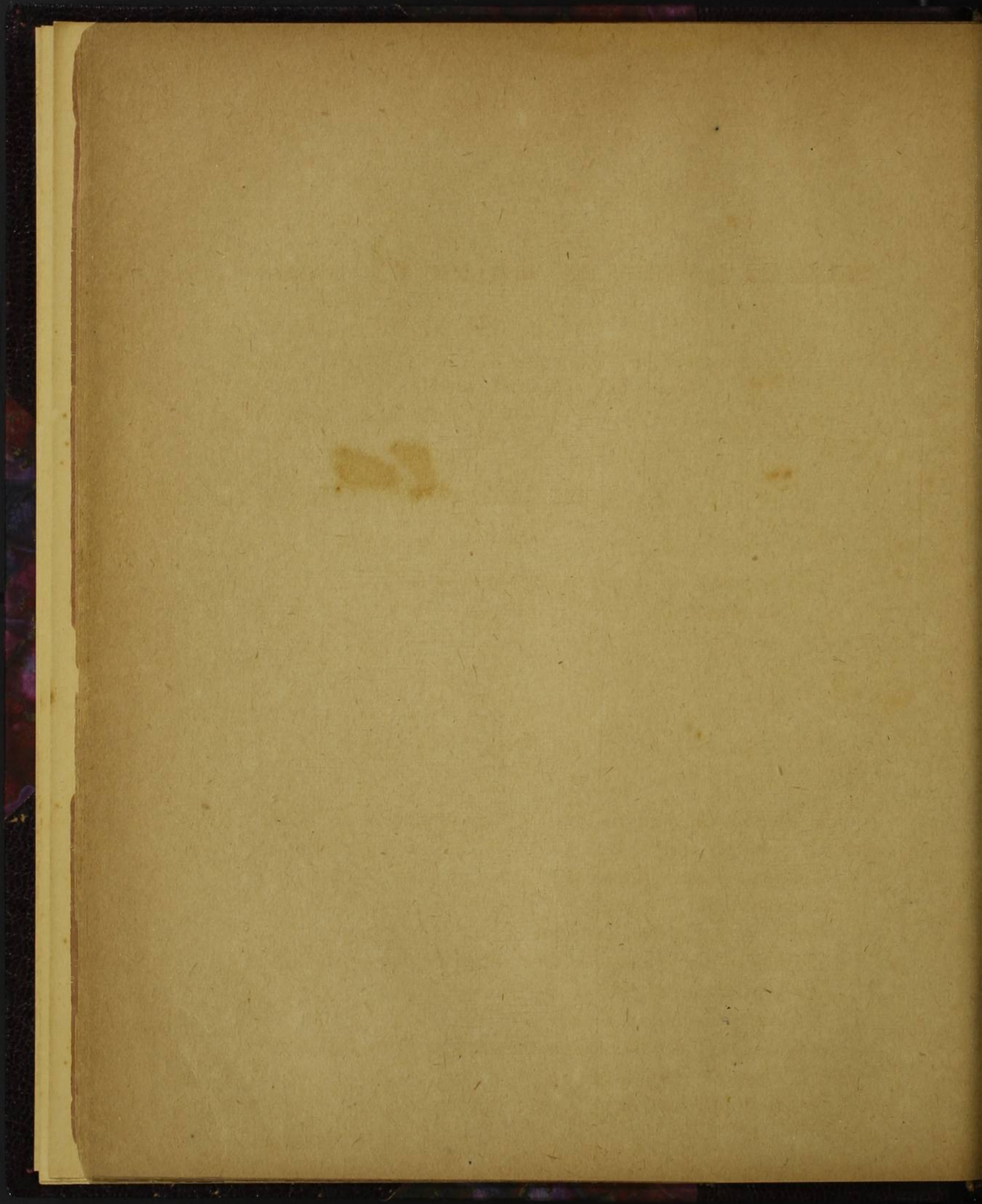


**RECITATIVO**

A paisagem desta capital apodrece. Apareço ao leitor.  
Pelotari. Personagem através de uma vidraça. De capa de  
borracha e galochas. Foram alguns militares que transforma-  
ram a minha vida. Glória dos batizados! Lá fora, quando  
seccar a chuva, haverá o sol.

# ALPENDRE

Passarinho avuô  
Foi s'imbora



## PRIMEIRO CONTATO DE SERAFIM E A MALÍCIA

A — e — i — o — u

Ba — Be — Bi — Bo — Bu

Ca — Ce — Ci — Co — Cu

## 20 ANOS DEPOIS

— Apresento-lhe a palavra “bonificação”

— Muito prazer...

## RECORDAÇÃO DO PAÍS INFANTIL

*da*  
A estação da estrela <sup>de</sup>alva. Uma lanterna de hotel. O mar cheiinho de siris.

Um camisolão. Conchas.

A menina mostra o siri.

Vamos à praia das Tartarugas!

O menino foi pegado dando, atrás do monte de areia.

O carro plecpleca nas ruas.

O trem vai vindo o Brasil.

O Brasil é uma República Federativa cheia de árvores e de gente dizendo adeus.

Depois todos morrem.

## PARAFRASE DE ROSTAND

Tomei de tal maneira.  
A tua cabeleira  
Como um clarão  
Que como quando a gente fixa o Astro-Rei  
Só enxerga ao depois rodelinhas vermelhas  
Assim também quando eu deixo  
Os fogos de que tu m'inundas  
Meu olhar espantado  
Pousa as manchas em que tu abundas

*MIFARES*

## DA ADOLESCÊNCIA

OU SEJA

### A IDADE EM QUE A GENTE CARREGA EMBRULHOS

A loira. A morena. O pa<sup>e</sup> da morena. Os irmãos musculosos da loira. Ele toma capilé na venda de seu Pascoal.

A loira deixa-se apalpar como uma janela. No escuro. Numa noite de adultério <sup>e</sup> ele penetra na Pensão da Lili. Mas ela diz-lhe que não precisa de tirar as botinas.

## PROPICIAÇÃO

Eu fui o maior onanista de meu tempo  
Todas as mulheres  
Dormiram em minha cama  
Principalmente cozinheira  
E cançonetista inglesa  
Hoje cresci  
As mulheres fugiram  
Mas tu vieste  
Trazendo-me todas no teu corpo

## VACINA OBRIGATÓRIA

*Delegacia da autoridade que tem a cara arguta das 23 horas e procura um esparadrapo para o pudor da Lalá. Entre uma maioria de soldados — nosso herói. Brasileiro. Professor de geografia e ginástica. Nas horas vagas, 7.º escriturário. Serafim Ponte Grande.*

*Lalá atirou-se do viaducto do escândalo ao primeiro sofá.*

*A autoridade — Estáis no hall do templo da justiça! Peço compostura ou pôr-vos-ei no xilindró n.º 7! de cócoras!*

*Benevides — Doutor! Minha senhora sabe que terá de conter sua dor de progenitora diante de V. Excia!*

*Benevides é estrela.*

*A autoridade* — Eu compreendo que vós todos desejeis o sacramento do matrimônio. Mas, modéstia à parte, no meu fraco parecer, o *conjugo vobis*...

*Lalá* — Ih! Ih! Pi! Fi! Fi! Ih!

*A autoridade* — Que falta de noção do pundonor!

*Mme. Benevides* — Foi esse sem vergonha, seu doutor! Ela não era assim, quando estava perfeita...

*Benevides* — Eu faço questão do casamento só por causa da sociedade!

*Com um barbante invisível, puxa o póllice-verso dos bigodes.*

*Lalá* — Foi o Tônico, t'ahí

*Benevides* — Quem minha filha?

*Lalá* — Já disse, pronto!

*Serafim* — Garanto-lhe, doutor, que foi o Tônico.

*Mme. Benevides* — Foi elle, seu doutor!

*Serafim* — Perdão! Eu não costumo mentir nem faltar com a verdade!

*Mme. Benevides* — Olhe que eu conto! Bom!

*Lalá* — Eu acho que foi o Tônico...

*Mme. Benevides (no primeiro plano)* — Um dia, eu tinha chegado da feira e espiei pelo buraco da fechadura, a tal lição de geografia!

*Lalá* — Era ginástica.

*Benevides* — Respeitem este recinto!

*Lalá* — Com este frege, ainda não jantei.

*Mme. Benevides (ao futuro genro)* — Lata de lixo!

*Sae pela direita*

*Lalá* — (soluçando) — Serafim, escolha... ou você casa comigo ou eu vou para um aloouce!

*Serafim* — Isso nunca!

*Vozes* — Então casa! Casa! Casa!

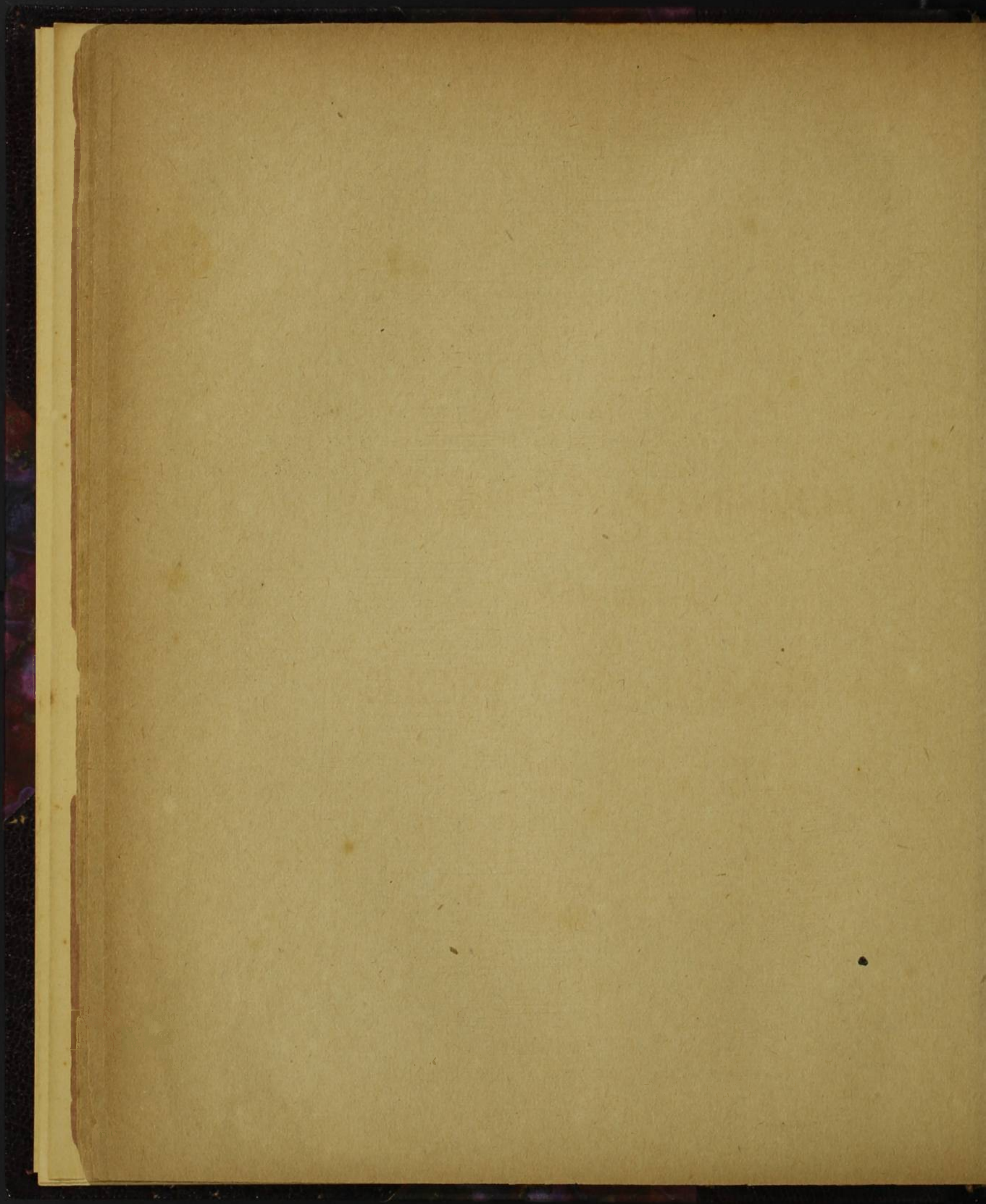
*Uma voz* — Faz o casamento fiado!

*Serafim* — Mas andaste duas vezes de forde com o Bata-  
tinha!

*Lalá* — Por isso que eu estava ficando louca lá em casa!

*O soldado abre as grades das maxilas.  
Conduzem Serafim gado e séquito para  
debaixo do altar da Im<sup>pu</sup>lada Conceição.*

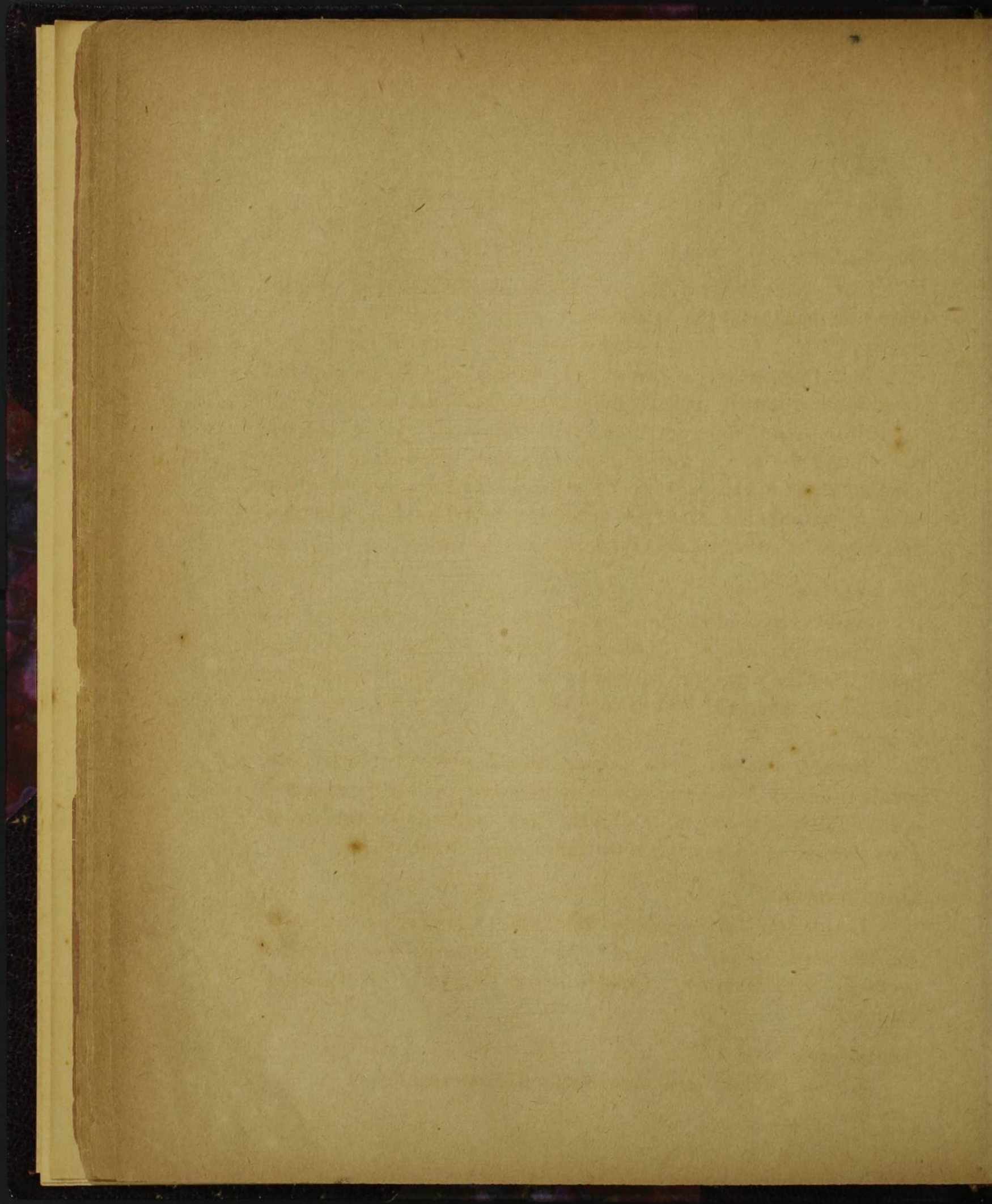
fac



**FOLHINHA CONJUGAL**

**OU SEJA**

**SERAFIM NO FRONT**



### Quinta-feira

Partida de bilhar com o Manso da Repartição. Joguei mal. Pequena emoção guerreira.

---

Lalá quer passar o inverno em Santos. Já fiz os cálculos e vi que o ordenado não dá, mesmo com os biscates.

No entanto, deve ser muito bom mudar de casa e de ares, de objetos de uso familiar e de paisagem quotidiana. Seria excelente para mim, homem de sensibilidade que sou. E quem sabe se também mudar de paisagem matrimonial *Sed non pos-su-mus!* como se canta no intróito da missa.

### Terça-feira

Ando com vontade de escrever um romance naturalista que está muito em moda. Começaria assim: "Por todo o largo meio disco da praia de Jurujuba, havia uma vida sensual com ares gregos e pagãos. O mar parecia um sátiro contente após o coito".

Nota: Não sei ainda se escreverei a palavra "coito" com todas as letras. O arcebispo e as famílias podem ficar revoltados. Talvez ponha só a sílaba "coi" seguida de três pontinhos discretos. Como Camões fazia com "bunda".

### Quarta-feira

Inesperada enfermidade de Lalá. Cheguei a converter-me de novo ao catolicismo. As três crianças berravam em torno do leito materno. Quadro digno do pincel de Benedito Calisto.

### Sexta-feira

Chove. Verdadeira neurastenia da natureza.

### Sábado

Eu preciso é largar de besteira, me aperfeiçoar e seguir a lei de Deus!

### Domingo

Benedicto Carlindoga, meu chefe na Escarradeira (vulgo Repartição Federal de Saneamento) partiu para a Europa, a bordo do vapor "Magellan". Va~~e~~ se babar ante o saracoteio desengonçado e lúbrico das personagens de Guy de Maupassant.

### Terça-feira

Dieta de cachorro por causa do vinho Barbera que bebi ontem, festa dos italianos, em companhia de meu prezado collega e amigo José Ramos Gó~~e~~s Pinto Calçudo, afim de celebrarmos a brecha de Porta Pia.

---

Lalá e o Pombinho (Pery Astiages) invadem o repouso contemplativo de minha sala de visitas. Estou convencido de que as seis cadeiras enfronhadas em branco, o espelho, a gondola de Veneza, o retrato do Marechal de Ferro, tudo tem vontade de disparar.

---

Piano. Os sinos de Corneville.

---

Resposta de Lalá à minha queixa:

— Você precisa pagar a prestação do mês passado. Se não o homem vem buscar o Stradiváriu.

---

Mais Stradiváriu.

— Que valsa é essa?

— "Le lendemain du mariage"

### Quarta-feira

Salvas de canhão anunciam o feriado nacional. Não vou à parada. Estou ficando anti-militarista.

### Quinta-feira

O bataclã doméstico despenca para a cidade de bonde. Comemos empadas e doces no Fazoli. Depois, cinema. Ao lado das ironias vestidas de paño de almofada que constituem a minha família, vejo desfilar no *écran* luminoso os ambientes altamente five-o-clock da Paramount Pictures.

### Quarta-feira

Parece que Deus quer ver no primeiro dia deste ano inteiramente evoluída a minha transformação psíquica, tantas vezes ameaçada pelos acontecimentos.

Primeira etapa: Março-Abril. Amizade com o Celestino Manso que, vamos e venhamos, me incutiu uma outra orientação na vida. A questão da impersonalidade em arte. O conhecimento com detalhes do escabroso caso Victor-Hugo-Sainte Beuve, etc., etc.

Segunda etapa: Maio a Setembro. Reabilitação da indumentária. Fraque sem colête e botinas americanas. Sabendo da sugestão dos ambientes sobre a existência, disponho-me a alargar o círculo dos meus amigos (salvo seja!). Há muita mais gente boa, por ali do que se propala.

Terceira etapa: até os dias presentes. Tendências de economia. Reação contra os gestos atávicos de Dona Lalá, a telefonista!

### Terça-feira

Vou tomar chá, hoje, às oito horas, em casa do Comendador Salles. E' o Manso quem me reboca. Um dia, hei de comprar um Ford a prestações.

### **Domingo**

Miserável despertar de sensualismo. Releio as apimentadas memórias de Jacques Casanova.

### **Terça-feira**

Dia dos annos do Pinto Calçudo. Vou dar-lhe de presente um suspensório azul-pavão.

Volto de novo a preocupar-me com o romance que imaginei escrever e que acho que sahirá com pseudónimo. Tenho alguns apontamentos tomados sobre o tipo principal, a jovem Marquesa de M... Quando o seductor, o invencível galã Álvaro Velasco, inicia a sua offensiva por debaixo da mesa de jantar, ella retira bruscamente o pezinho. Nota humorística: a Marquesa tem um calo.

Continuo a viver uma vida acanalhada. Só vejo um remédio para me moralizar — cortar a incômoda mandioca que Deus me deu!

### **Sábado**

O Pinto Calçudo observa sensatamente, ao bilhar, que se houvesse uma força dupla, tripla, múltipla etc., as bolas teriam sempre que dar.

### **Domingo**

Lalá me envelhece. Mas também me galvaniza. Tenho ímpetos de largar esta gaita e dar o fora. Um fora sensacional!

### **Segunda-feira**

Ontem, boa conversa com o Manso sobre o tipo requintado de Fradique Mendes. Elle mora com uma tia. Almocei lá. Bebemos cerveja.

### Sexta-feira

Desenvolvimento imprevisto da tragédia íntima que as Doze Tábuas da Lei me obrigaram a fazer. Lalá, depois de uma vasta fita, propôs o divórcio. Eu aceitei sem pestanejar. E berrei trepado numa cadeira: A' vínculo, minha senhora!

### Domingo

Nada mais incômodo do que esse negócio de ter filhos sem querer.

Para evitarmos os abortos levados a termo e os outros que Lalá vive provocando com risco da própria vida, o Pinto Calçudo me ensinou um remédio muito bom.

Montem à noite, depois de termos feito as pazes, estávamos conversando sobre Freud, eu e ela e ficamos excitadíssimos. Mesmo vestida, tirei-lhe as calças. Mas quando desembrulhei o remédio (que já tinha comprado na Farmácia) e ela percebeu que precisava enfiar uma seringa de vidro, enfezou, protestou e fechou as coxas, dizendo que assim perdia a poesia. Foi inútil explicar-lhe que bastava meia seringada etc. etc.

Quando acabei de convencê-la já tinha perdido toda a força!

||-l

---

### Segunda-feira

Afinal a criada foi uma desilusão. Compurquei o meu próprio leito conjugal, aproveitando a ausência de Lalá e das crias. No fim, ela gritou!

— Fiz um peido!

Travessuras de Cu...pido!

### Terça-feira

Hoje, succulenta macarronada com Pinto Calçudo no restaurante *Al vino cattivo di Viva la Madonna!*.

### Quarta-feira

O Comendador Sales abre-se conosco na Confeitaria Fazoli. Acha que sem recursos não se pode gozar a vida. Contou-nos diversas aventuras de amor, pedindo-nos reserva.

Ontem, o Manso almoçou aqui. Conversamos a respeito de moellas.

---

### Quinta-feira

Vem-me à cabeça a toda hora, uma ideia idiota e absurda. Enrabar o Pinto Calçudo. Cheguei a ficar com o pau duro. Preciso consultar um médico!

---

### Sexta-feira

O Manso relata-me que um tal Matatias, cunhado de um primo dele, nunca teve nenhuma manifestação de sífilis, nem hereditária nem pegada — mas eis que agora está com a vista e a espinha invadidas. Aconselha-me a fazer exame de sangue em todos da casa.

---

### Domingo

Decidi traçar um sério programa de estudos e reabilitar assim a minha ignorância. Português, aritmética, latim, teosofia, balística, etc.

Napoleão, segundo me disseram, aprendeu a ler aos 29 anos e o grande Eça de Queiroz escreveu o Crime do Padre Amaro com 50 anos!

### **Têrça-feira**

Amanhã, missa em Santa Euligenia. Acção de graças pelo aniversário da bêsta do Carlindoga. Podia ser de 30.º dia!

### **Sabado**

Lalá passou mal a noite. Não morreu.

### **Sexta-feira**

Mudamos de residência. Esta tem um quintalzinho de onde se avista o Brás e com binóculos de alcance se distingue perfeitamente a casa do Carlindoga.

### **Quinta-feira**

Fomos visitar ontem, o dr. da Costa Brito. Um grupo de admiradores. Está hospedado na finissima Rotisserie. Parece um ator. Usa chapéu verde e monóculo. Mostrou-se muito afável. Conversamos sobre a falta de ideais que caracteriza o nosso país.

### **Segunda-feira**

A César o que é de César. Beijei a criada nova.

A outra, Lalá pôz pra fora. Andava desconfiada.

---

E' verdade, minha espôsa dá ganas de escrever um drama social em três actos tetricos. Brigas loucas porque eu gasto luz demais com minhas leituras! Quer que eu seja inculto!

---

Decidimos pôr as crias no Externato Barros. Foi o Manso quem lembrou.

### **Têrça-feira**

Deram dois tiros no pai do Birimba da Repartição, almo-fadinha e baliça do Sírio. Vasta emoção na Escarradeira. O irmão mais moço do Birimba tinha sido avisado que iam matar o pai. Mas esqueceu e dormiu. Quando acordou foi com a victima entrando em casa e o berreiro da familia.

### Quarta-feira

Comprei meia dúzia de copos inquebráveis.

### Sábado

O Dr. Telles Siqueira, conhecido advogado, morreu de soluço.

Agradável palestra no Bar Barão com o Comendador Sales, o Pinto Calçudo e o Manso, à saída da Repartição.

O Comendador acha que aqui não existe opinião pública. Falou-nos das intrigas e difamações de que tem sido vítima. Não podendo os crápulas igualar-se aos homens honestos, tratam de rebaixá-los por meios inconfessáveis.

### Domingo

Lalá fez a surpresa de me preparar um quentão com gengibre e amêndom. Será que não estou com a escrita em dia?

### Sábado

Levei o Perí Astiages à Repartição para ir com ele depois comprar um terno de roupa numa liquidação da Rua 25 de Março. Acharam-no muito crescido.

### Quarta-feira

Ontem, último dia de Carnaval, fizemos o Corso na Avenida Paulista. Vaca com o Manso para pagar o táxi. Além disso, ele, gentilmente, ofereceu uma bisnaga das grandes à Lalá.

Mudou-se aí para a frente um menino que é um Apolo. Se não fôsse a jararaca...

### Terça-feira

Chegou de sua estadia na Fazenda Monte Alegre o jovem escritor Pires de Melo. O Manso prometeu apresentar-mo oportunamente.

Cinema. Esta família é um pêso.

### Quinta-feira

Comprei a prestações uma caneta-tinteiro. Não funciona muito bem, mas serve.

### Sábado

Vi um sujeito morrer na rua.

---

Vou convidar o menino aí da frente para fundar um clube de futebol com o Pombinho. Aperfeiçoamento da raça!...

---

O meu drama conjugal estronda como os rios nas enchentes. Nego-me de pés juntos a acompanhar o bando precatório ao Cine América. Não vou!

### Quarta-feira

Visita de pêsames ao vizinho, seu Manduca, que perdeu a esposa, atropelada por um automóvel imprudente. Está inconsolável.

### Domingo

O Manso deu de presente à Lalá um colar roncolho. Eu não disse nada, mais creio que a pedra maior é falsificada.

### Têrça-feira

Aniversário da senhora do Senador Bemvindo, Dona Vespucinha.

Graças ao Comendador Sales, fui também. Muita gente. Salas abertas e iluminadas. Políticos e senhoras degotadas. Vários discursos. Guaraná a rôdo. Dona Vespucinha é um peixão!

/c

### Segunda-feira

O Manso levou Lalá e as crianças a uma festa de igreja em Guarulhos. Depois iam à Exposição de Automóveis.

### Sábado

Lalá me pediu para comprar na casa de música, a ópera “Santo Onofre sobre as ondas” que a vizinha Dona Estier diz que é linda.

### Terça-feira

Idéas de Pinto Calçudo.

— Para defender a liberdade de pensamento, eu iria às barricadas!

Eu também.

### Domingo

O Manso apresenta-me ao literato Pires de Meilo. Vamos pela garça até um bar pictoresco do Anhangabaú. Ali, ele expõe-nos a sua vida que é um verdadeiro *chef-d'œuvre*. Precisava de uma mulher para inspirá-lo. Achou-a. Mostrou-nos uma carta e uma fotografia. A carta terminava assim: “Agora, a nossa encantada aventura jaz embelezada pela distância”.

### Terça-feira

Diante das razões filosóficas do Pinto Calçudo, fiquei determinista. Mas creio ainda um pouco em Santo Anastácio.

## O TERREMOTO DOROTEU

*Salve Dorotea! Dançarina dos tangos místicos, flexão loira, boca onde mora a poesia.*

*(De uma crônica da época).*

Não há mais modéstia que me impeça de afirmar que o único rebento sobrevivente de minha falecida família floruiu numa grande e formosa artista. Chama-se Dorotea Gomes, é

declamadora “disease” e acaba de, para bem das musas, fixar residência em São Paulo, na Pensão Jakú.

---

Dorotêa é uma deidade que desceu à terra. Cerca-a de todo o lado a mais bela das aclamações, a aclamação unânime da mocidade literária. Mesmo os que não n<sup>a</sup> conhecem, a admiram!

---

Tomei uma definitiva e irrevogável resolução. Mando às favas os ciúmes horríveis de Lalá e as eternas tosses compridas das crianças.

Dorotêa recita: anjos abrem alas em tórno dela!

---

O homem é um microcosmo! Por assim dizer, um resumo da terra e como tal é guiado por leis imutáveis e eternas. Estou de acôrdo com essas idéas provadas pela ciência. Porém, há as erupções, há os cataclismas!

---

~~No~~ntem, berrei para Lalá:

— Defendo o direito das convulsões sísmicas!

---

Dorotêa é o meu Etna em flor!

---

Fiz confidências ao Pinto Calçudo. Estou arrependidíssimo. Contei-lhe que ela me mostrou os peitos.

---

Inútilmente, procuro distrair-me, olhar em tórno de mim. Não me interessa o grosso escândalo do Comendador Sales que dizem que levou a breca financeiramente. Consta até que empenhou o piano de cauda.

Tei O facto é que devolveu os bilhetes para o recitativo que Dorotea vai dar aos apreciadores da boa arte, no Grémio Colibri. Besta!

---

ss Hontem, justamente, encontrei-o no Piques. Parecia uma locomotiva. Perguntou-me se não achava bom que ele se mudasse para Taubaté.

— Lá se gasta menos, e eu posso escrever em socego o meu livro sobre “Datas Célebres”.

---

Nada disso me preocupa.

Tei O Pinto Calçudo irrita-me com absurdos a propósito de Dorotea. Diz que os aplausos universais matar-lhe-ão a fonte dos sentimentos puros.

---

Passei o dia de fraque.

---

O Manso rosna por ali que eu fiquei louco. Tenho para me defender a opinião do Pires de Melo que tacitamente me aprova, ele, o grande literato que passou a vida debruçado sobre a alma feminina.

---

Tei Quanta emoção pode ocultar-se sob um guarda-chuva! Acompanhei Dorotea ao cinema, debaixo de enorme aguaceiro.

---

Ella é, sem dúvida, a grande artista de temperamento tropical! E' a única “disease” que possui personalidade entre nós!

---

Na Repartição, o Castanheta briga com o Birimba, dizem

uns que por causa da colocação de pronomes, outros por causa de uma alemã que é garçõnete no Bar Costeleta.

Quão diferente e grandiosa é minha vida secreta!

---

Frase do Pires de Melo sobre ela: —

— Tão loira que parece volatizar-se na manhã loira!

---

Este meu lar é um verdadeiro “chemin des dames”!

---

Ah! Se eu pudesse ir com Dorot<sup>e</sup>a para Paris! Vê-la passar aclamada entre charutos e casacas de corte impecável! Mas contra mim, ergue-se a muralha chinesa da família e da sociedade.

---

Saio à noite e procuro o Pires de Mello que lê-me pela terceira vez a sua encantadora novella “Recordação de um ósculo”. Ao lado dessa espontânea solidariedade, o Manso accusa-me de inconseqüência moral.

---

Lalá descobre no meu topete um chumaço de cabellos brancos. Tudo pela posse real da vida!

---

Dorot<sup>e</sup>a declamando “Os Elefantes” com mímica apropriada é um verdadeiro genio! Fico aniquilado.

---

Posso dizer que hoje, segunda-feira, penetrei de repente no âmago da alma da mulher. Dorot<sup>e</sup>a declarou-me cínicamente que ama o Birimba! Resultado das apresentações!

---

Isolo-me para meditar sobre os acontecimentos. Nesta velha sala de visitas, onde me sento, fitando na parede fronteira,

o retrato do Marechal de Ferro, revejo o meu passado. O infame sogro Benevides que mudou-se para Rocinha, o Carlindoga, o Manso.

Éi

Que será do futuro se a vida crescer de intensidade e diapasão como sinto que cresce? O meu futuro, o de Dorotea, o do Birimba, o de Pinto Calçado, de Lalá e meus filhos?

Caio de joelhos, e exclamo:

— Deus que salvastes Fausto e perdoastes São Pedro, tende consideração!

Éi

Pires de Mello, a quem narro detalhadamente o meu caso, resolve-o pelo pan-sexualismo de Freud. Acha que Dorotea não me largará por causa de certas vantagens...

O facto é que minha vida está ficando um romance de Dostoiewski.

Éi

Por causa de Dorotea, vejo tudo possível para mim.: Tribunaes, Cadeias, Manicomios, Cadeiras Eléctricas, etc. etc.

E vejo tudo lucidamente. Sou o crítico teatral de minha própria tragédia!

9

De novo, beijos ardentes na saleta da Pensão Jalú. E o corpo que desfalece como o de Cleópatra nos braços de César Borgia!

c

De novo, choradeira monumental em casa.

Lalá me guspiu na cara e foi para o piano tocar o Langosta.

No restaurante “Ao buraquinho da Sé”, Dorotêa me consola, dizendo:

— Comeremos a vida inteira no mesmo prato!

---

Lalá depois de sair três noites a fio com o Manso, caiu doente. Proponho chamar-lhe o dr. Salgadinho que é a celebridade do bairro. Ela não quer. Diz entre lágrimas e soluços histericos que só deseja na vida o meu amor. Figa! Depois que sou de Dorotêa, nunca fui adúltero!

---

Sonhei que tinha mudado de sexo e era noiva do Pinto Calçudo. Signal de calamidade!

De facto, o Birimba sumiu da Repartição e Dorotêa fugiu da Pensão, sem pagar a conta.

O Pinto Calçudo me informa que estão no Rio, onde vão trabalhar numa fita intitulada “Amor e Patriotismo”.

Eu hurlo de dor, pensando que uma objetiva vai enlamear a definitivamente ao lado de um cáften!

---

Ando sinistro, magro e pensando em suicídio.

Abstenção sexual absoluta. Continuo fiel à minha perjura.

Bem me disse aquela vaca do Pinto Calçudo que ela era capaz de surpresas morais!

---

Confirmou-se totalmente o péssimo pressentimento que eu tinha a propósito desse negócio de Dorotêa trabalhar no cinema. Os jornais suspeitos e pornográficos do Rio vêm cheios de allusões equívocas a propósito da scena final do tal filme “Amor e patriotismo” em que ela tomou parte. Ela era obri-

gada a se deixar beijar como no fim de todas as fitas. E o indigno e malandríssimo galã que não é outro senão o já famoso burocrata raté Ernesto Pires Birimba teve, no momento do beijo, uma inconvenientíssima ereção que infelizmente foi filmada. A “Maçã Descascada”, jornaleco imundo que vive de escândalos e chantages, estampa a propósito um artigo com este simples título infamante: “O pau duro dos trópicos não respeita estrela!” Eis a consagração artística que ela ganhou...

---

Encerro o presente ciclo de minha vida com a frase lapidar de um poeta: “Fim da dor!”

Sim, porque sinto-me tranqüilo, apesar das notícias mais ou menos positivas que me chegam do final burlesco da tragédia amorosa que encheu minha vida de ilusão e sofrimento!

Sinto-me tranqüilo. Curvo-me sob a desequilibrada fécula do Destino e entrego ao Divino Acaso a minha desarvoadada existência. A Dorotea amorosa é boa que foi, esfriou, mudou de opinião, esqueceu os mais sagrados juramentos, sei lá porque!

Os sentimentos eternos com que eu contava não se inclinam mais para o meu lado. Minha atitude, porém, é absolutamente estoica e superior.

Acabou-se em fumaça a grande mulher que entrevi nos dias em que me fiz amar. *Souvent femme varie*, já dizia Victor Hugo, autoridade na matéria!

---

Apenas ~~ontem~~, tive um momento de fraqueza. Foi ante uma apóstrofe imunda de Lalá contra ela. Chamou-a de estrepe e marafona! Isso me pôs revoltas no sangue e na cabeça e me deu a imediata vontade de assinar um papagaio, ir de aeroplano ao Rio e justar contas com o miserável que a raptou.

Féi

Taj

Enterrei a palhêta e saí para a rua debaixo do chuvisqueiro.

Mas só, andando reflectindo sob os lampiões, depois de um grave tumulto psicológico, senti que meu espirito tomara uma direção mais calma. Fiz um pensamento: “O amor é a amizade reforçada pelo apoio fisio-sexual”.

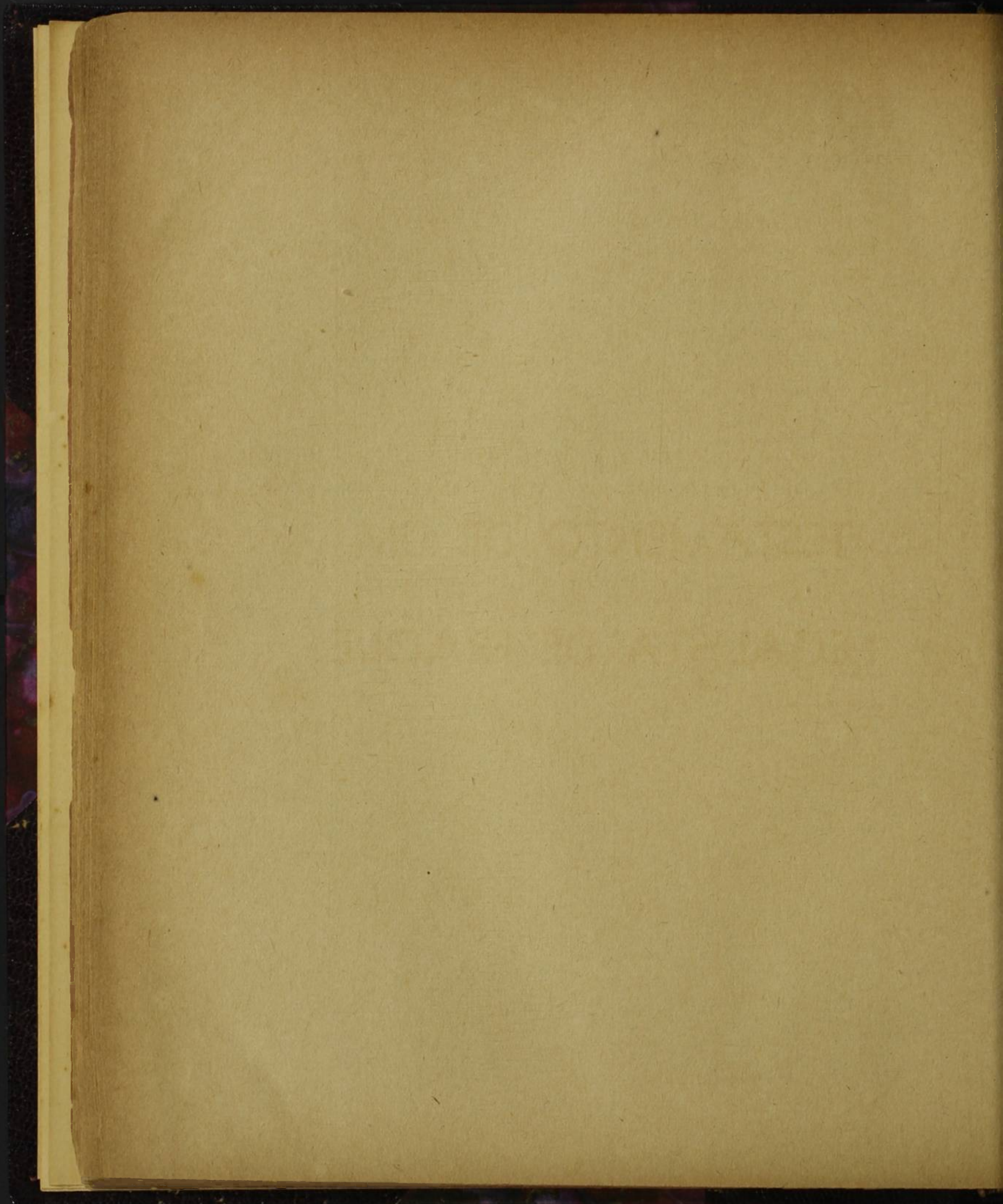
E quasi dormi num banco da Praça da República. Com o frio da noite, acordei tomado de um desânimo enorme. Procurei em redor um aconchego e senti-me só.

---

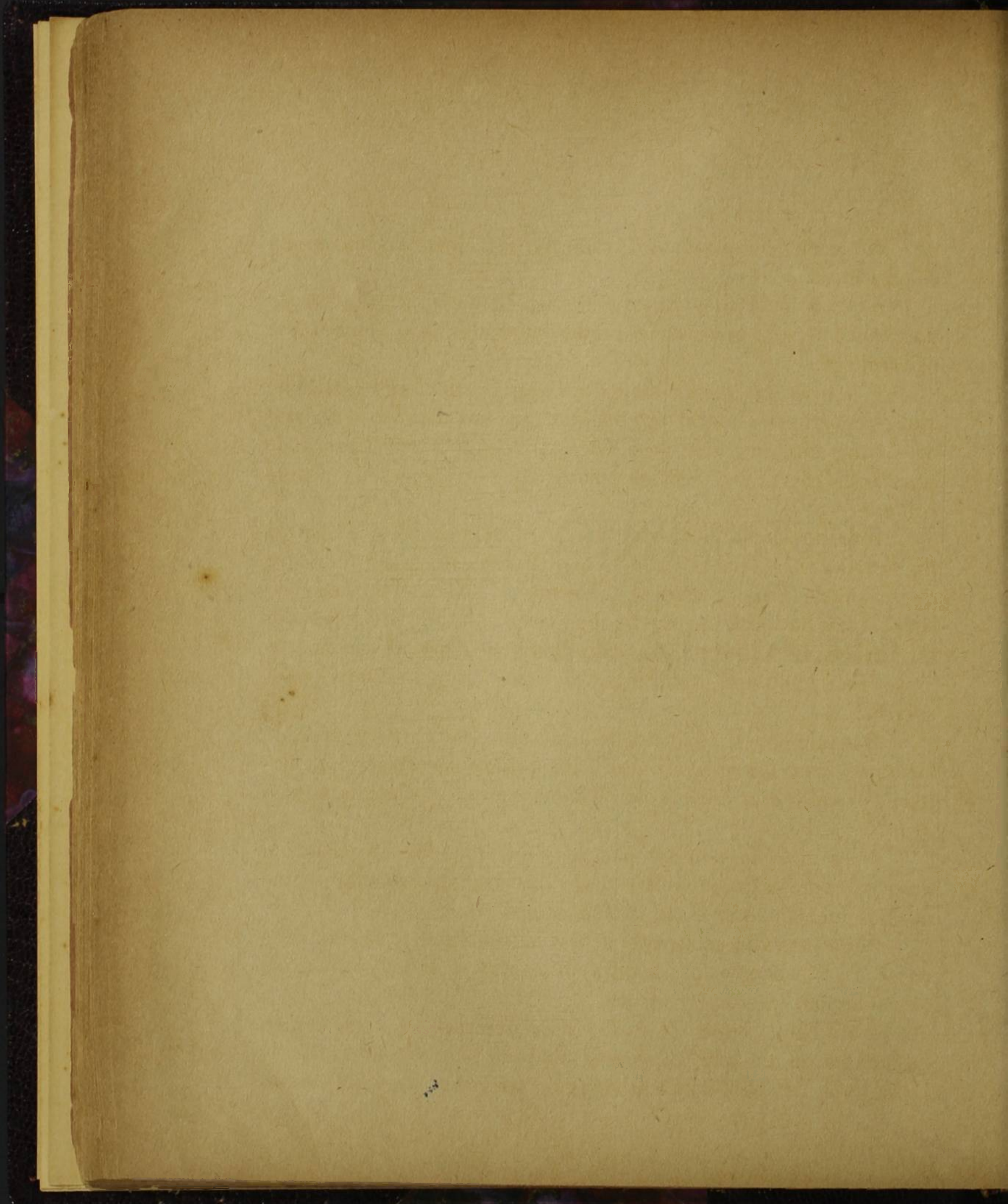
Entro em casa. Lalá foi com o Manso ao Circo Piolin, ver o leão Nero que já matou duas pessoas. Choro longamente.

---

Enrabei Dona Lalá.



**TESTAMENTO DE UM  
LEGALISTA DE FRAQUE**



Por cem beccos de ruas falam as metralhadoras na minha cidade natal.

As onze badaladas da torre de São Bento furam a cinza assomburada do dia, onde as chaminés entortadas pelo bombardeio não apitam.

E' a hora em que eu, Serafim Ponte Grande, empregado de uma Repartição Federal saqueada e paé de diversas crianças desaparecidas, me resolvo a entregar à voracidade branca de uma folha de papel, minhas comovidas lucubrações de última vontade.

Hoje posso cantar alto a Viúva Alegre em minha casa, tirar meleca do nariz, peidar alto! Posso livremente fazer tudo que quero contra a moralidade e a decência. Não tenho mais satisfações a dar nem ao Carlindoga nem a Lalá, directores dos rendez-vous de consciências, onde puxei a carroça dos meus deveres matrimoniais e políticos, durante vinte e dois anos solares!

Requiescat oh ex-vaca leiteira que Deus e a Sociedade fizeram a mãe de meus filhos! Requiescant castrados da Repartição que diariamente me chamavam de "Chocolate com ovos"!

Nem um cão policial nas ruas encarvoadas. Apenas um gozo voluptuoso de pólvora penetra das ruas que escutam como narinas fechadas por essas janelas afóra!

Num incêndio sem explicações, há um silêncio do tamanho do céu. Um homem passa debaixo de um sacco no cosmorama desconforme.

Aqui, nesta mesa de jantar hoje deserta como um campo de batalha, minha voz foi sempre abafada pela voz amarella de Dona Lalá. E pela do Carlindoga no tardo país que faz contas.

Mas eu sou o único cidadão livre desta formosa cidade, porque tenho um canhão no meu quintal.

Minha espôsa, tomada por engano de sensualismo num sofá da adolescência, foi o mataborrão de meus tumultos interiores.

De noite, às quintas e sábados, fazíamos filhos com a cara enquadrada nas claridades cinematográficas da janela. Pensava no grelo de Pola Negri, ou nas coxas volumosas de Bebé Daniels. Minha espôsa pensava em Rodolfo Valentino. Os filhos saíram em fila — o Pombinho atrás, com o lindo nome de Perí Astiages!

Só o Pombinho é hoje senhor d'êste segredo de eu possuir um canhão que os rebeldes abandonaram em meu quintal.

Comprei um Código Civil, visto que os jornais anunciam que o povo ordeiro e trabalhador, volta provisoriamente à forja das ocupações, os mendigos às pontes, os bondes aos trilhos.

Na madrugada branca e brusca, o Pombinho parte de novo para a guerra, com uma carabina às costas.

Um vento de insânia passou por São Paulo. Os desequilíbrios saíram para fora como doidos soltos. A princípio nas janellas, depois nas soleiras das portas. O meu país está doente há muito tempo. Sofre de incompetência cósmica. Modéstia à parte, eu mesmo sou um símbolo nacional. Tenho um canhão e não sei atirar. Quantas revoluções mais serão necessárias para a reabilitação balística de todos os brasileiros?

Vejo de perto uma porção de irmãos do meu canhão, alinhados nos vagões que vão perseguir os revoltados nas garras de Mato-Grosso. A gare da Luz repleta e revirada. Marinheiros ocupantes com cara de queijo de cabra. Digo a um soldado que estou à espera de minha família. E mostro-lhe meu guarda-chuva de cabo de ouro, símbolo da Harmonia.

Te

Oficiais parecem estrangeiros que conquistaram a população de olhos medrosos.

Os paulistas vão e voltam, bonecos cheios de sangue.

Mas a revolução é uma porrada mestra nesta cidade do dinheiro a prêmio. S. Paulo ficou nobre, com todas as virtudes das cidades bombardeadas.

Assoviam ninhos nas telhas. Na distância, metralhadoras metralham pesadamente.

O Pombinho regressa de carabina virginal, equilibrando a noite na cabeça de cow-boy.

Uma grinalda de fogo sobe da cidade apagada. Uma recrudescência de tiros.

Invadem o meu sacro quintal. Um sargento sem dentes, um anspeçada negro, um dentista, dois recolutas. Atiram sem mira!

Negros martelam metralhadoras. Uma trincheira real onde se digere pinga com polvora! Famílias dinastas d'Africa, que perderam tudo no eito das fazendas — fausto, dignidade carnavalesca e humana, liberdade e fome — uma noite acordando com as garras no sonho de uma bateria. Viva a negrada! Sapêca fogo!

E os índios onde os missionários inocularam a monogamia, e o peccado original! E os filhos dos desgraçados com as índias nuas! Vinde! Vinde destroçar as tropas do Governador Geral! Fogo, indaiada de minha terra tem palmeiras!

Coloco o meu canhão sobre a lata vazia de um arranha-céu. Vou revelar a meus olhos a chapa fotográfica de São Paulo, branca ao sol primaveril.

As folhas das árvores explodem no silêncio semanal dos jardins. Parece que a vida parou. Soldados embalados não deixam passar. Altos lá! Quem-vens-lá?

HR

Fda

1c  
Um sino corta pelo meio um tiro de igreja e cada bala é uma dançarina que procura o bolso de um homem.

Tudo conspira nesta cidade silente. Encontrei numa rua deserta um bonde, jogado nos trilhos, acceso e quieto. Quando me viu, zarpou num risco de fios.

O irmão do concunhado de meu barbeiro afirma que o general revoltoso regressa amanhã, trazendo a bandeira, o escudo e a coroa do Presidente. Viva a Realidade Brasileira!

O Carlindoga, no entanto, era otimista. Achava apenas que não temos cultura bastante. O país só pode prosperar dentro da Ordem, seu Serafim!

Vai tudo raso. Parece um curso pirotécnico!

Refugio-me num mosteiro e interpelo o abade sobre a vida de São Bartolomeu, cuja estátua cheia de sangue, tem uma cabeça decepada nas mãos e um facão de carniceiro. O abade responde-me que durante o flagelo da guerra, não se discutem pormenores do passado mesmo guerreiros.

Quinhentos refugiados de todos os sexos. Um tumulto na entrada hospitalar. Chegam crianças de camisolas mortas. Vêm gélidas nos automóveis baleados da Cruz Vermelha. Um homem. Tem a cabeça desfolhada como uma rosa.

As famílias são átomos. Cheios de corpúsculos polarizados. A minha família é um metal que se degrada. Para renascer. O Pombinho será o sol de um universo novo de bebês.

Sonambulismo. Domingo parecido com um dia qualquer. Gente vadia. Automóveis com lenços brancos na busca de rings imprevistos. Nocaute no Governo!

O Carlindoga é o reflexo dos altos poderes. O tirano palpável. Contra ele preparo um imenso atentado.

Um campo verde, onde há canhões ocultos, uma enfermeira grande como a caridade. Um automóvel largado numa

estrada. Um cavalleiro do exército, lento, subindo por detrás de um cemitério, como em tôdas as guerras. Estalidos de floresta e o povo agitado, florestal.

Se o Pombinho apparecer por aqui, neste alto refúgio, onde abro o meu canhão azul, fuzilo-o!

A cidade é um mappa estratégico, fechada num canudo de luar. Gritam lá em baixo, não se sabe adonde. Há gatinhos machucados por tôda a parte. Silvos e o sangue que responde. As balas enroscam-se nas árvores. Trabalham os telhados e os chicotes de aço. Vejo o fantasma do Carlindoga e o do filho que matei. São elles, impassíveis, de fraque, chapéu alto. Passam conversando no meio das balas. Corretos, lustrosos, envernizados pela morte.

De pé! Dentro da Ordem!

Amei acima de tudo a infiel Dorotea e a minha cidade natal.

Nunca me vem à memoria, não para odiar, a minha família, desaparecida com o Manso da Repartição, numa for-dinha preta, na direção da Serra dos Cristais.

Transformei em carta de crédito e pus a juros altos o dinheiro todo deixado pelos revolucionários no quarto do Pombinho.

Matei com um certo tiro de canhão no rabo o meu diretor Benedito Pereira Carlindoga.

A castidade é contra a natureza e vice-versa.

Minto por disciplina social e para não casar novamente na policia.

A noite aterra de aeroplano. Vou pregar um tiro de canhão no ouvido.

Ordem do dia do povo brasileiro: GASTAR MUNIÇÃO.

Tei

## Noticiario

172

Serafim Ponte Grande conseguira movimentar o seu canhão. A direcção das granadas que tinham vasado como um olho a residência repleta do Carlindoga, indicava como ponto de eclosão dos tiros, qualquer dos enormes dados da cidade. O canhão havia agido de altura. Essa circumstancia intrigou excessivamente o Gabinete de Queixas e Reclamações. Chegou-se a meditar que o artilheiro misterioso houvesse visado, das pregas e precipícios do Jaraguá. E durante alguns séculos de relógios passou pela cidade a expectativa de um milagre feroz — o retorno do exército fantasma que se perdera primeiro num rio depois no coração florestal da pátria militarizada.

Nas sessões espíritas, invocou-se sem resultado a alma do almirante Custódio de Mello.

A coincidência da aproximação de Marte — esfinge do espaço — e uma comunicação officiosa do Observatório Astronómico, attribuindo-lhe o atentado, acalmaram as populações revolucionadas.

### Abaixo-assinado

por alma de Benedito Carlindoga

Destinado à elevação de uma herma a esse senhor; traiçoeiramente falecido, como Marat, no banheiro de sua residência, pelo estouro de uma pérfida granada.

Serafim P. G. . . . .	5\$000
José Ramos Góes Pinto Calçudo . . . .	2\$400
Um anônimo . . . . .	1\$000

## O LARGO DA SÉ'

**Ensaio de apreciação nirvanista pelo Sr. Serafim  
Ponte-Grande-novo-rico.**

O Largo da Sé agora está se modificando muito. Nem parece o Largo da Sé de dantes. Dantes era menor. Tinha casas com tectos para fora e a igreja com uma porção de carros.

Naquelles bons tempos a gente ia à missa mas como derrubaram a igreja e nasceu outra geração que só cuida dos jogos de futebol, e do bicho, ninguém mais vai à missa.

O Largo da Sé começou a ficar diferente por causa das Companhias Mútuas e das casas de Bombons que são umas verdadeiras roubalheiras mas que em compensação ali construíram os primeiros arranha-céus que nem chegam à metade dos últimos arranha-céus que não chegarão decerto à metade dos futuros arranha-céus.

O Largo da Sé é, sem perigo de contestação, o ponto de junção das Ruas 15 de Novembro e Direita que também são, sem perigo de contestação, as principais de São Paulo. De modo que as pessoas que querem fazer o célebre triângulo, seja ou por negócios e business ou para o simples e civilizado fo-oting, passam fatalmente no Largo da Sé.

Quando um estrangeiro saudoso regressa à pátria e procura o Largo do Sé, encontra no lugar a Praça da Sé. Mas é a mesma coisa.

## CÔMPUTO

### Efemérides, metempsicose ou transmigração de almas

Serafim como um diamante no dedo da cidade, trepa no canhão que collocou graças aos acontecimentos, sobre a oscilante banana do arranha-céu, onde inutilmente se apresenta candidato a edil.

# INTERMEZZO

Ora, a fornicação é deleitável..,

*São Thomás de Aquino — De Malo  
— art. 9 — ad 7 — q III.*

Dinorá a todo cérebro

ou seja

A estranha mulher do Copacabana Palace

ou seja

A ex-peitudinha do Hotel Fracaroli

ou seja

O mais belo amor de Casanova.

- Como são finas as tuas meias!
- Malha 2360
- São duráveis?
- Duram três, quatro horas...

*O mar lá fora urra querendo entrar em Guanabara.*

- Não. Lindas são as minhas calças. Olha, ninguém tem este recortezinho... Mas como estás mudo... sem espírito...
- Comovido porque te conquistei...
- Não. Não é uma conquista...
- Que é então?
- Uma revanche...
- De quê?
- Da vida.

*O telephone estiraçalha o silêncio.*

- Allô! Quem é? O tintureiro? Faça subiço! Espere! Não faça não! Recebo-o amanhã às três e meia...

*Lá fora o mar.*

*O mar sem par. Serafim amanhece.*

*Ela o envolve, o laça. E' uma mãozinha que tem cara, cabelos de recém-nascido á la garçonne.*

- Te esmigalharei como um pequenino insecto...
- Levada!

*Bocas que se beijam como nos melhores folhetins do planeta Marte, que se lam-bem como nos melhores canis.*

- Não! Fui eu o blefado! Eu que tenho uma trágica

experiência do amor! Eu que me acreditava cínico para o resto da vida!

*E' um pijama que dá guinchos, ironias, pinotes. Ella o acompanha de primeira fila.*

— Sentir que o coração se comprometeu nesta vasta aventura de três dias! Perguntaste-me se te quero um pouco. Amo-te! Porque és a resposta no vasto diálogo telefónico da vida! Falaste-me em embellezar os dias que passam. Com outra, eu teria rido às bandeiras despregadas! Mas a tua simplicidade... a tua naturalidade...

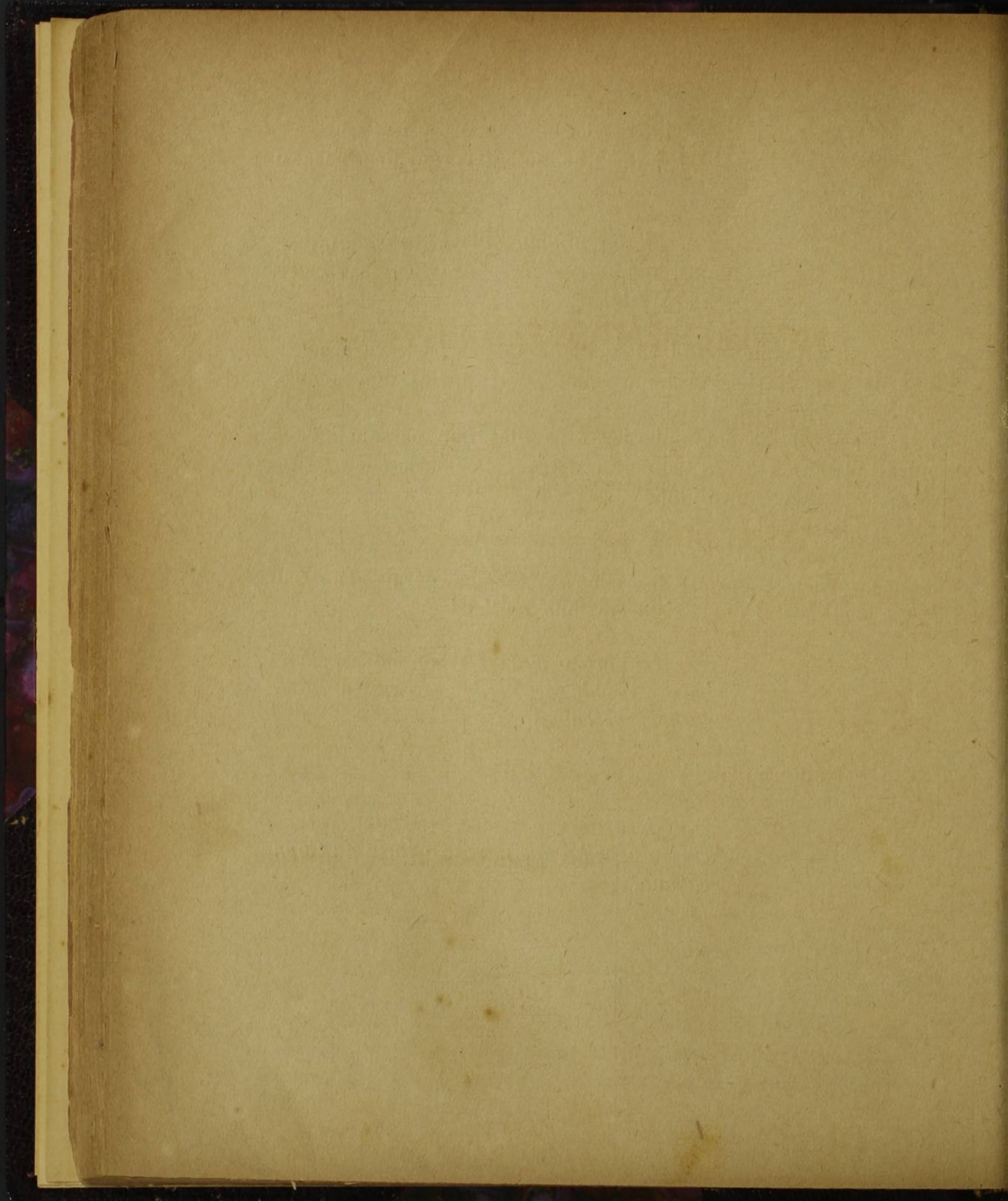
— Bárbaro!

— Não! Oh! Porque te prendo na atmosfera que tu mesma criaste. Porque te reduzo à menina permanente, curiosa, sentimental que existe em toda mulher!

*Lá fora o mar. De par em par. Ella baixou a cabeça. Perdeu a syntaxe do coração e as calças.*

— Nunca julguei que fosses tão forte!

*Serafim vai à janela e qual Narciso vê, no espelho das águas, o forte de Copacabana.*



# NO ELEMENTO SEDATIVO

onde

se narra a viagem do Steam Ship

ROMPE-NUVE por diversos oceanos.

**Mundo não tem portera**

*Burrada e paquebot*

Na véspera da Pascoela, se tendo abalado em fuga com um figaro de damas Dona Dinorah — o nosso herôe por sua vez toma bordo e barco a Kerozene e vela no Steam Ship Rompe Nuve, luxuoso e rápido paquete que seu fiel secretario José Ramos Góes Pinto Calçudo pasmara em ver com a fumaça de seus três apitos, nas folhas e cartazes do Rio de Janeiro.

Manobra a nau contra o vento traquete e põe olho Serafim em mulher viúva e môça a palrar com garboso official sobre o outeiro do Pão de Assucar. Pensa d'ahi em Dorotea longínqua e com as mãos enclavinadas no tombadilho, urra vindicta sem sequer ver a paisagem.

*Literaturas de bombordo*

Na manhã seguinte, tendo-se-lhe dado uns engulhos, eillo que deita carga ao mar. E sarando percebe a ausencia de bibliothecas, pois o paquebot as não possuê. Reclama de seu

Tau

Ag

Téc

11-1

secretário José Ramos Góes Pinto Calçudo, na mescla prostituída da segunda-classe, um livro; e este dá-lhe um dicionário de bolso de sua lavra para não confundir nem esquecer as pessoas que conhece ou conheceu.

A

*Adelina Cinira* — Atriz que amei em silêncio.

*Amélia* — Minha ama de leite.

*Amelinha* — Filha da precedente.

*Arnaldo Bicudo* — Célebre pintor de letreiros.

*Aguiar Nogueira (Dr.)* — Médico gordo que me curou de recaída de gonorréa.

*Adauta Bernardelli Schubert* — Professora systema Berlitz. Ia sempre passar os domingos e dias santos nua no malto, segundo os civilizados costumes da Europa.

*Arary (Dr.)*. Padrasto de meu amigo de infância Juquinha

B

*Belmiro* — Sujeito que conheço pouco.

*Birimba* — Pirata da Repartição e vendedor de cocaína. Acaba na cadeia. A sua fama entre as môças é porque é baliza do Sport Club Syrio e nos dias de parada sahê na frente semi-nu, mexendo aquelle negócio.

*Carlos Florencio* — Grande poeta inédito falecido na flor da idade.

*Claudina Rios* — Moça de cara grande que vivia na janela e acabou freira.

*Dona Bataclina Benevides* — Conheço-a de legenda. Ex-sogra longe do meu prezado amigo e chefe Serafim Ponte Grande.

*Carlindoga* — Exemplo da indignidade humana!

*Carolina* — Casada com seu Tadeu. Eu às vezes vou lá, dar uma prosa, depois do jantar.

*Padre Carrão* — Sacerdote da religião catholica. Um pouco jesuíta.

*Dr. Carlos Bretas* — Deputado do povo!

D

*Dorotêa Gomes* — Sapo e nuvem.

*Diva Ismênia* — Sonho que embeleza a adolescência trágica do poeta Carlos Florêncio. Se tivesse coração, se suicidava.

*Domiciano Bombeiro* — Herói das chamas!

E

*Seu Ephigênio* — Marido da Gija.

F

*Filomena* — Sujeita amalucada.

*Mme. Firmina* — Estrela de primeira grandeza da Companhia de Operas e Operetas Salvaterra. Pernas dignas de museu!

G

*Dona Guiomar* — Senhora importante da sociedade. Conheço-a de ouvido.

H

*Helena* — Filha de Seu Hippólito.

*Henriqueta* — Irmã da precedente.

*Hippólito* — Pai das duas.

Têi

11f

I

*Ignácio* — Prêto de pé escarrapachado. Foi empregado do Dr. Quincas.

J

*José Ramos Góes Pinto Calçudo* — Autor deste modesto hædecker anésico.

*João* — Diversos.

*Justiniano* — Criado da Pensão do Gallo, onde passei a residir.

K

*Kobler* — Sábio allemão e massagista. Meu vizinho de quarto.

*Kathe* — Baleia que amei uns tempos.

*Seu Kuk* — Allemão que fazia criação de gatos de raça. Faziam troça com o seu homônimo corporal.

L

*Lino* — Garganta.

*Lulū Jangada* — Arbitus elegansiorum! Seu campo de acção é o Triângulo.

*Dona Lalá* — Jovem e carinhosa esposa de meu prezado collega e particular amigo Serafim Ponte Grande.

O que lendo o nosso heróe fecha fragorosamente nessa pagina o índice e o atira às águas revoltas do oceano exclamando:

— Pintérrimo, tu erraste!

(9)

*Onde se constata a existencia de Mariquinhas Navegadeira, pesando 41 quilogramas e precavida de 25 tickets correspondentes a outras tantas bóias na Cidade-Luz, para onde vaê de mudança.*

Destorcida e airosa compatriota de Serafim, e||lla senhora e só que se abeira da mesa central do barbaças comandante e dono do navio.

— Bom dia, cavalleiros!

São sorrisos, olhares, exames. E||lla levanta cuidadosamente a saia atrás e senta-se com desenvoltura, face a nosso herói. Ao seu lado, escarrapacha-se bebericando vinho o desertor da Grande Guerra, Capitão Leão.

Mariquinhas navega. Navega Mariquinhas Navegadeira.

E se queixa de que a foram indecorosamente espiar pelos óculos da Casinha de bordo, quando em acrobáticas posturas.

O Com~~mandante~~ sorri como Noé e Capitão Leão ~~com~~menta, julgando ~~e~~stranho o caso:

— Nunca isso me aconteceu na vida! Até esta ~~e~~dade, ninguém me espiou nesse lugar!

Mariquinhas navega. Navega Mariquinhas Navegadeira.

11-2  
Th

*De como Pinto Calçudo querendo fazer esporte, enfia no óculo da cabina um pé<sup>o</sup> comprido e rema, produzindo um grave desvio na rota do transatlântico que aponta inesperadamente ao Congo Belga.*

O reverendo de bordo sentado na sua cadeira de vime e lona, relê outra vez o sermão de São Pacômio, de que tinha perdido a página.

Capitão Leão insiste junto a inconquistada de Mariquinhas para que veja a linha do Equador, oferecendo-lhe óculos de grande alcance.

Alhures, discute-se sobre a Guerra de Tróia que durou dez annos por causa das descomposturas antes dos combates.

Quando do mais alto mastaréu, o vigilante vigia descobre uma trave de enxôfre no mar das descobertas. A nova se espalha comovidamente.

— Terra! E' Jerusalém!

— Não!

— E' México!

— E' Guaratinguetá!

Então, o dono do navio tomando de um altifalante, explica que devido a uma pane na bússola e a insidiosa actuaçã do vento boroeste, estão à vista de um continente ignorado nas cartas e talvez longe dos roteiros habitados. E acresce aos brados:

— Sus! Ânimo! Eia! Ladies & Gentlemen! A esperança nos salvará deste temeroso engano e nos levará a contento a terras do Septentrião, onde a vossa chegada fará notório o esforço que obrarmos!

o  
Leão

#

Afim de trazer uma recordação do povoado chamado Congo Belga, negoceiam Pinto Calçudo e seu amo um saboroso e grã cus-cuz, antes do embarque.

E vendo de novo do lado estibordo a desolação verdolenga do mar que parece o Pássaro Sem Fim, o nosso herói recosta a cabeça, morde o salva-vidas e chora de saudades de Dorotéa, seguindo o exemplo do Último Hamlet que de botas e esporas, também soluça na Cabina P. 2.721 Deck D J — V P., por causa de outra marafona, recolhida pelos paés a um convento de freiras em Buenos-Aires.

Tei

*Em que se acabam as bolachas do Rompe-Nuve e do remédio que a isso se dá.*

qu  
e

A criada de bordo verifica na dispensa que Pinto Calçudo e o Último Hamlet avançaram nos derradeiros kilos de finas bolachas inglesas tão geralmente apreciadas nos five-o-clock dançantes de bordo.

4 Qu

Serafim Ponte Grande, arguido e vexado, oferece em pali-nódia o seu apetecido cus-cuz que é logo aceito, dividido em fatias e servido na mesa do Comandante, na mesa do Guardiã, na mesa do Último Hamlet, na mesa da Chiromante de Marselha, e por engano em outras mesas que ficam muito agradecidas.

*Em que Pinto Calçudo tomado de pânico, revela o segredo que produziu a nefasta ida ao Congo.*

Vai voz geral e consternada de que o navio não anda e em lugar de seguir a rota do Norte, bordeja na direção Sul-Este-Noroeste.

Um violinista irrompido da terceira classe harpeja nocturnamente o Jocelyn para a quiromante de Marselha que goza a calmaria. A nau é uma rocha quieta sob as mesmas bambinellas celestes. Estrelas sufocadas e enormes espiam-na com ironia. Estão já todos confessados e prontos para falecer.

Eis senão quando na atenciosa madrugada, José Ramos Góes Pinto Calçudo que se conservara insomne de camisola, vai bater resolutas pancadas no confessionário do padre que acordado se diverte ouvindo as matinas de um gramofone.

— Meu paê! esconjura o recém-apparecido. Pare essa carangueijola! Como vejo que esta encrenca não desamarra, o melhor mesmo é confessar e comungar! Mas a deficiência das instalações desportivas deste transatlântico é que me fez ter a horrível lembrança do que planejei e consumei. Fui eu, fui eu meu Paê, que virei o Rompe-Nuve para as fornalhas do árido continente. Minhas clavículas e bíceps careciam de remar. Passei um paê comprido pelo óculo do camarote...

Padre Narciso surge em ceroulas de cadarço.

— Cadê o pau, meu filho? Onde está o pau?

O infeliz soluça de joelhos.

— Atirei o pau no Atlântico!

A primeira providência tomada em conselho pelos maiores, Guardiã, Mestre, Contramestre e Jôta-Piloto é campear o pau perdido nas ondas.

Mas como Pinto Calçudo pôsto a ferros quentes, descreve o fatídico remo como sendo apenas um corrimão de escada, furtado na calada da noite, ordem se dá para que tudo que seja pau, varejão, porrete, mastro, mastaréu, taquara, verga, chuço ou manguera seja urgentemente arrancado e enfiado a título de remo, nos óculos das cabinas.

E os turistas a postos mergulham esperançosamente as hélices pontiagudas na massa inerte do líquido estafermo.

*Transformado em galera e fazendo força nas máquinas o Steam Ship alcança enfim mares ventosos em regoijo de que se dá sessão de cinema, seguida de um leilão de prendas.*

O Rompe Nuvem atinge o 315.º de latitude noroeste, dá uma culapada e apita. Todos constatarem estomacalmente que o navio abriu na sola. Nosso herói é o primeiro a ter náuseas. Em pleno *dining-room*, espirra do nariz sobre um prato de couves a massa branca do almoço mal digerido e apressadamente os stewards e stewardesses o conduzem de maca para a cabina.

A noite, a pedido de diversas famílias o Rompe-Nuvem pára da volada em que vai, afim de se promover uma exhibição de films que é levada no alto da chaminé do navio para todos enxergarem e rirem, seguindo-se depois um disputado leilão de prendas, em que o secretário de nosso herói revela e mostra as suas capacidades de leiloeiro.

*De como um papiloma chamado berruga vegeta inopinadamente na cabeça de Pinto Calçudo e dos transees que elle vem a passar*

Todas as manhãs, na ansia de descobrir portos, ilhas e continentes, o activo secretário resgatado pelo ouro de Serafim Trepa no pau-de-sébo da proa e espia improficuamente os horizontes uniformes.

#  
me

rt

O grumete que dá a mão na escada delicadamente o interroga sobre a natureza e origem da protuberância que se espe-  
vita dentre seus ralos cabelos.

Pinto Calçudo colloca rapidamente a mão no crânio e sente  
um calombo duro. Procura inutilmente torcê-lo e arranca-o.  
Horrorizado busca um espelho com a Chiromante de Marsella,  
depois outro maior com Mariquinhas Navegadeira.

— E' uma berruga, dizem todos unisonamente.

O médico de bordo, chamado e acudindo, vai consultar os  
seus livros e declara que a berruga chama-se Papiloma.

Pino Calçudo ardendo em febre e apalpando a sua calo-  
sidade nojenta e mole, é conduzido na maca atrás referida até  
os portões da enfermaria que se abrem e se fecham com estrondo  
como o Inferno de Dante.

Para não ouvir a conferência clínica, dão-lhe uma cristal  
de narcótico.

Depois de uma calorosa discussão, concordam que o pa-  
ciente está impaciente devido a uma súbita e extemporanea ap-  
pendicite no osso interior da cabeça também chamado esterno  
cleido-mastóideo ou seja ápice da otolaringologia.

*De como o impávido Capitão Leão após ter produzido um  
soneto se atira ao pélagos verde mar pela vigia do bergantim.*

Eis senão quando o mocinho serviçal do salão de barbeiro  
tendo ensaboado as bochechas periclitantes do inclito militar em  
questão, entabola com elle o seguinte diálogo:

— Então seu Capitão, tem gozado muito as pequenas de bordo? Vieram me dizer que o senhor não casa com Dona Mariquinhas Navegadeira porque ella corta o cabello á la caniche!

— Mas ella parece ser uma moça séria!

— Que séria! A primeira vez que entrar aqui com parte de pentear as pestanas, eu dephnduro nos beiços!

— Mas ella é virgem...

— Virgem? Só se fór do sovaco! Pois eu conheço um alfaiate que passou um mês e meio com ella, em Santos, fazendo todos os números.

# O Capitão visivelmente traumatizado, deixa-se inundar de pó-de arroz Azúrea, de loção anti-caspa e de extracto de Melancia orgânica.

Chegado ao beliche, toma de uma máquina de escrever e assim começa os quatorze versos de um soneto:

*Nunca pensei que tu não fosses virgem!*

Findo o qual, bebe de um trago o vidro de tinta e afunda de cabeça na cabaça do oceano, rompendo com o baque o pesado silêncio da navegação, tendo antes lançado uma última grelada para a fatal cabina de Mariquinhas Navegadeira.

*Onde o aparelho de telegrafia sem fios incapacitado de transmissões pela distância que o barco guarda de terra a terra, acha a sua finalidade na berruga atrás descrita.*

A êsse tempo os médicos enfiam inutilmente os seus afiados facões na berruga epidêmica de Pinto Calçudo que deita sangue, espirra caldos mas não cede.

Em nova conferência, os esculápios comentam e aprofundam o estranho caso.

— Para mim trata-se de um simples tumor inchado...

— E se fôsse uma mordida da môsca Tsé-tsé?

— Ora, caro collega, o paciente continua acordado e trêfego.

— Que idade terá êle?

— Mistério tão grave como o da virgindade da Dona Mariquinhas!

— E se empregássemos a electrocução parcial?

Todos concordam num gesto unânime e ordens são dadas para que chovam raios de T. S. F. sobre a pontiaguda excrescência.

Logo para as grandes festanças de bordo, comemorativas da passagem da linha do Equador, improvisa-se uma enorme piscina sem peixes nem caranguejos, nem siris.

Ahí, Pinto Calçudo passa nũ horas e horas, impedindo que as damas se utilizem de tão agradável refrescante, alás inficionado pela sua asquerosa berruga.

Chegada a hora da Festa de Neptuno, o nosso secretário com umas barbas postiças faz de Deus dos Mares e a graciosa Mariquinhas de Deusa dos Ventos, jogando a água Serafim e outros inexpertos viajantes, sob o jocoso pretexto de baptizal-os.

No banquete o resto do champagne do Rompe-Nuve espouca e baba nas taças. Mariquinhas e Pinto Calçudo entoam de mãos dadas o célebre dueto do Rigoletto, no que são interrompidos de furiosos applausos e bises.

T

Tiá

Tina  
11-l

ha

*De como Pinto Calçudo querendo fazer o “Ôlho do Porco”  
produz um desenho i<sup>m</sup>moral pelo que é de novo p<sup>o</sup>sto a ferros.*

Logo uma com<sup>i</sup>missão de mo<sup>ç</sup>as vestidas de azul e branco vem chamar o trêfego e popular secretário para a disputa final dos brincos de bordo.

Êle abandona a mesinha do bar, onde jogava dados com o Ú<sup>l</sup>timo Hamlet que por signal anda sempre de botas lustrosas de montar.

E tratando-se de desenhar o “Ôlho do Porco” de cara vendada, Pinto Calçudo não tarda em produzir no soalho do tombadilho uma piroquinha, razão por que o Capitão apita, o Rompe-Nuve estaca e quatro robustos marinheiros o agarram e trancafiam nas masmorras do porão.

*Onde a berruga intercepta um radiogram<sup>a</sup> em que se fala  
de piratas e do doce alvorô<sup>ç</sup>o que isso causa a bordo das cabinas  
femininas.*

A providencial e horrenda berruga do malogrado secretário faz com que não muito se prolongue o seu segundo capti<sup>v</sup>eiro.

Mais que ninguém, após o sucesso do dueto do Rigoletto, a jovem e apreciada Mariquinhas Navegadeira inquieta-se pela evolução clínica do papiloma que tôdas as manhãs é estrelado de raios na cabina telegráfica sem fios. E consegue um vale do Comandante para acompanhá-lo como fiel enfermeira de avental e bidê, piedosamente seguida pelo Último Hamlet.

Num lindo occaso, estão todos locupletados de gin, cantando ao ar livre, em redor do piano onde gaiatamente se senta Padre Narciso.

Eis quando pálida e trêmula, entra Mariquinhas Navegadeira relatando que Pinto Calçudo recebeu na sua antena encefálica um rádio anunciando a presença de piratas, trágica nova que circula no Rompe-Nuve, deixando tôdas as passageiras geladas de apreensivo e falso horror.

*De como Pinto Calçudo por causa do jôgo de futebol promete cortar um argentino de alto a baixo, com uma afiada navalha de barba que mostra e faz reluzir.*

— Pois é o que lhe digo. Era uma vez o tal Dom Juanito no primeiro pôrto nacional em que descermos!

Enquanto Pinto Calçudo assim se expande para um parceiro de pocker chamado Paulino Guedes, o argentino reúne um luzido grupo de senhoras e senhoritas no bar e oferta-lhes cocktails, mandando convidar o zangado brasileiro afim de terminar a briga em risonha tertúlia. Mas Pinto Calçudo dobra-lhe duras e indignadas bananas.

Muito diversamente, o nosso herói entregue a nobre cogitações, produz os seguintes versos que passam de mãos em mãos com justos louvores.

11-6

#

es

Poesia de bordo

A noite desce qual um pássaro inclemente.  
Sôbre a grã<sup>ã</sup> vasta amplidão.  
Nem uma canoa no grave horizonte marinho.  
Só zéfiro acaricia.  
O crepe-santé da água quando tudo invade.  
O mantô da Nostalgia.  
Numa lúrida e doentia  
Mas agridoce saudade.

Assi a noute caê  
Assi a noute vaê  
Estão todos roncando nas cabinas  
Só vivem e resfólegam  
Do navio as usinas  
Co seus vastos pulmões  
Remexendo os porões

ss  
Mas numa beleza pagã  
Logo resurge a manhã  
Co seu loiro clarão

Tudo são cantos  
Tudo são gritos  
Tudo são mantos  
De luz e apitos  
A's v<sup>ê</sup>zes... do Capitão

*Movietone*

ou

*Interpelação de Serafim e definitiva quebra de relações  
com Pinto Calçudo*

Aparecido que foi o frio anunciando o pôrto de Marse-  
lha, os passageiros do Rompe-Nuve num só gesto põem luvas,  
écharpes, sobretudos e agasalhos que fazem a sua aparição com  
as dobras e os fedores das malas.

Na noite estrepitosa Serafim passeia para cá e para lá.  
Chegam-lhe os ruídos da farra de despedida em que a voz nasal  
de Pinto Calçudo tudo domina, produzindo balbúrdia e riso.

Vendo-o levantar-se tragando um cigarrinho e se dirigir  
ao W. C. o nosso herói intercepta-lhe a marcha e passa-se entre  
ambos o seguinte dialogo:

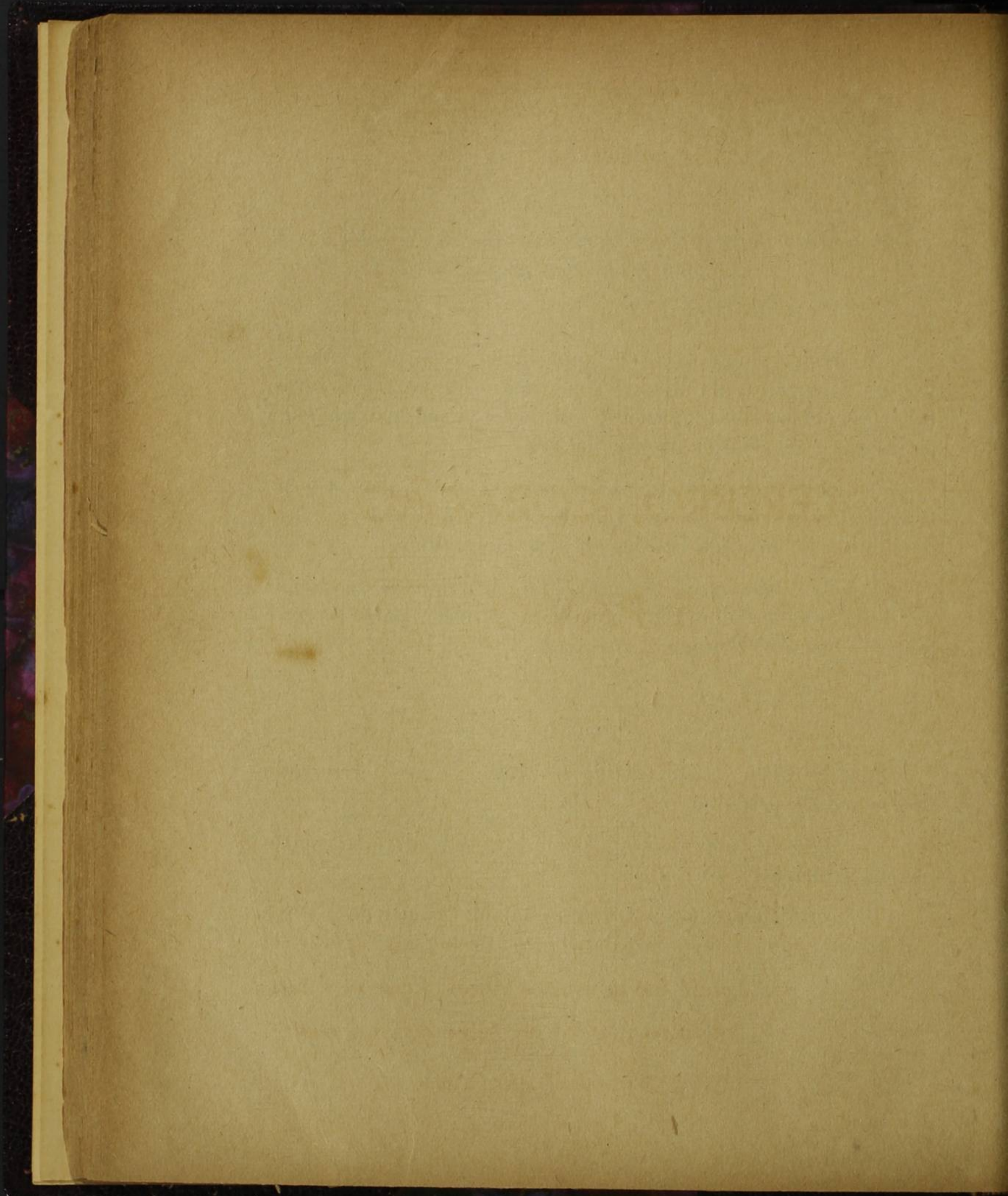
— Venha cá...

— Agora não posso. Estou com famílias.

Mas Serafim insiste; dirige-se atrás d'ele até o reservado  
dos homens e grita-lhe:

— Diga-me uma coisa. Quem é neste livro o perso-  
nagem principal? Eu ou você?

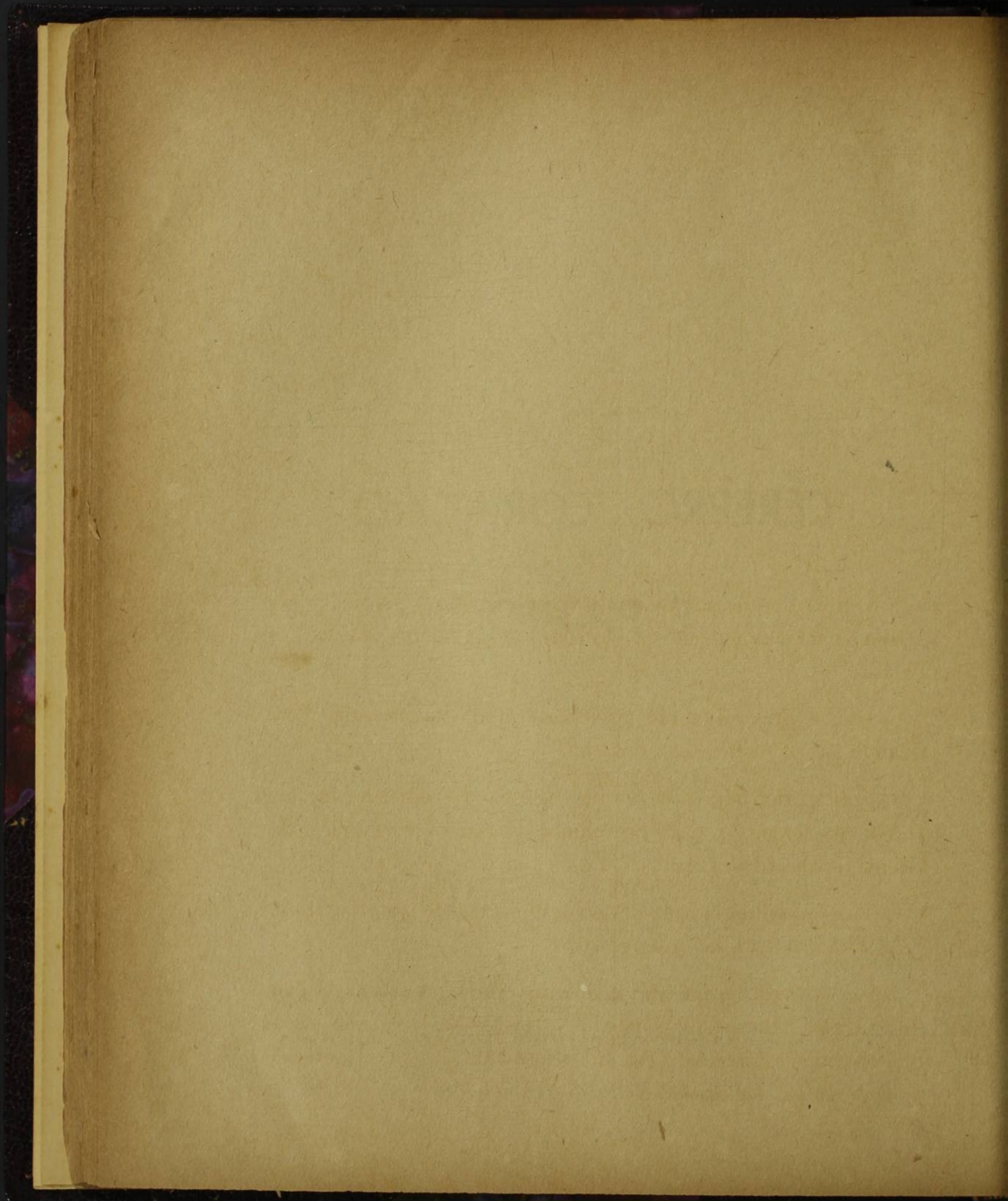
Pinto Calçudo como única resposta solta com toda a força  
um traque, pelo que é imediatamente posto para fora do  
romance.



CÉREBRO, CORAÇÃO  
E PAVIO

onde havia muitos tigres, Leões, e todo  
o outro gênero de Alimárias nocivas

*História Trágico-Marítima.*



Um mês após, um homem trajando violentas polainas demi-saison subia calmamente a Avenue des Champs Elyseés em Paris.

Os leitores já terão advinhado que era Serafim Ponte Grande.

Sob o elefante pedrês da Étoile, descobriu-se ante a flama do Sovenir e pela portinhola do Arco em espiral subiu setenta e quatro degraus.

Paris ajoelhou a seus pés coberto de lagartixas arborizadas. Elle, então digiriu-lhe este ora viva!

— Fornalha e pecego! Domingo de semi-deusas! Egipto dos faraós! Roma de Garibaldi! Dás dobrado o que as outras capitais oferecem! Ao menos, dentro de tuas muralhas, se pode trepar socegado!

**PERN' INO**

Saia branca

Engomada

Das avós brasileiras

Repólho de pecados

Fábrica de suores

Ninho de bebês

Onde estás?

Em que arca?

Te

Saia de dançarina

Das senhoras honestas

De meu século

Rala

Pétala

Vaés subindo

E deixando ver

Nas ruas, nos bars, nos automóveis

Os troncos florestaés

Onde eu mergulho

Re

Pernas

Pra que te quero!

## NA ROTONDE

Um garçon apressado lhe serve num copo leite coloidal com chicória azul, do outro lado do Sena. Ele bolina imediatamente as senhoritas Tzatta, Chipette e Dedê e com ellas passeia e faz confidências.

Tzatta e o chinês das fourrures. Chipette e o preto dos tapas. Dedê e Serafim dos bons modos.

Estamos em Montparnasse.

## PATINAGEM

Grudam-lhe lâminas nas sólidas patas e soltam-no como um palhaço para gozo de Dona Lalá.

O Palais de Glace funciona na música.

## NOITE DE ESTÓPA

Serafim entre as pernas de uma radiola. 3 horas e 21 minutos nos relógios deitados. Silêncio de nozes.

*Ela* — Como você ronca!

*Ela* — Vou dormir com a cabeça nos pés!

*Ela* — Vou mesmo...

*Ela* — Você não ouve?

*Ela* — Melhor é dormir com a cabeça na sua barriga...

*Ela* — Você não quer?

Levanta-se. Accende um cigarro. Serafim começa a sonhar que está andando a cavalo num campo verde.

DO

## DECEPÇÃO D'AMOR

11-2  
Nas 24 horas seguintes, <sup>ele</sup> tropica numa italiana cinematizada do Hotel Lutetia e combina de jantar e suarem juntos. Mas quando <sup>ele</sup> foi buscá-la num elegante táxi, ela fugira nos abraços de um gigante para o Alcatrão da Noruega.

## ÉPOCA MAQUINISTA

— Major Duna Sabre, ex-ferido da Conflagração! Appareço-lhe no meu papel. O de vir ao seu luxuoso hotel, oferecer-lhe, já que está na Cidade-Luz, a última invenção dos incendiados bolevaros! A Mariquinha do Livre Arbítrio! Nem mais nem menos. Funciona como fonola, também como radiola! E como Paris-viril. No segundo centenário de Kant, fui eu que instalei a primeira em Koenigsberg! O professor Freud, de Vienna, encomendou-me sete dúzias! Trabalha com pilhas sêccas. No automóvel, no autobus, no avião, no watercloset! Decide as indecisões! Mata na cabeça as abulias! Diverte, remoça, espevita! Eu acho-me no meu papel. Shopingar a domicílio...

Serafim paga e põe o vendedor no olho da rua. Depois desenrola a máquina, liga os fios, libera as antenas, recoloca os fuzíveis. Depois, deposita-lhe na grêta o nome, a idade, o sexo e uma moeda de 200 réis. Depois escuta como uma lâmpada elétrica.

E' uma complicação de logaritmos e silvos, um berreiro de Klaxons e diversos buracos de olhos.

— Volta para o regaço de Joanninha, a insone! Essa te ama com os vinte annos de Mistinguete, anônimos e doloridos. Todas as noites veste o pijaminho que lhe compraste nas Galeries Laffayette e sóca uma bronha em tua honra!

Serafim entre pundonoroso e encantado para a imoral.

## OS DRAMAS DA ÓPERA

*Carta para ser lida daqui a oito dias, quando eu estiver completamente morta e podre!*

Minha querida mamãe natural.

Esta noite, mais do que nunca, sinto-me só, brava e reganhada!

Só verto sorvetes de sangue pelos olhos, pelos lábios e pela boca.

Nem tenho mais coragem, nem fé, nem nickel!

//qu

Depois que me encontrei Chez Hippolite, com o infame brasileiro Dom Serafim que diz que é nobre! sou uma bacia, uma taramela!

Joanninha

## DO OUTRO LADO DA PAREDE

Meu laço de botina.

Recebi a tua comunicação, escripta do beiral da viragem sempiterna. Foi um tiro no alvo do coração, se bem que elle já esteja treinado.

A culpa de tudo quem tem-na é esse bandido desse Coronel do Exército Brasileiro que nos inflicitou!

Reflecte antes de te matares! Reflecte Joanninha. Principalmente se ainda é tempo! És uma tarada.

Quando te conheci, Chez Hippolitte querias falecer dia e noite. Enfim, adeus.

Nunca te esquecerei. *Never more!* como dizem os corvos.

João da Slavônia.

## CUCEGAS

Na mesa perniciosa do Barão Tapavento, Dona Branca Clara, rainha da beleza, belisca-o. Porquê? Porque Dona Branca Clara o beliscaste-o?

Mas ella que sorri como um isqueiro:

— Escuche Dom Serafim. Eu lhe falo com todo o desparamento de que uma católica fogosa é capaz. Um homem só bolina e diz que ama para fazer da protagonista duas coisas — ou sua esposa ou sua sobancelha...

Serafim some pelo escapamento

**O AMOR — poesia futurista**

*A Dona Branca Clara*

lh  
Tome-se duas dúzias de beijocas  
Accrescente-se uma dose de manteiga do Desejo  
Adicione-se três grammas de polvilho do Ciúme  
Deite-se quatro colheres de açúcar da Melancolia  
Coloque-se dois ovos. Hg  
Agite-se com o braço da Fatalidade  
E dê de duas horas em duas horas marcadas  
No relógio de um ponteiro só!

**MISSIVA A UM CORNO**

Coronel

Enganei-lhe com um cavalheiro ignorado. Foi devido a um *coup-de-foudre!* Subi ao quarto dele, na Rua dos Mártires. Fiz o amor e tive uma grande desillusão.

Joanna a louca

P. S. Creio que estou grávida! O paê deve ser S. Excia. o fura-camisas!

**NUIT DE CHINE**

— Branca, oh Branca Clara! Que posso esperar enfim, depois de tanta sala de espera?

— Mas que deseja?

— Tudo!

Silêncio de terceira velocidade. O chauffeur penetra no Chinês.

Na sala verde, bojuda e letrada, orientais e lanternas param em dansas esfregantes, em dansas pululantes. Um inglês velho mergulha no uisque invisível duma espécie de midinette turca com olheiras. Enquanto uma miss esbelta atravessa a nado o canal e chama o chamado do Oriente como um cachorro para copular de pressa, de óculos.

— Sabe de que mais, Dom Serafim, todos os homens que se aproximaram de mim até hoje, brocharam. Todos!

## DIETA

No céu quente da Lorena, há um cheiro de pinheiraes dos Vosges, outro de fromage á la creme e outros cheiros.

E' quando uma francesa pintada de inglesa briga com o Pavilhão de Ceres, donde tira carinhosamente um animalzinho achado nas ruas internacionais de Deauville, o anno passado. E dá-lho ao nosso herói como recompensa de ter-lhe apalpado as pernas num autobus.

O cachorrinho é branco malhado de marron como convém a um legítimo papa-ovo.

Commoidamente e orgulhoso, o neô proprietário batiza-o de Serafim Ponte Pequena. E leva-o laçado nas areias das alças, projetando sorrateiramente com ele afrontar num táxi do Marne, a Avenida das Acácias.

## O IMPÉRIO DE BABILÔNIA

— Sê pirata! Bordeliza os automóveis! As mulheres de teu século não usam calças e são cabelludas como recém-nascidos!

Aventura e noitada com Madame Xavier, também conhecida na distinta colônia brasileira de Paris por  
“A Senhora Cocaína”

Um quarto. Uma cama. Um boião do tamanho da unha. Pompeque amarrado. Uma saudade de João do Rio.

— Vamos tomar o trocinho, meu bem?

— Vamos...

Abrem o frasco hospitalar. Mergulham na atracção imponderável, como baratas.

— Fala-me de tua immensa chance...

— Que chance?

— A tua fortuna!

— Ahn! Umas terras que herdei no Rio do Peixe.

Vácuo de pedra-pomes. Mais trocinho.

Uma atracção sexual nas lâminas sem peso. A ronda das fechaduras atrás dos trincos. Um frio estupefato, de nariz duro. Os corações maratonam como sexos.

Pompeque assusta e ainda lambuzada ella lhe pergunta o que pensa da altitude de Benjamin Constant para com o imperador.

— Não foi um ingrato?!

## BAR AUTOMÁTICO

— Fivom! Roo! Êste negócio de cocktail e cachorrinho acaba é na cadeia! Perdeste meio milhão de francos papel na roleta viciada de Cannes! E de Dona Branca Clara, a Gela-deira, nada conseguiste! Fizeste feio como os outros! O Barão Tapavento enguliu-te com pompa!

## MORALIDADE

Serafim admira de alto a baixo aquêlê suntuoso príncipe russo que o chamou no chá-tangô para o combinado encontro de Dona Branca Clara. Resta-lhe apenas da antiga nobreza uma segurança tranqüila de cáften internacional.

## A AULA

*Serafim* — Gosta você de cabeça de Medusa!

*A aluna* — Pará comêr nos sentamôs deante da mesá nos pomôs uma guardanapô nos petôs.

*Serafim* — Gosta você, cenorita, do cheiro do gás?

*A aluna* — Náo! Eu náo gostô do cherodogás porque é desagra-vádel!

*Serafim* — Toma você o lête com azucár?

*A aluna* — Sim. Eu tomô o lête com azucár. O re-  
lojo tem duas ponteiros, uma grande e uma curto.

*Serafim* — Gosta você do professor?

*A aluna* — A-pi-za-do-pro-fe-zor-é-de-lei-ta-vél!

O relógio intervém. Confusão de línguas.

## FLORIDA

Branca Clara na mesa do Maharadjáh! Súbito levanta para dançar nos seus amplexos. Diabólica, vermelha, saída de Chanel ou de um tímpano de mágica. Ilustração de cathecismo, o inferno escancarado no lampadário da terra, o tecto extravasando até o céu.

Tropeçam na bolina síndical, champanizada, na absolvição das terras sem peccado, no cheiro da música mestiça. Elle a palpa aos metros sobre as flôres quadradas do vidro rubro. Balanças machas pesam-lhe as bouillotes dos seios, compassos de tango medem-lhe os músculos das coxas, orçam-lhe os mais peludos segredos. Serafim quebra como um arco, como um estilingue, como uma frecha, como um banco.

Em cima, Deus Nosso Senhor tendo ouvido os gritos da música, abençoa os pares de Flórida e remete anjos vestidos de garçons jogarem sobre Paris bolas azuês, bonecas e teteias.

### NOTURNO

- #
- Ih! Ih! Como eu sou uma grande desinfeliz!
- Porque madama? Conte-me o seu romance!
- Nós tínhamos uma fábrica de sapatos mas meu marido pôz tudo fora... na belote!
- O que elle fazia?
- Era aviador de loopings. Mas não me apalpe! Magine se Madame Cleo de Merode me visse!

### SERAFIM MENESTREL

Dona Branca Clara.

Oh! Não vos recuseis. Senhora! Peço-lhe apenas um après-midi de vossa vida. Que é afinal de contas um après-midi? Nos separaremos ao depois. Mas levareis no vosso corpo o orgulho de teres sido amada.

O orgulho de teres sida amada por um legítimo brasileiro. A senhora sabe que um brasileiro é geralmente diferente dos outros.

E além disso por um poeta. Os poetas — já o disse Dante são aspirinas de loucura e de ferro velho!

Guardareis no fundo do vosso coração e do vosso sexo a baita lembrança dêsse après-midi.

E' o que, de joelhos, soluçando, peço-lhe.

E. R. M.

De Da Ponte Grande

Depois de devidamente sellada no envelope com uma estampilha federal de 2\$500, e reconhecida a firma, a missiva é entregue ao groom do hotel.

### RÉPLICA

Senhor

Não continue! Por quem é! Por alma de sua mãe! Não me faça mandinga!

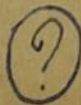
Vossa gentil missiva, poz-me em grave "perigo". Dejejo partir, fugir, fazer o golf, jogar peteca, me distrair, levar a breca!

Branca Clara

### MADRID

135  
Mulheres fendidas colocam pandeiros nos corações dançarinos, com cabelos de peopaias, sob as árvores degoladas no verão.

No espaço das mesas bem toalhadadas, mulheres sincopam como bandeiras, como dínamos nos braços esmaltados de São Guido.



Sob as árvores soltas do verão, debaixo dos balões captivos das lanternas.

A orquestra mistura falas, altifalantes, serrotes e gaitinhas.

Elle a desfolha do fundo dos pampas, em função de nostalgias aritméticas. Ela encheu-lhe os bolsos dos mais caros Sullivan com algodão drogado, dos mais finos Philipp Morris.

Quando os fofoestrotos mudam da languidez balanceada para pernas de passos longos com uma taboá na cabeça de hemisférios engastados.

Serafim segura o hálito de Branca Clara os cabelos de todo o corpo depilado, o ventre que indica o gelo central da terra.

## INTERNATIONAL-SUMMER

Nove horas de verão. A tarde provinciana demora a ver se vê os efeitos luminosos. Caçadores de vermelho povoam de fornos a tarde metálica sobre o cabo da torre em luva de Champagne.

Do outro lado, sobre a Torre vertical de Paris uma radiola fofoestrota para outros planetas.

Enquanto isso, a Torre Eiffel descobre para que foi feita e pisca o b-a-bá de Citroen.

A lua medalha em prata a Exposição das Artes Decorativas. Anno 25. Século de Serafim ou da Fortuna Mal Adquirida.

## CONVOCAÇÃO

N. 13.

Tribunal dos Cachorros, 7 de junho.

Departamento da Velocidade a pé.

O sr. Esparramado, juiz de Instrução, convida o Ilmo. Sr. Serafim da Ponte Grande a comparecer ao seu Gabinete no Palácio da Deusa Justiça e outros veículos, afim de darem uma prosa a respeito do cachorrinho Pompeque. #

## GIGILOTAGEM

19  
No Perroquet vendo-o dançar o visceral charlestão com as porcelanas renovadas por um dentista epatant, já se chuchotava interrogativamente de grupo a mesa:

— Quem será esse novo e estranho professor?

## MUSICOL

A floresta brasílica e outras florestas.

Mulheres fertilizantes conduzem colunas, arquiteturas e hortaliças. Música, maestro! Matéria orgânica!

Corbeilles monumentais atiram do sétimo céu dos copos brancos ananazes de negras nuas.

13  
Periquitos, ursos, onças, avestruzes, a animal animalada. Rosáceas sobre aspargos da platea. Condimentos. As partes pudendas nos reflectores. Síncopes sapateiam cubismos, deslocções. Alterando as geometrias. Tudo se organiza, se junta colectivo, simultâneo e nuzinho, uma cobra, uma fita, uma guirlanda, uma equação, passos suecos, guinchos argentinos.

Serafim, a vida é essa.

## PNEUMÁTICO

Um almoço oficial no Ritz com diversos banqueiros e algumas celebridades homossexuais impediu-me de vos visitar na ponta do fio, a uma hora.

Paris está horrível. Cheio de amas de leite e sem leite, desembarcadas do canal.

Do teu  
Pequenerrimo

## SERAFIM NO PRETORIO

### O bordel de Têmis

ou

### Do pedigree de Pompeque

*Salomão* — Vocês aqui em França têm o hábito de substituírem os meninos e meninas pelos cachorros e cachorras.

*Serafim* — Eu não sou de França, Excellencia! Venho através de algumas caldeações, procurando refinar o tronco deixado numa praia brasileira por uma caravela da descoberta. Tronco que se emaranhou de lianas morenas...

*Salomão* — Ná! Ná! Ná! Está a gracejar? Mas a mim que vivo de conhecimento e arguição do bicho homem não me ilude. Quer por ventura afirmar que o príncipe da Gran-Ventura que o Tout Paris admira vem dos sertões de Pau-a-Pique?

*Serafim* — São Paulo é a minha cidade natal.

*Salomão* — A Chicago da America do Sul. Mas nunca me convencerá que a sua desenvoltura que tão preciosa torna a sua estadia entre nós, é originária do Anhangabaú! Guarde para desespêro de sua modestia esta pequena verdade: o meu amigo vem de Florença. E sabe de que Florença? Da dos Medici!

*As testemunhas sorriem e depõem. Ninguém não viu nada. Afirmam mesmo que Pompeque não foi colhido pelo auto fatídico CJCDVTH<sup>2</sup>O. O que deu-se foi que apenas o número pregou um susto no travesso mamífero. O juiz, porém, não discute. Aceita a versão queixosa e condena os imprudentes automobilistas a cem talentos de multa ouro.*

*O réu-líder — Isto é que se chama uma verdadeira arbitrariedade! Um cachorro sem raça nem jaça! Papa-ôvo legítimo! Um cachorro que vivia no meio da rua, cheirando — com perdão da palavra, dejeções cavalares!*

*Serafim — Não é facto. Eu tive muita e muita vez o cuidado de atravessar os bolevaros nas horas de movimento com ele ao colo.*

*A co-ré — Senhor juiz. Foi então uma fatalidade. V. Excia. não ignora que os automóveis são feitos para deslizar no asfalto embriagado das vias públicas...*

*Serafim — Mas não para esmagar pobres e vertebrados animaluscos!*

*Salomão (berrando) — A argumentação do queixoso é invencível! Confirmo a condenação conforme o art. 439 g. P.? E do Código do Meio da Rua.*

*Os réus, de cabeça baixa, retiram-se do banco dos réus e vão ao Banco dos réis. Pagou a multa ao hussier com um cheque de fundo falso.*

*Serafim — Afirmam-se no meu espírito a noção que eu sempre formara da alta imparcialidade dos juizes de França Viva a França!*

*Salomão — Muito gentil! Trés chic! Agradeço-lhe em*

nome da Justiça. Mas fique sabendo que a França de hoje não é feita por nós francezes primogenitos da Igreja — apesar de todas as autênticas velleidades revolucionárias. Isto aqui é uma espécie de zona neutra, onde se exercita a calligrafia sexual dos povos liberados. Oh! Oh! Pobre Pompeque!

*Serafim* — Pobre Pompeque! Eu estava justamente reconstituindo a sua genealogia. Tinha chegado à conclusão de que o pai pertencia a um florista. Gente modesta, gente que faz os animais dormirem no próprio leito conjugal. Mas, justiça seja feita, que os lava todos os sábados.

*Salomão* — Era um cachorro de grandes virtudes!

*Serafim* — Algumas... Sabia muito bem fingir que tinha fallecido. E latia muito nas fortificações. Infeliz Pompeque!

*Levanta-se a audiência, inserindo-se na acta um voto de profundo aborrecimento pela desmaterialização de Pompeque.*

### POEMA OVAL

Eu gosto de ovos  
E de balas de ovos  
E de ovos duros  
Com linguiça allemã  
E boa cerveja  
Eu gosto de ovos mexidos  
Poached & scrambled  
Com bacon & toast  
Em Londres  
E chá da China  
Mas gosto mais  
— Lá isso gosto!  
De tomar ovos quentes  
Co'a Serafina

## CUDELUMES

Hova-i  
Tss

Serafim pisa as escadas subterrâneas da Rue Daunou e encontra no ~~newyorkino~~ zinco do bar que o espera solitário a cabeleira esguia de um jovem artista arquiteto e pintor da Grande República Estrellada da América do Norte, o qual admira os alemães pelos seus dons polísexuais. Tqu

— O uranismo entrou em franca decadência...

— Sim, a promiscuidade...

— Perfeitamente, a promiscuidade, como nos povos anteriores ao alfabeto...

Estrelas verticais passam na noite de cantos negros.

— E sobre o eterno feminino?

— Adoro as mulheres de Dumas Filho...

— E os homens?

— Os de Dumas Paí!

— Garçon! um gin secco, um side-car e especiarias!

Nosso herói oferece ao joven moço recondução, hotel e vias urinárias.

## POR ROSAIS E PAVILHÕES

Branca Clara faz a booca em canudo e chupa elle até a moleira numa quentura mole, dente no dente.

Tde

E como se perdem na longinquidade de Fontainebleau, estando a noite repleta de fantasmas no Hotel Gravurado de França e de Inglaterra, Jantam em Cornebiche e conseguem um único quarto d'hotel duvidoso como o Éden.

Despiu-se brandamente como uma fada que vai dar um trocadilho. Saiu para trapos de vapôres. Banhou-se em banhos da cidade de Colonia.

Solettram o luar sem lua.

## MEUS 40 ANOS

Pode ser que não sejas muito elegante de longe na rua.

Mas na cama.

Oh! Deliras

## TARAS

Apesar do sabonete inglês de verbena que aprendeu a cheirar em Deauville, apesar mesmo das cavalgatas sincrônicas no Bois, como side-car — não admite que os garçons ergam os guardanapos caídos durante as risadas empernadas dos jantares.

## VITA NUOVA

Mas eis que Branca Clara é um frio sortido no jantar parasol da Pomme d'Api. Caem na noite e no deserto da noite a mulher aparece no deserto da vida. Como uma víbora morena no contacto bem tratado da carne.

Que serviu de t<sup>á</sup>ida?

A despreocupada alure azul de campo de golf em quinto chá, toca para o Claridge, toca para o Ritz, toca para o Rumfpelmeyer.

Serafim resolve posar para o busto da humanidade sofridora.

## TAXÍMETRO

Quando êle lhe deu um ósculo e pegou na coxa de setineta, a pucela Jacquy sussurrou sem b<sup>o</sup>cca:

Oh! Vós me fazeis chorar!

Ele então narrou-lhe a proeza náutica de que pescara Joaquinha das águas turbulentas do Sena. E subindo, sob a calça, ligeiramente tocou-lhe o mandorová. Mas ella disse:

— Oh! Vós me fazeis corar!

Tquetes

A berlinda passa no kilômetro 69.  
— Morde minha stegomia!

### SAUDADES

Entre montanhas quadrilongas, caminhos saem menstruados à procura do Brasil mas logo parapeitos da minha cidade atropelam tôrres antigas que são hotéis modernos e as palmeiras são brinquedos da Rua das Palmeiras.

### DE PAPAGAIO

11/5  
Nosso herói para esquecer busca a Suissa como um relógio por via aérea. Na primeira classe do aerobus encontra o Governador de cavanhaque da Cochinchina que torna-se seu amigo comentando ambos com ardor o caso duma americana bebida de uísque que quebra a vidraça e quer jogar-se lá em baixo como Ícaro no que é impedida pelos seus criados.

— Não! Caro Senhor da Ponte Grande, mas que educação é essa, a dessas mulheres de hoje? A culpa é da Rússia! Olhe, fui soldado e fui môço e não me lembro de ter tomado uma carraspana dessas! E veja que saias. Vê-se-lhe tudo! Até os bigodes, com perdão da palavra! A's devassas, meu senhor, a terra não deve a população que tem!

### PROPAGANDA

Se Dona Lalá viesse agora de saias pelo joelho, fazer as cenas indignas do começo do volume, nosso herói a fulminaria repetindo a frase do seu novo amigo, o Governador da Cochinchina.

— Não! Mas que educação é esta? Estaremos por acaso na Rússia!

## SERAFIM NOS LAGOS

Pedregulhos vadios de Ouchy que nasceis entre montes de montanhas, diríeis as férias quando o trem passa para a Itália.

Sob o chalé da floresta funicular recenseada, florindo em flôres, mitifones e livros.



Um gramofone sentimentaliza o planeta é a alemãzinha atira os seios como pedradas no lago.

Serafim trança o braço na cintura remexente e parte pela alea pedregosa que pesponta os jardins.

Por ella deixaria a agitação, o furor, o bacará. Teria sua paz em pijamas, sua loira em chinelas. Mas passa o passado com Dona Lalá da Delegacia.

Seus olhos afrouxam sem corda com uma bola de ténis no sapato. Voltam competentes para as felicidades assustadas.

A Suíça é um sanatório.

// 5

## CULTURIZAÇÃO

Nosso herói pede ao chauffeur que o conduza e elucide a propósito dos grandiosos monumentos que perpetuam a formosa capital do Universo Civilizado. O cinesiforo leva-o à Bastilha mas, tendo sido ela tomada pelos avós dos bolchevistas, permanece só entre bocas de metros um espêto de coluna.

— Aquillo lá em cima é o gênio!

— De atas?

— Certamente.

Visitam depois o Louvre, a Torre de São Jacques e o Arco da Étoile que, segundo o chauffeur, já foi derrubado várias vezes pelos comunistas e reconstruído pelos capitalistas.

Ambos concordam que a França é eterna.

## CONFESSIONÁRIO

Prezado e grandíssimo Sr. Sigismundo.

De regresso a Paris encontrei minha ex-amante, Dona Branca Clara inteiramente nervosa.

Vive sonhando que tem relações sexuais com Jesus Christo e outros deuses. Isto é demais! Peço-lhe o socorro da psicanálise. Junto lhe envio o pesadelo de um dos seus espécimens ou um espécimen dos seus pesadellos.

-Grato pela solução.

P. G.

O aviador zangou-se. Começou falando baixo e pouco a pouco levantou a voz e tirou para fora o pênis. Eu fingi que não vi e por isso fui condenada à morte. Jesus Christo também. Estávamos numa sala muito comprida e cheia de recados. Meio escura, meio iluminada. Tínhamos uma porção de problemas aritméticos a resolver antes de subir para nos entregarmos ao verdugo. Deixamos dois problemas para o dia seguinte. Por cansaço. Despedimo-nos. Jesus Christo encostou-se todo em meu corpo. Eu desci no meio de escadas. Estava numa capela de colégio cheia de alunas, genuflexórios de alumínio e freiras. Que nojo! Resolvi fugir pelo fundo. Duas escadas subiam saindo de um estrado alto. Tudo preto, forrado de pano. Uma eça ao centro. Um padre enorme e horrível com uma máscara na mão. Para fugir, eu precisava tomar impulso num castiçal de madeira. Quando toquei as mãos nêles para passar com as pernas abertas como num jôgo de sela, uma bomba estourou e fendida fui jogada para uma altura enorme. Compreendi que tinha sido vítima de uma cilada enquanto caía desfeita em faíscas. Que dor!

Fre

Fss

## RECEITA

ms  
-l  
Ilustre balaústre.

Só um acôrdo com o subconciante de Dona Branca Clara poderá esclarecer o magnífico negativo que tenho em mãos e revelá-lo. Parabéns pelo monstro que tem em casa. Mande-o.

Sigismundo

Diagnóstico: Dona Branca Clara é uma vítima da cristianização do Direito Romano também conhecida pelo mote de Civilização Occidental

Seu José, assistente

## A CABAÇUDA

DE

## CHEZ CABASSUD

OU

### DAS AVENTURAS QUE NÃO ACONTECEM

Ele encontra no Bois do Outono a pequena relojoeira Maudy Polpuda que possuê um noivo na Côte d'Ivoire. Ela lhe diz que não acha nada feio ser rendeiro.

Ele lhe presenteia com uma bolsa encarnada de vidrilhos que na opinião dela dá-lhe um ar muito galinha. E o noivo chega da Côte d'Ivoire trazendo um dente de elefante que tem a aparência de um corno.

Vão todos ao baile de Magic-City.

## LA BANANE

### Dancing metaphysique

Apesar de ter achado o Bal Nègre, última invenção, pior do que qualquer baile de quarta-feira de cinzas na Favela, nosso herói resolve dinamitar o cérebro e a memória em companhia do célebre Raymo banqueiro marital com a própria senhora sua mãe. No corredor sonoro onde reservava mesa, tem logo em frente, atrás, do lado, em cima, Carlito, Glória Swanson, Georges Carpentier, Raquel Meller, Einstein, o dr Epitácio e Picassô.

O serrote das florestas atávicas o irmana sem barulho às orquestras mulatas e coloniaes. Nem elle inutilmente disfarça. Sobre as peles despidas por Poiret, Patou, Vionet, Lanvin, calombos crescem de perlas, e verrugas verdes de safiras, guinchos de negros, copos de lamparina e de dentista e animaes de todas as Áfricas vestidas se esfregam nas fêmeas brancas.

Ora, elle é da raça vadia que passa o dia na voz do violão. Sambas e queixumes. Tanguinhos de cozinheira. Valsas das cidades.

— Meu caro amigo, o Brasil é isso. Daqui a vinte annos os Estados Unidos nos imitarão.

— Só temos um inconveniente: as baratas. E também os nomes das ruas não evocam coisa nenhuma! Largo do Piques!

## SURUMBA

Parece um cigarro caipira numa tabacaria de Old Bond. Nas halls millionários sentam mulheres de pernas gitanas vestidas de defloramento, em mauve, em azul, em cardeal, em

cocktail, em fumigação. Largando as cascas de papagaio e jaguatirica, para o esfregamento dos tangos matemáticos. Dos black-botton massagistas.

Conduzidas por uma geração invertida desembarcando do cinema com óculos, cabelos engomados de índio, músculos de ring.

— Im sorry sir!

No bolso do seu collete chamalotado por Sulka inventariar-se-ia uma palha tresmalhada de milho e um canivete Roge comprado no mercado de Mogy.

Raymo, o banqueiro, introduz nosso herói nos escritórios da Interastral Quanta & Radjo Railway. No cheiro automático a bundinha de cada stenô senta-se cientificamente ante a letra dum alfabeto cego e a borracha dos papéis perfurados pneumatiza 600 mil palavras por minuto.

Relógios imperturbáveis, arcangélicos oscilografam ameaças interplanetárias. No silêncio monumental a morte se espirala nos transformadores. Até parece a precisão dos tangos.

De repente a alção de Serafim afunda numa cabina, salta pelo arame agudo, finca a cabeça na atmosfera, atravessa os azuis, as tempestades, as neves, os bolchevismos escala o Everest, passa guerras, crimes, crímeas, festas antagônicas e comunica-se com Pompeque do outro lado estrelado do oceano atmosférico.

Raça dos apólogos de Machado de Assis, nunca! Dos batuques. Das batotas.

Ele é apenas o que os jesuítas estragaram — magro, desconfiado e inocente no Concerto das Nações enriquecidas pela Reforma.

Mas é o paladar mesmo da aventura.

## ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Rios, caudais, pontes, advogados, fordes pretos, caminhos vermelhos, porteiras, sequilhos, músicas, mangas.

E no fundo os juncos milenários, as caravelas e os malucos.

Como foi! Como foi! Pinto Calçudo atolou numa franceza. No país animal foram as sanzalas que mandaram as primeiras embaixatrizes aos leitos brancos.

**BIBLIOTECA DA JUVENTUDE**

---

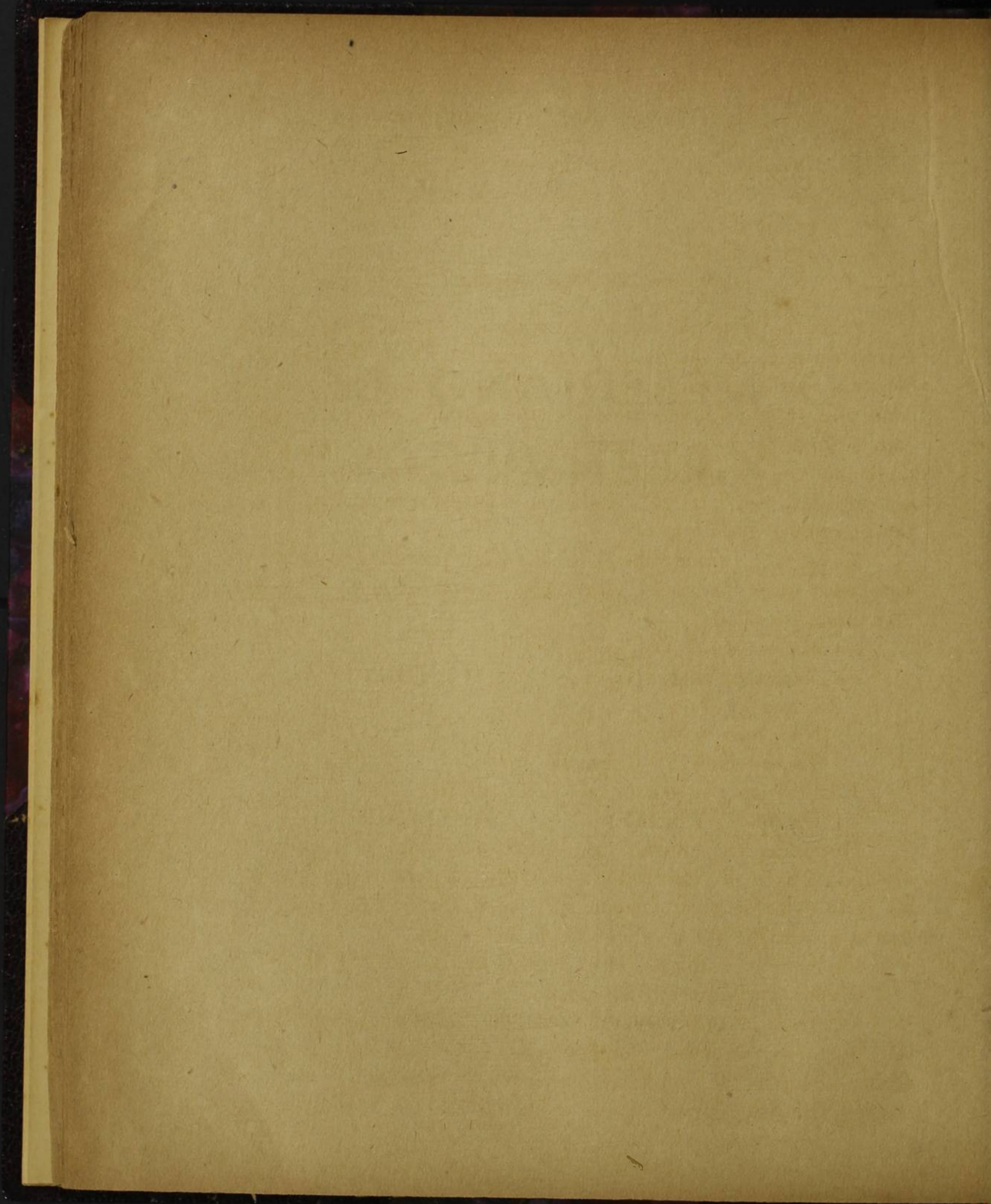
**O MEREDIANO DE  
GREENWICH**

**ROMANCE DE CAPA E PISTOLA**

**EM 4 PARTES E 1 DESENLACE**

“Andando mas mas se sabe”.

*Cristovão Colombo e outros  
comissários de bordo*



## I — A Viva morta !

Como no bôjo de cada transatlântico existe uma mulher extraordinária, na saída do pôrto, Serafim Ponte Grande deu de cara com a graça presente do “Conte Pilhanculo” que os conduzia à cidade de Cecília. Era uma morena, morena e môça com a boca imobilizada num assento circumflexo e uma sardinha na asa do nariz. Um birote de meigo tom encarecia o seu aquilino perfil grego. Conversava desembaraçadamente sobre câmbio e após guerra.

Na tarde seguinte pilhando-a só e triste no salão de bilhar e esperando que ella tivesse terminado uma carambola, disse-lhe com uma barretada:

— Madama, sois vós itálica?

— Não, meu senhor.

— Turca?

— Não, meu senhor.

— Venezuelana... Chinesa?

Ella esfregou o giz no taco e sussurrou:

— Eu sou a solitária!

Horas depois, conversavam interessadamente. E a conversa rodando e parando, enveredou sem tardança para as apreciações do justo valor de viver. Sendo uma entediada de alto bordo ella tentou provar-lhe que a existência de nada valia.

— A vida é uma besteira, Senhor Barão!

Houve um silêncio filosófico.

— Ao lado de Vossência! redargüiu Serafim galantemente, Nas horas em que nosso heróe se achava só, o seu coração guinchava aterrado por numerosos espectros. Sobretudo o Carlin-doga e Dorotêa Gomes!

Ora, uma mulher nova e bela, mais que bela, duma severa beleza, se apresentava agora à sua pornográfica imaginação. Ela existia, estava ali — viva e morta! Viva porque suas pulsações latiam como cães de fila sob a moldura da *cúti*s num ritmo adolescente, tudo, tudo prometendo mas nada dando... E morta porque não vivia a vida estouvada daquela coletividade cheia de ingleses calidos em infância, às primeiras milhas de distancia das leis e dos costumes da terra firme.

Os ingleses quando estão juntos sejam talvez o único povo que sabem viajar a bordo de um navio. São duas, três, quatro até meia dúzia ou mesmo dúzia e meia de semanas de um esporte infernal que invade os corredores, as salas, as pontes, os tombadilhos, os decks, os bars, os fumoirs, os ocasos. Como se um bando de loiros piratas tivesse tomado a muque o transatlântico. Saltos, pulos, brinquedos de sela e pegador, amarelinha, pedrinha, bolinha de gaseosa, laranjinha, entrudo, esconde-esconde, apalpa-apalpa, barra manteiga, roda, gangorra, acusado, bolina e comadre — no meio do oceano atropelado.

Ela, a Ela, mantivera-se sempre afastada de lado, sem porém que a sua vislumbra da indiferença fôsse impolida, hostil ou desagradável. Serafim fiscalizava-a com o rabo do olho!

Certa tarde, uma curiosidade comum os conduziu ao mesmo grupo de *badauds* que olhando comentavam os violentos esportes do dia. Justamente um argentino taleigo regressando na tôda de uma corrida dodivanas inadvertidamente pregou um tranco nos dois que sem quererem se deram uma mbigada. Ella pediu desculpas, corando.

Chamava-se Dona Solanja e revelara-se de uma finíssima intelectualidade. Não fôra difícil para ele, hábil manejador da psicologia feminina, diagnosticá-la. Um dia, sorvendo uma gemada no bar, disse-lhe às de queima-roupa:

— Quer saber o que de si penso, madamá? A senhora é uma vítima de sigo mesma! Uma vítima impassível!

Free

Free

11-2

— Explica-me, senhor Barão!

— E'-me fácil, minha senhora. Permitti-me porém uma certa desenvoltura de psicanálise que talvez no entanto não precise ir até o cínismo de certos escalpelamentos!

— Permittito tudo, senhor Barão, menos uma coisa, murmurou ela ruborizada.

Serafim tossiu, escarrou ligeiramente, passou o pé por cima, enxugou os bigodes e proseguiu:

— Um caracter independente, caprichoso, que não encontrando nunca a felicidade-lei tranquilamente se dispôz a gozar, encerrando a existência no prazer-ânfora!

Ela sorriu como uma fechadura e disse:

— Que grande pissiquélogo o senhor me sabe! Puxa!

Serafim modestamente observou em francês:

— Je suis une triste cire!

A verdade porém é que ele tomara vento diante daquela tácita aprovação. Continuou pois como um astrólogo fixando o horizonte repleto de astros invisíveis.

— A Senhora já soffreu pra burro! Mas agora não vê que soffre mais. A Senhora anda agora num estado se me permite verdadeiramente perigoso não para a Senhora, mas para o resto da humanidade masculina!

Houve um divino silêncio apenas turbado pelo barulho poético da ventania.

Mas meia hora após vendo-a meditando, ele ofereceu-se-lhe cavalheirescamente em holocausto:

— Minha fé de viver talvez lhe possa ser útil!

Eis porém que o contágio da tristeza dela foi mais robusto que a permanente dinamite anímica de Serafim.

Ele viu aquêles lábios feitos para dar chupões, estalar beijocas e fazer boquinhas pronunciar estas palavras tumultares:

— Para que recommençar êste jôgo sem fim. Não pense que tenho medo do seu Cupido. Não! Só que não me interessa.

E' que nem a corrida de batatas. Nada não me interessa. Pronto!

Dirigiu-se num passo de garça para o beliche.

E o nosso pobre e distinto barão ficou olhando num vago desespero o mar malvaceo, a quem já fizera versos. Vieram-lhe ao cérebro as cores negativas do Passado. E elle se pôz a raciocinar desta maneira:

— Porque, oh! porque tanta belleza junta! Porque a brancura sibilante do navio, força geométrica armada e bussolada para a visita de tôdas as nações? Por quê? Para eu viver dentro sofrendo e penando? Penando e sofrendo?

Serafim de noite envolveu-se no smoking e foi para o bar tomar outra gemada. Mas logo achou pau estar consigo mesmo. Tornou à cabina e ficou de ceroulas. Mas só cochilou quando a homérica manhã rompeu no *houblot* com os pés descalços.

## II — A mascarada flutuante

Dona Solanja não compareceu à festa que se preparara aquella noite a bordo do Conte Pilhanculo. Enquanto no tombadilho mamado de lanternas a burguezia exhibia o seu fulgurante carnaval para a risada do Oceano, ella só, rainha do seu camarote com banheiro, despiu-se e ficou nua na cama. Então no silencio apenas turbado pela lucta das hélices contundentes contra a molleza horizontal do oceano, decidiu abrir a carta que elle lhe mandara pelo guarda noturno.

Ele havia obedecido. A sua altivez de homem e de barão tinha-se dobrado ante o gorgueio de seus gestos. Ela tinha exigido d'ele uma declaração de amor por escrito.

Entretanto dessas páginas jogadas sobre o característico papel de bordo como o ouro generoso de um millionário ao acaso de uma roleta, aprumava-se como um falus sob uma calça o duro nervo de uma personalidade.

Ella, Dona Solanja, antes pelo contrário, era uma papa

(?)

mole. Suas avós a tinham entregue, indeciso botão, às unhas calvas das últimas detentoras do Convento da Chartreuse d'Avant-Guerre.

Quando ela se viu livre das taes freiras, o seu horror pelas novenas, missas, procissões e badalos era definitivo. Esperava então a hora de pôr nocaute o chamado sexo forte. Mas essa hora não souu e ela então deu o fora em tudo! Desde ali só duas coisas a emocionavam: os galgos e o schuvim-gum.

Ele, ao contrário, desde os mais tenros anos, tinha sofrido o embate dos jacarés e das minhocas de sua terra natal e provavelmente adquirira o bicho carpinteiro que levava outrora os seus gloriosos antepassados — os bandeirantes — aos compêndios geográficos do Brasil.

Ela só tinha uma preocupação: procurar a beleza por fora. Ele, ao contrário, gostava da beleza por dentro.

Mergulhado nessas e noutras cogitações, nosso herói procurou o bar afim de buscar o reconforto de mais outra gemada.

Ela só gostava de frescos. Ele adorava a máscula luta e nas horas de lazer costumava se exercitar no difícil jôgo da rasteira. Mas o amor agora o tinha fisgado!

Naquella noite, vendo desenvolver-se na ponte galharda do transatlântico, a humilhante terça-feira gorda de todos esses abacaxis que navegavam — ao seu espirito, onde permanecia predestinada e fiel a imagem della, subiu uma vaporosa forma feminina. E elle comparou o desprezo solar de sua nova amiga, deitada a essas horas no silencio ortopédico da cabina, com o resto.

### III — A sombra retrospectiva

Pensando bem, Serafim Ponte Grande, apesar dos pisões, não tinha nenhuma razão de andar jocoso e alviçareiro. A felicidade arisca que tinha em caixa, conseguira-a, como o restante dos homens, através de humilhações e pedidos, de roubos

155

e piratarias. E na verdade era feita de conchavos com o inexistente. Só uma coisa tinha sido real em sua vida: o amor de fera de Dona Lalá. E o cabaço, aliás complacente, de Dorotea!

Na noite afundada no mar, deu uma espiada inútil no horizonte sem faróis.

#### IV — Vendetta!!

Mas enfim, no dia seguinte, Dona Solanja cedera ao seu discreto convite. Desceria pelo seu braço em Nápoles, a antiga Parthenopea.

De facto, roçando a mão enluvada no seu musculoso mocotó, eilha que junto d'ele, pisou o caes com os seus pés de anjo.

Tomaram um guia afim de não se perderem e disseram-lhe por gestos que desejavam saborear uma finíssima macarronada com tomates.

E como durante a caminhada <sup>ele</sup> insistisse em amá-la, ela o interrompeu rindo e debicando:

— Amar! Que vulgaridade Senhor Barão!

— Honra lhe seja feita. A Senhora não sabe como eu sopito...

Tinham-se abancado no famoso Gambrinus. Os dentes pontagudos de ambos e do guia trincavam voluptuosamente os barbantes da macarronada.

— Outra dose?

— Obrigado. Estou cheia. Só quero lavar as mãos e mijar!

— Não vai uma gemada? propôz <sup>ele</sup> delicadamente.

— Tenho medo que me dê gazes!

Vendo-se de novo na rua, pediram delicadamente ao guia que fosse indo "adelanti!"

— Dona Solanja, porque <sup>esse</sup> suicídio anestésico? susurrou <sup>ele</sup>.

Éi

Éi

||-l

||-#

||-l

||-#

Estavam em plena festa napolitana. Era dia de San Genaro. E pela primeira vez, depois de tantos anos, a indifferente e fria Dona Solanja sentiu corar o seu enfadonho coração. Ela enfim apalpava alguém que, ao seu lado, terno e submisso, era a felicidade de paletó. E sentia subir em todos os seus ventrículos a vida que sa~~ra~~coteava no meio da rua. Para ella existia também uma festa interna. Entretanto, que se tinha passado? Nada de extraordinário, daquele extraordinário que ela esperava na beleza desfolhada dos seus parques de Juvisy-Tonnerre ou na moleza vertiginosa de seus inúmeros fordes. Ella esperaria em vão o bandido mascarado para o assalto de suas pérolas ou o estraçalhamento de sua anti-higiênica virgindade.

Tinham regressado ao cais. Mas eis que Serafim Ponte Grande estacara com a b~~o~~cca desmesuradamente aberta. O palito que elle mascava rolou por terra. Solanja olhou em tórno e viu que, depois de ter dado um safanão no guia, avançava para ambos uma mulher mal vestida e cheirando a alho, com uma garrucha no pollegar. O barão do Papa berrou:

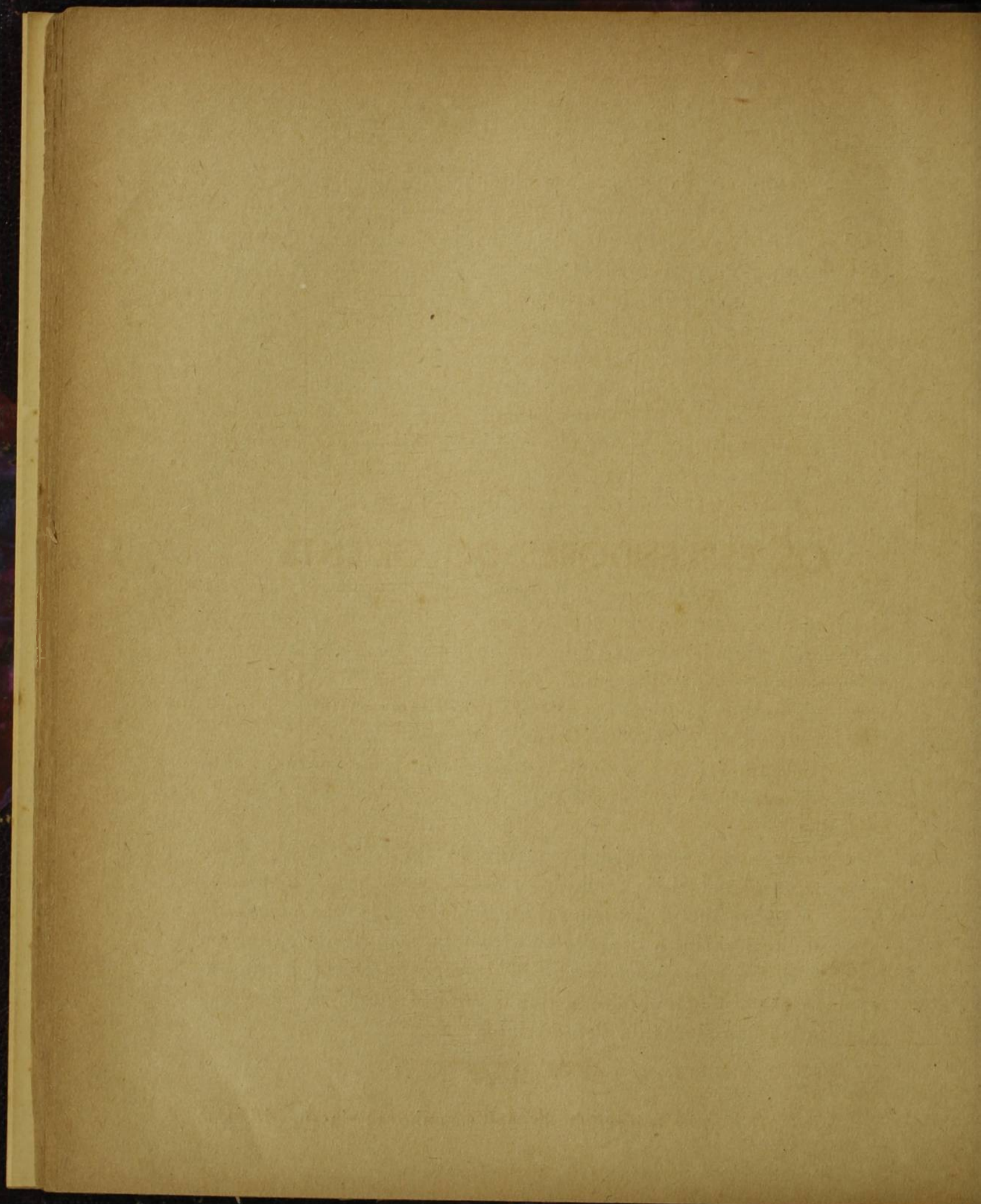
— Dorot~~e~~a! Dorot~~e~~a Gomes! Perdão!

Um camorrista bigodudo e baixo, com uma enorme cabeleira desgrenhada acompanhava a nova personagem. Era o Birimba.

Houve três estampidos na direção do feliz casal. Mas eles não tinham sido atingidos. Então, sem que ninguém a visse, a nobre dama passou rapidamente a mão nas calças do atarantado Serafim e tirando-lhe a pistola, sem hesitar, sapecou seis vezes azeitonas no coração da desgraçada Dorot~~e~~a que outra não era senão a pandorga que o Barão fodera em moça nas almofadas femifloras da Pensão Japú.

## V — Epílogo final

Dona Solanja foi linchada pelas senhoras da multidão.



OS ESPLENDORES DO ORIENTE

*Amar sem gemer*

Do diário nocturno de Caridad-Claridad

## PÓRTICO

Na madrugada pé-de-ninfa, o binóculo desenhou a testa do céu amarelo no esquadro fumegante da esquadra abandonada pelos persas nas usinas do Pireu.

De volta das noites bogaris, o porteiro de Ali-Babá fixou o cadeado do orquestrão gordo que costuma electrocutar os silêncios de Pera.

O Bar Bristol entre cindros e cadeiras sírias era um parolítico inocente atravessado de um cão policial onde o príncipe negro preparava o crenel nômade dos cruzados globe-troters e políglotas. Por isso os soldados furdos negavam a essência dos copos litúrgicos dos armênios candelabros.

As alfândegas do turismo atingiam desertos pederastas onde se massacravam condutores milionários e ingleses com chapéus de Victória-Régia. Populações envolviam-se de vermelho até o mar dicionário e no vinho dos hotéis girls colonizavam, ladeando steacks de ténis nas escadas, dedilhando as ruas que esplendiam sem barulho. O Nilo ficou frente a frente com steamers e muralhas.

Ora, Caridad-Claridad era um tomate na cachoeira dos lençóis.

Mas ainda carretas empurravam trilhos por dezenas ágeis nos espirros do rio preso e o gala-gala de olho no bolso tirou pintos vivos dos fogaréus.

Camelos, espanadores, martelos, mulheres e fellahs fugiam para as fotografias.

Estava aporrinhado de jantar toda a noite no Café de Paris, em ouro e branco, entre garçons italianos, leopardas faiscentes, americanos de smocking comendo à noite filés com ovos e dançando shymmis de pé torcido.

Quando abotoava a braguilha para sair, bateram à porta do seu quarto do Ritz da Rue Cambon.

A Girl d'hoi em dia entrou e disse:

— O senhor é o célebre guitarrista Clemente. Quero um retrato para o meu álbum de amantes ideaes. Minhas amiguinhas só falam de si! Até ma-mêre se preocupa com seus olhos!

Serafim ia honestamente expor que havia equívoco, elle não era nenhum clarinetista, nenhum dançarino, nenhum fresco. Mas a Girl proseguiu:

— Somos da Classe de Rhetórica. Terminamos a vida de collegiaes. Vou partir com Caridad-Claridad para Constantinopla e daqui a dois mezes nos encontraremos no Cairo com Miss.

Bankurst, nossa aia-confidente. Eu me chamo João no colégio, Pafuncheta na vida. Eu e Caridad somos muito queridas. Temos três amantes em comum.

— É um collegio misto?

— Não vê! Não admittimos marmanjos em amor!

Sentara-se, deixando ver até os intestinos.

— Nós somos sul-americanas, suas compatriotas! As francezas nos adoram por isso. Um dia, uma enfiou a língua na minha garganta...

Nosso herói ergueu-se como um jaguar. Mas ella fugira. Berrou da escada.

— Mande-nos retratos para Jerusalém... Convento de São José, padroeiro dos trouxas...

Serafim atrás das girls penetrou nos mares da História pelas mãos convulsas dos sopros clássicos, acorridos à sua aparição, de dentro dos Lusíadas.

O Mediterrâneo balanceado pelas mitologias poseidônicas pôz nosso herói de cama. Elle vomitou de Marselha a Nápoles, viu a Itália num catre de chuva, passou sem saber Messina e o farol do Strômboli.

De repente sentiu-se no caramujo do mundo antigo. Tinha dobrado cabos deshabitados.

Nada agitava no cristal as beiradas do mar de Mattapan. A Grécia era rugosa e amarella como uma ruína sem um grito. Ilhas côr de limão deflorado saíam da lixa esbatida de uma montanha no cádmio sereno de tudo sob a navalha do céu e do nada.

Es

Apenas, eram aquelas as montanhas do Peloponeso e o navio se emocionava na baía de Salamina.

A Acrópole avivou-se, parecida com o museu do Ipiranga, pálida e abandonada sob o corcovado do Licabeto.

Compendios altos escoltavam Athenas.

As usinas do Pireu balizaram docas de meeting comercial, com navios pretos e brancos. Uma sereia de lancha se espevitou no azul mitológico.

O pôrto movia-se entre descomposturas homéricas de ca-traieiros. E os olhos de Serafim foram atirados para a pôpa, entre marinheiros e grumetes, onde um boxeur negro enrugava a testa ao sol da Ática, trenando. O seu nũ doirava na dança do ataque entre upper-cuts e mergulhos de swings na defesa suada, entroncada, de punhos.

Serafim commingman nas espaçosas calças de Oxford viu do outro lado um avião esticar o aço sobre a acrópole. Sorriu. Sacudiu os braços e as pernas fazendo gestos para a Grécia resuscitada no negro e no avião.

As ruas de Pera apresentaram-se ao nosso herói. Mas qualquer coisa fugia sob a aparência modernizante em que a Turquia falava francês, inglês, italiano sem nenhum mistério.

Serafim de volta do bazar de Stamboul penetrou para o chá no edifício europeu do Pera-Palace. O porteiro de opereta curvou-se até o sub-solo.

Um jazz balofo guinchava no interior. Serafim pisou o deserto encerado. Garçons de casaca cresceram enquanto a orquestra era negróide e gorda. E sorria para o inesperado auditor. Serafim inútilmente pediu um cocktail nativo e leu no bombo Rose-Select-Orchestra.

Uma voz de oficial francês gritou entre reposteiros:

— Il me restera toujours le souvenir d'avoir fait la traversée avec des jeunes-filles modernes!

Pafuncheta e Caridad defendiam-se dos galões de um magricella, iguais no mesmo completo côr de camello, sob fôrmas enterradas nos rostos masculinos. Pafuncheta ria, a outra era atlética como um reclame odontológico.

Caridad Claridad quis uísque. A orquestra animara de goma arábica um fox-trote. Ele saiu apertando-a no pé-espalhado de um charleston.

O bilhete trazido ao apartamento pelo garçon que recuava para ser degolado, avisou-o de que elas tinham partido. Acrescentava: "Há quarenta séculos os obeliscos nos esperam!"

A noite lá fóra caíra numa neve completa. Serafim sentiu-se longe do Brasil das vidas animaís. Estava em pijama metido nuns chinelões recurvos e desembrulhou sobre a mesa um pano de Bukhara, arrancado às extorsões dos primeiros mercadores que tinha defrontado na mistura negra de Stamboul.

Lá fóra a neve silenciosa. Deitou-se numa luz frouxa, vinda de outro quarto. Estava em Constantinopla. Visitaria as mesquitas, as fortificações dos imperadores, ouviria a voz minguada do muezin. Num caos colegial, Teodora, Solimão os osmâns e os turcos actuaís de Kemal Pachá visitaram a fadiga de seus olhos. Acordou e sonhou. As princesas russas que lhe tinham servido o jantar no Karpish entre diplomatas do Reich e nuças nacionalistas rapadas... os olhos envidraçados dos fumadores de narguilé nos cafés... duas prostitutas italianas que o en-

11c

1m

11s

costaram, uma enorme, a outra rotunda e baixa, as meias curtas hibernais, mergulhando chinelos na lama de um beco.

Madrugada. Uma carreta ia conduzindo degolados nas ruas de Pera. Silêncio absoluto. Madrugada de mercadores das mil e uma noites desenrolava tapetes. Serviam-lhe café turco junto a um braseiro brasileiro. E o seu harém tinha já quatro femeas, as duas italianas, Pafuncheta e Caridad.

Uma voz estridulou em clarineta no escuro: — Não senhor! A Turquia não podia continuar a ser a risada da Europa!

Virou para a parede. Nesses quinze dias daria uma grelada na Terra Santa.

c  
A Buick da “Desert Mail” deixara o caminho de transportes irako-persa para conduzir Serafim Ponte Grande de óculos à Palestina. Atravessou a Fenícia atropelando as primeiras caravanas, à vista de um mar de folhinha, sólido, litográfico, ondeando pontas desertas de terra vermelha. Sidon e Tiro como um museu roubado, num esplendor emudecido que a terceira velocidade ia deixando para trás em barras, nas mãos mussulmanas de um cinesíforo de fêz.

q  
— Anglais, argent beaucoup, mossiú! Vous anglais mossiú!

Serafim enfiara um casco da Índia na cabeça de escôva e olhava tudo como uma vacca.

— Anglais beaucoup, mossiú!

Uma ignorância britânica o refastelava impassível. Subiram, estacaram numa passarella fresca de Observatório. O chauffeur leu alto num rótulo: — Pa-les-tai-ne!

Nosso heróe procurou depressa o passaporte, o bedecker, a kodak e a Bíblia.

m  
A paisagem rajava-se em verde amendoim. Seus olhos fil-  
mavam árvores côm de fumaça entre uma e outra sombra de casa  
cúbica, com as primeiras figurinhas saídas da História Sagrada.

de  
Poços, cisternas, curvas na boa estrada entre filas de camel-  
los beduínos.

São João d'Acre crenelou sobre o mar saudades de Cleó-  
patra. Do outro lado, Haifa fedeu laranjais no escuro sem  
lampiões.

Serafim andou de Carmel Buss, experimentou Água de Me-  
lissa autêntica no Convento Espanhol sobre o promontório,  
comprou um bentinho e às dez horas da manhã partiu pela  
Samaria a fóra!

Um trem de presepe afogava-se longe na planície. Duas  
montanhas iguais e baixas quebravam-se de encontro para dei-  
xar perceber o reêncavo de Tiberíades no fundo de teatro  
do mundo.

f  
A agitação de uma regata de catraieiros e turistas no lago  
de mármore, onde nada prende à terra e lembra a vida. Nin-  
guém mais morava em Magdala snão árvores, em Betlsaida  
snão urzes, em Capharnaum snão destroços. No deserto al-  
mofadado de um convento um franciscano e uma caseira pro-  
criavam a solidão.

O mais tinha tudo emigrado como a casa de Nazare~~m~~, pelos  
ares, para os livros do Ocidente. Nem Tiberias tinha mais  
romanos de Tibério. 119

118  
Um padre bem vestido informava para um bando inter-  
nacional de Kodaks que Christo escolhera o país esteril, afim  
de não estragar com a maldição de Deus uma Suíssa ou uma  
Itália. 11#

— Visão econômica, meus caros irmãos!

Na hospedaria mosteiro de Casa Nova em Nazareth, o franciscano allemão da portaria tirara das barbas uma frescura gelada de cerveja clara — Helles Bier, mein herr! E lhe propoz uísque e cigarros estupefacientes na vastidão almoxarifada da sua cela conventual.

O quarto lembrava um hotel de São João del-Rei. O padre mestre que era um sábio das Arábias trazia na vassoura negra da barba meio kilo de brilhantina.

Serafim pagou a hospedagem com fortes esmolas, mandou dizer uma missa pela sua própria alma e na manhã pó-de-lima pesquisou inutilmente a binóculo, Jerichó num cupim de muralhas eremitas.

Por declives agonizantes, desceu no calor até o poço salso do Mar Morto. Era o lugar mais fundo da terra, com trezentos níveis abaixo dos longes metros do mar. Daquelle lado, ficavam Sodoma e Gomorra. Serafim olhou e viu uma pederastia de azul. A Standard Oil comprara Sodoma e negociava Gomorra para explorar o kerosene das punições.

O deserto da Judea esticou-se entre panoramas de papelão amarrotado, e arborizações de desastre, Josaphás como autó-dromos, cidades côm de tenda e ferrugem. Tudo torrado, es-corvado, kilometrado de anátoma.

Entre o Jordão magro e sujo e a sombra de salgueiros, o padre dos turistas dissera que só tomaria um banho para salvar a humanidade em Água de Colônia.

Ascensão da serra direta. Bethânia, a Casa de Lázaro, a funicular de Josaphá. E as torres novas de Jerusalém na lama consternada e no frio. Por cima o céu da Ascensão.

Serafim fôra encontrar os mesmos judeus barbados e sujos do Muro das Lamentações, que na véspera mexiam o corpo ante a decadência do Templo como galinhas aflitas — sorridentes e pálidos na sala promíscua da Banque Imperiale Ottomane.

Um sacerdote assuncionista eruditamente o guiou de galochas aos dominicanos de Santo Estêvão e à Gruta do Leite, em Belém. Um franciscano comercial distribuía papelinhos de pó galatogênico na sacristia. Chamou Serafim de lado e o preveniu contra o dragão de circunstância.

— Estes padres de hoje, meu senhor, não acreditam nem em Deus!

Serafim saiu só pela noite de Jerusalém. Era a rua principal em descida. Penetrou nas luzes do Café Bristol. A sala abafada coloria-se de papel no jazz idiota. Um pianista sarcoteava nulamente entre garçons e cadeiras vazias. Havia sírios gordos, homens vagos do Sul, caixeiros, viajantes bêbedos e duas alemãzinhas globe-troters. Um ar de inocência iluminava aquela blasfêmia que um cachorro enorme vigiava. No interior do bar um rei mago tingia um cocktail.

Nosso herói saiu pelo vento. Em cima fazia uma lua paulista. Passou os armazéns, o Hotel Allembly, um café turco.

De repente a noite crenelada dos cruzados gritou quem vens lá! A Torre Antônia velava sobre a lama dos quarteirões. Havia sombras de guardas ao lado dos degraus de um portão. Serafim aproximou-se. Eram dois soldados turcos. Perguntou-lhes pelo Santo Sepulchro. Te

— Não há nenhum Santo Sepulchro...

— Como?

— Nunca houve.

— E Christo?

— Quem?

O outro esclareceu:

— Christo nasceu na Bahia.

Mas o guia assuncionista o fez subir de vela na mão os dezoito degraus do Calvário e por capellas e muralhas afundou com elle na escuridão monumental das Cruzadas.

Procissões teimosas, barbudas, gregas, coftas, armênias, franciscanas sucediam-se, precediam-se, desapareciam, brigavam de velas e de cânticos, liturgias, flexões, ante os envoltórios dos sacros signaes guardados por tocheiros, lampadários e capitéis.

O guia explicou-lhe:

11/5 — Precisamos sair antes que o mussulmano feche a porta. E' um turco que tem a chave do Santo Sepulchro já que os christãos não se entendem sobre a posse das verdades e das capellas... A's seis e meia fecha-se tudo e elles ficam ahí brigando de candelabro e reconciliando-se depois pelas narinas da volúpia nos divãs de pedra, com grande gáudio do tihoso...

Serafim viu na sombra, sentado sob a defega secular de uma parede, os olhos em brasa dum pederasta de barbas e batina.

Os desfiladeiros onde Sansão andou treinando filisteus e a linha de trilhos por cidades ferroviárias até o deserto inicial do Sinai. Sa<sup>h</sup>aras aqueceram moles ondulando infinitos amarelos no sol de trem. Onde Moysés andou a pé.

Alcântara, o canal milionário, as alfândegas sob o domicílio das estrêlas. Os olhos de Serafim aflitamente procuraram o Cruzeiro no fôrro do cé<sup>u</sup> africano.

O Cairo às onze horas. Nas luzes colossais do hangar costumes de opereta, fezes, gente da Europa. Lá<sup>f</sup>ôra, autocars com nomes excitantes. Semíramis, Heliópolis Palace, Shepherds Hotel.

Procurou um dete<sup>c</sup>tive que imediatamente lhe deu o endereço das girls por quem viera.

Pafuncheta e Caridad se tinham feito vacinar nas coxas por um doutor negro de fez, no seu apartamento de Mena House, donde a vista barrava os andares das pirâmides.

Estavam de pernas nuas, fazendo secar a sangria estrelada. Caridad pinicava num banjo. Pafuncheta de verde lia. Não se mexeram. Gritaram vendo-o. Tropicalizado nosso herói procurou varejar com os olhos as últimas defesas de ouro das camisas-calças, onde escuridões se rachavam.

Pafuncheta gritou mostrando o livro:

— E' um manual de paixões. Está fechado, como nós duas!

Folheava-o. Berrou:

— Dos deboches! Depressa, um corta-papel!

Serafim trouxe um alfange, mas ela tinha perdido a página.

— Cultura ~~ph~~ysica. E' no capítulo dos deboches? Resignação à morte... para mais tarde.

Tinha-se levantado. Caridad - Claridad limpou a vacina, espevitou-se nua como um sol num lavabo.

Inglêsas velhas sob chapéus da Rainha Victória na grenadina quente dos occasos. Fezes com luvas. Atravessaram o jardim de Mena House. Laranjadas e criados berberes, com o rosto irrepreensivelmente estigmatizado.

Sentaram-se para o chá. Peregrinagens subiam os degraus massiços da pirâmide de Cheops no azul.

11/Qu

Rodeando turistas alarmados, policiais espancavam camelos e conductores numa gritaria de massacre.

Tinham dançado charlestões macacões nas construções milionárias do Heliópolis Palace. Tinham-se fotografado sobre berros de camelos junto à Esfinge compassiva. E visitado os destroços de Mênfis e o túmulo arado dos Bois na manhã que penetrava o deserto. Combinaram partir para Luxor, Assuã, as barragens superiores do Nilo, a Núbia, o inferno.

No trem branco de Luxor, no trem louco de Luxor. Pafuncheta dormia em cima o sono da veilleuse.

Ele entrara de manso, sentara-se na courette de Caridad. Conversavam. Ela acordara e dizia asneiras. Ele sentiu-lhe nas mãos as coxas ásperas de virgem, o ventre molle. Apertava o busto nua contra o seu busto peludo. Que suor! Que frio! Um vômito emocional ia sacudindo-o. Abotoou-se. Saiu da cabina, pálido, enquanto ela esperava.

Caridad anotara no seu diário:

“Ser amante de um homem! Fui esta noite. Mas parece que continuo semi-virgem. Que sono me deu quando elle

entrou. Não fiz escândalo por causa de Pafuncheta. Me fez pegar no seu lança-perfume! Isso me deu um incômodo horrível de espírito. Era a primeira vez. Não será a última. Sofri como em casa, quando tomava uísque escondido. Felizmente ele teve um acesso de remorso e saiu”.

— *stancâ*

O guia missal, sujo como um templo, de abaia azul e turbante explicara-lhes nos túneis vazios de Tut Ank Amon que a Deusa Verdade protegia o defunto e que a fila das testemunhas ritmadas na parede, retrucava aos inqueritos acusadores.

Fôra, o deserto era o sarcófago do sol.

No vale catacumbal dos Reis.

Três burrinhos gordos, Serafim e as duas girls tinham trocado até atravessar o Nilo. Populações seguiam atrás pedindo bachiche por terem nascido tão longe.

Na tarde sobre o Egypto vermelho envolvido de amarelo, Serafim deu o braço a cada uma e enfiou o casco da Índia na cabeça repleta de maus pensamentos.

Nas pelusas do hotel, um coqueiro esplendia como um espanador.

Um inglês de dois metros batia a bola de tennís para uma

espiga côr de rosa. Girls de escarlata, sob chapéus coloniais, ladeavam uma senhora insulada e decrépita.

Saíram pelo muro lateral, contornaram o Winter-Palace, a rua, a agitação sem barulho do Oriente, fêzes, cáftans, portas de negócios, sudaneses, abissínios, vendedores de bugangas e cigarros. Te

O hotel sôbre as escadas jazzbandava em glycínias. Camifolias enormes e brancas de crãdos do Sudão moviam o terraço.

O Nilo em frente com velas e steamers. Para lá, as muralhas róseas de Tebas. E o Egito até o Mar Vermelho.

Caridad escreveu no seu diário:

— “Que beijo! Desceu até lá em baixo. Não sei mais o que fazer. Que falta me faz Miss Bankhurst para pedir conselho.

Elle procura é lá. Entrego-lhe tudo pela primeira vez. Os seios esféricos e pequeninos, o ventre... Não. Elle tem as mãos teimosas. Elle quer chegar é lá. Ao centro. A divisão do meu ser”.

Partiram para a poeira de Assuã. Entre óculos enfumados de janelas, o trem se cobrira dum capacete branco e afundou equipado no deserto.

Fornos e creneis de casas negras, lado a lado do Nilo contratado como fertilizante.

Cidades perdidas no pó ou brancas sufocadas de palmeiras nos oásis.

Caridad deitara a cabeça no colo d'êle e cheirava-lhe voluptuosamente as virilhas. Paisagens abriam lagos indecisos, suspendiam zepelins de pedras no horizonte tranqüillo das miragens.

Do diário de Caridad:

“Lambeu minha tatorana. Nunca pensei que fôsse tão agradável!”

Sob as estrelas da Ilha Elefantina, Serafim pensando em Cleópatra que êle acreditava ter sido rainha em Sabá, falou assim à Girl-d'hoj'em-dia:

- O teu hálito cheira o fumo de minha terra!
- O teu cabelo é da côr das manhãs de Minas!
- O teu beijo é quente como o sol do Rio de Janeiro.
- Quando os teus lábios reviram nos meus me envolvem do calor das águas de minha terra.

?

Hæ

— O teu corpo é frio como o sepulcro do meu!

— Quando saes no foquetrote ali por esses hotéis, na podridão das orquestras, sinto as tuas duas pontas espetarem o meu coração enquanto a minha lança se revolta contra a tua virgindade.

— Minha mão em concha apanha a tua bunda quente, viva, musculosa e buliçosa.

Hæ

— Encosto a cabeça na tua, ali por esses foquetrotos, por esses charlestões. Encosto a língua na tua, molle, babosa, salivosa.

E ella escreveu:

“Os efeitos do amor. Hoje fiquei em pêlo no quarto e notei que minhas coxas se arredondaram, ficaram gordinhas e macias trabalhadas pelas suas mãos, minhas curvas se affirmaram, meus peitinhos ficaram duros e rebitados. Mas que coceira no bibico!”

De

Engenharias de parapeitos, elles espiavam os espirros gigantes do Nilo represado.

Um gala-gala surgiu na ponte, um ovo no olho, atrás da orelha, tirando pintos vivos da manga desembaralhada.

Um fogaréu amarelo queimava as vassouras das tamareiras.

Deslizaram sobre trilhos em carretas indígenas.

O sol martelava no estuário. Depois virou rodinha de São João na parede do céu, enquanto as barcas recolhiam nas pautas do Nilo.

O silêncio vermelho. O rascar das nôras no rio. Amanhecia sobre o Cataract-Hotel. Caridad acordou como um tomate nos lençóis. Estava na cama de nosso herói. Escreveu "Gemi!"

Voltaram ao país atarracado de templos, espetado de falus.

Mulheres e felás punham roupagens nos bois sacros, silhuetas brancas repunham em burricos a fuga para o Egito. Filigranas altas de camelos ritmavam as caravanas.

Do diário de Caridad:

"Hoje de manhã dei de cara com Miss Bakhurst, no hall do Shepheards. Perguntou-me se a baía de Constantinopla é mais bella que a baía de Hudson."

Em Alexandria, um navio passava como um bonde. Serafim tomou-o.

O Oriente fechou-se. Tudo desapareceu como a cidade no mar, seus brilhos, seus brancos, suas pontas de terra, esfinges cáftans, fezes, camellos, dragomans, pirâmides, haréns, minarettes, abaias, pilafs, desertos, mesquitas, templos, tapêtes, acrópoles, inglêzes, inglêzas.

le

9.

# FIM DE SERAFIM

A modo que um cabron en um curral  
de cabras.

*Montoya — “A conquista  
espiritual”.*

Fatigado  
Das minhas viagens pela terra  
De camello e táxi  
Te procuro  
Caminho de casa  
Nas estrélas  
Costas atmosféricas do Brasil  
Costas sexuaes  
Para vos fornicar  
Como um paé bigodudo de Portugal  
Nos azués do clima  
Ao solem nostrum  
Entre raios, tiros e jaboticabas.

Nosso herói tende ao anarquismo enrugado.

O Brasil dos morros da infância que lhe ofertava a insistência dos mais feijões, dos mais biscoitos — dá-lhe o amor no regresso.

Pernas duras, bambas, peles de setineta de mascate e de lixa de venda, seios de borracha e de tijolo, bundas, pêlos, línguas, sentimentos. Te

Acocorado sôbre o seu arranha-céu, depois de luzir de limpo o seu canhão, ensaia dois tiros contra o quartel central de polícia romântica de sua terra. Fogueteiro dos telhados, ameaça em seguida a imprensa colonial e o Serviço Sanitário.

Descobrem-no, identificam-no, cercam-no. Os bombeiros guindam até escadas o pelotão lavado dos Teatros e Diversões.

O povo formiga dando vivas à polícia. Ele cairá nas luvas brancas dos seus perseguidores.

Uma tempestade se debruça sôbre a cidade imprevista. Ele arranca de um pára-raios e colloca-o na cabeça invicto..

Uma nuvem carregada de electricidade positiva esbarra sem querer numa nuvem cheia de electricidade negativa.

Ambas dizem:

— Raios que te parta!

Faz então um escuro de Mártir do Calvário.

### PREGAÇÃO E DISPUTA DO NATURAL DAS AMÉRICAS AOS SOBENATURAIS DE TODOS OS ORIENTES.

— Tudo é tempo e contra-tempo! E o tempo é eterno. Eu sou uma forma vitoriosa do tempo. Em luta seletiva, antropofágica. Com outras formas do tempo: môscas, eletro-éticas, cataclismas, polícias e marimbondos!

O' criadores das elevações artificiais do destino eu vos maldigo! A felicidade do homem é uma felicidade guerreira. Tenho dito. Viva a rapaziada! O génio é uma longa besteira!

### CHAVE DE OURO

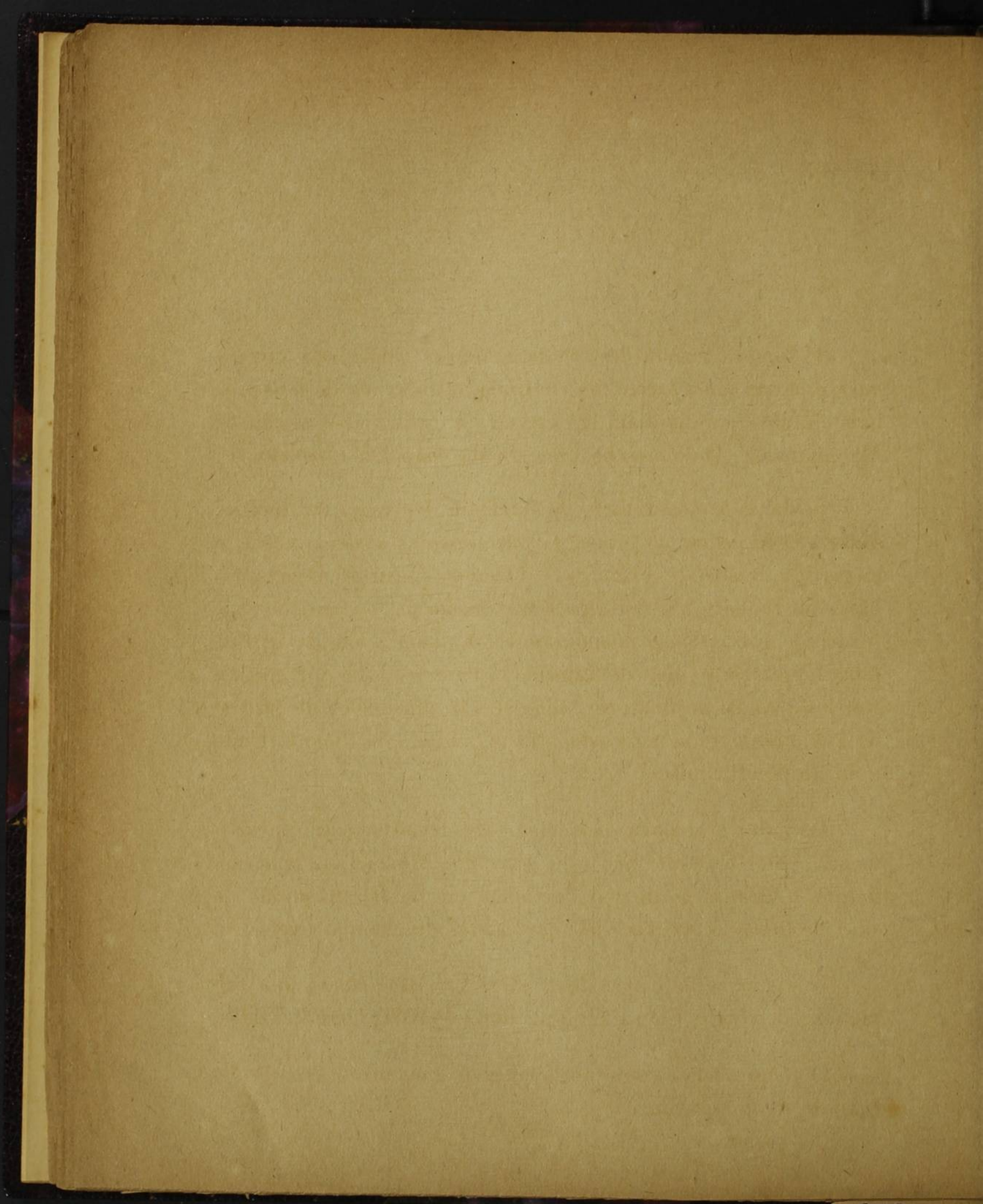
A cidade das casas contrafortes e a igreja com uma porção de cônegos de espartilho no terreiro rios e o pendão do pontão.

A população das entradas padreava o subsolo mas construíram os primeiros arredores para a meta dos costura-céus. E abriram e fecharam o vínculo dos veículos das ruas do central cabresto de São Paulo com grilos, campânulas e arrebóes.

# ERRATA

Os mortos governam  
os vivos.

FRAZE FEITA.



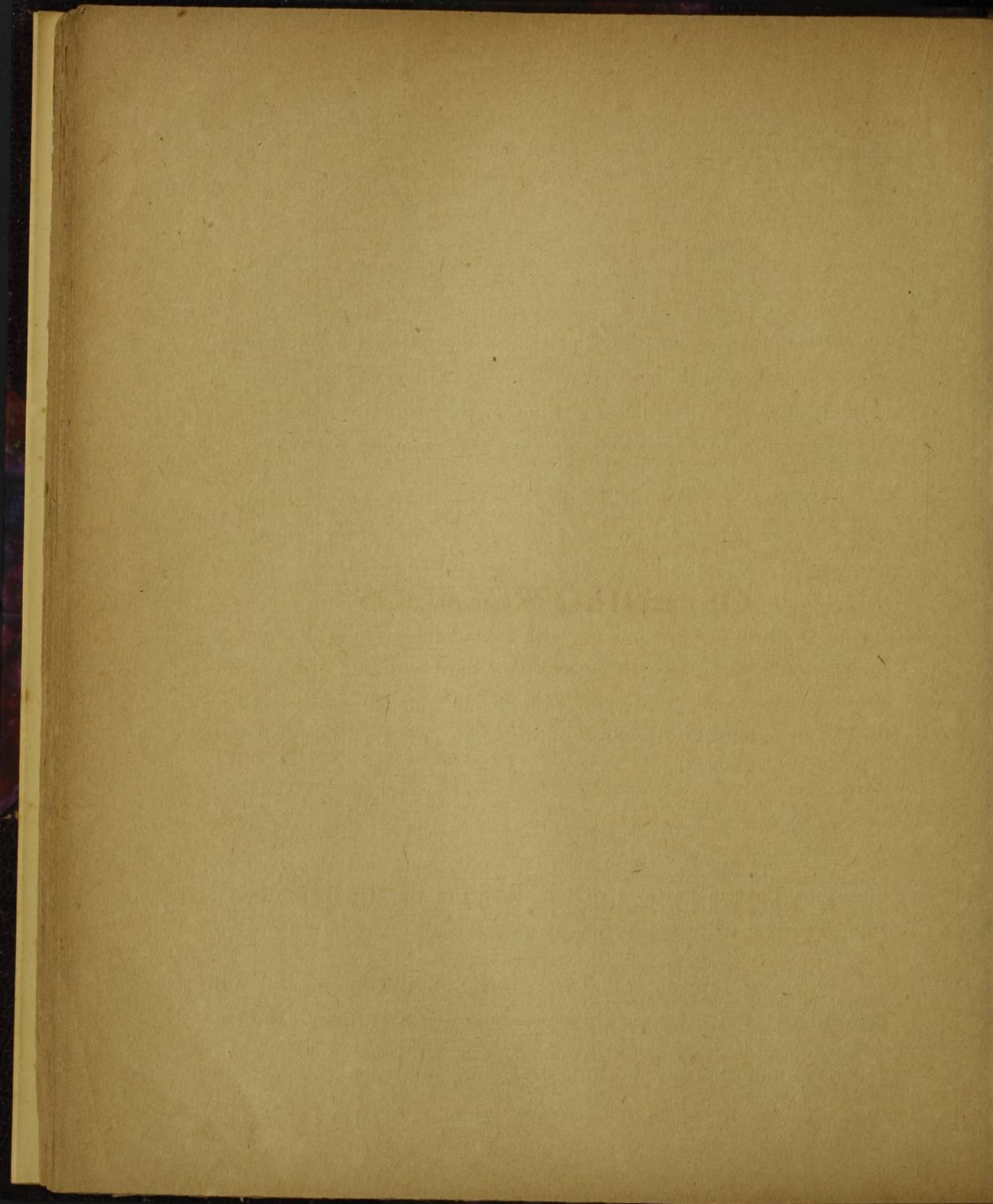
A sombra macha de Celestino Manso, Dona Lalá prosperara e parira anualmente, na confluência ubérrima de dois rios bandeirantes que dividiam em Canaãns e capitánias o Estado de Mato-Grosso. O Pombinho crescera de chapelão e cavalo.

Senhores e possuidores de fundos e de largos latifúndios, quizeram perpetuar no bronze filantrópico das comemorações, o ex-marido, ex-pai e ex-amigo. Fizeram construir num arrabalde do Juqueri um Asilo para tratamento da loucura sob suas formas lógicas. E encomendaram a um pintor vindo da Europa uma fotografia a óleo do falecido. Para isso lhe forneceram um instantâneo de domingo, onde se via num banco do jardim da Luz o malogrado herói, de palheta, ao lado de Pinto Calçudo e do traidor Birimba.

O pintor trabalhou pacientemente, honestamente, furiosamente. Mas o retrato não saiu parecido. Dona Lalá achava-o magro, a Beatriz gordo e o Pombinho era da filial opinião de que ele tinha as sobrancelhas carregadas de chumbo explosivo.

O pintor refez o trabalho. Mas Celestino notou que faltava um detalhe. Ele mexia a pontinha do nariz quando falava.

O pintor, louco como um silogismo, inaugurou as celas de luxo do Asilo Serafim.



OS ANTROPROFAGOS

Os padres viram que o tal christão quando voltava para umas vezes não trazia mais chapéu, outras o capote, outras os calções e outras o gibão. Então o que é isto? Disseram os padres com admiração e não comprehendendo o proceder do christão perguntaram-lhe que sumiço tinha dado do que era seu. O homem replicou assim: Vós padres bem-aventurados, vós fallais aos pagãos conforme o vosso conhecimento das coisas e eu também conforme o alcance da minha intelligencia fallo a elles. Ahí nos dias passados faltaram-me as palavras, por isso as minhas obras em vez de vãs palavras tratei de empregar e repartir tudo quanto tinha pelos principaes afim de os angariar a mim; os principaes tendo-se rendido por fim de contas as demais gentes prontamente se submeteram também. Assim disse o homem humilhando-se perante os padres e commovendo-se por fim. Os bons padres em verdade compadeeceram-se de sua liberalidade que se pri-

┌ #

vava das coisas de que necessitava. Depois de se terem passado alguns dias, eu já vou-me disse o homem aos padres e depois que elle se foi patenteou-se o seu mau procedimento emfim. Com as coisas que elle possuía, seduziu algumas meninas e algumas raparigas que deviam ficar a seu serviço e com ellas abalou.

*Montoya. A Conquista Espiritual.*

Entanto o canhão na proa lambeu o mar em pancada oito horas da manhã e José Ramos Góes Pinto Calçudo, com um galão na bunda tomou conta do bar e do leme. Estavam em pleno oceano mas tratava-se de uma revolução puramente moral.

Nosso dissimulado herói em Londres havia concertado a experiência de um mundo sem calças sobre a solidão chispada que agora salgavam milhas fora da projecção econômica das alfândegas.

Após seca e meca, o encanecido secretário já falava argentino no Simpsons, de bombachas, com uma messalina e um comandante de transatlântico aposentados.

— Uma vez puso dos inglêses nocaute en la calhe! Pasavam e mi daban encontronos todavia! Yo me fué arrabiando e exclamé: — animales! Hijos de puêta! Se volvieran luego diez ou doce! Mas antes de fechar el tiempo, dê al primero uno swing en la nariz, al segundo um crochet en la padaria. Fuemos todos parar en el pau. Se reia de mi muque el jefe de polizia! E mi invitó para instrutor de box de su famijia!

Planejaram ali um assalto à nave El Durasno em áceos arranjos nos diques de Belfast. Combinaram a alta oficialidade comprada.

Mas na quitância da Europa, foi-lhes impossível qualquer composição de ditadura natural a bordo. A população travessera soletrava toda Havelock Ellis e Proust. Atravessaram o mar de smocking e cornos.

Mas reunida agora a marinhagem em pelotão freudiano no balão largado das auroras americanas, foi afixada no Purser's Office a seguinte "Ordine di tutti i giorni".

*"Qui non c'e minga morale.*

*E' un'isola!"*

Seguiu-se um pēga em que todos, mancebos e mulheres, coxudas, greludas, cheirosas, suadas, foram despojadas de qualquer calça, saia, tapacū ou fralda.

Na ponte de comando, incitando a ereção da grumetada, um bardo deformava Camões:

*E notarás no fim d'este successo*

*Tra la pica e il cul qual muro é messo!*

Um princípio de infecção moralista, nascido na copa, foi resolvido à passagem da zona equatorial. E instituiu-se em *El Durasno*, base do humano futuro, uma sociedade anônima de base priápica.

O poderoso Jack da piscina pederastou em série, iniciando ante avisada assemblea, pálido conde sem plumas. Todos gritavam, batendo palmas: Chegou o dia do anos do conde!

Marinheiros montaram latejantes e duros sob lençóes de berths puros. Foi ordenado que se jogasse ao mar uma senhora que estrilara por ver as filhas nuas no tombadilho que passara a se chamar tombandalho. Mas ela replicou que chorava de saudades do celebre curandeiro Dr. Voronoff.

E reunido um trôço de passageiros, recalcitrante, entre os quais alguns recém-casados, desceram todos à sala das máqui-

Tei

nas, onde Pinto Calçudo, nu e de boné, fez um último apêlo imperativo, “ante a cópula mole e geométrica dos motores” e energicamente protestou contra “a coação moral da indumentária” e “a falta de imaginação dos povos civilizados”.

— Que os vossos sonhos se precisem, oh ladies and gentlemen! No jardim de inverno e alhures!

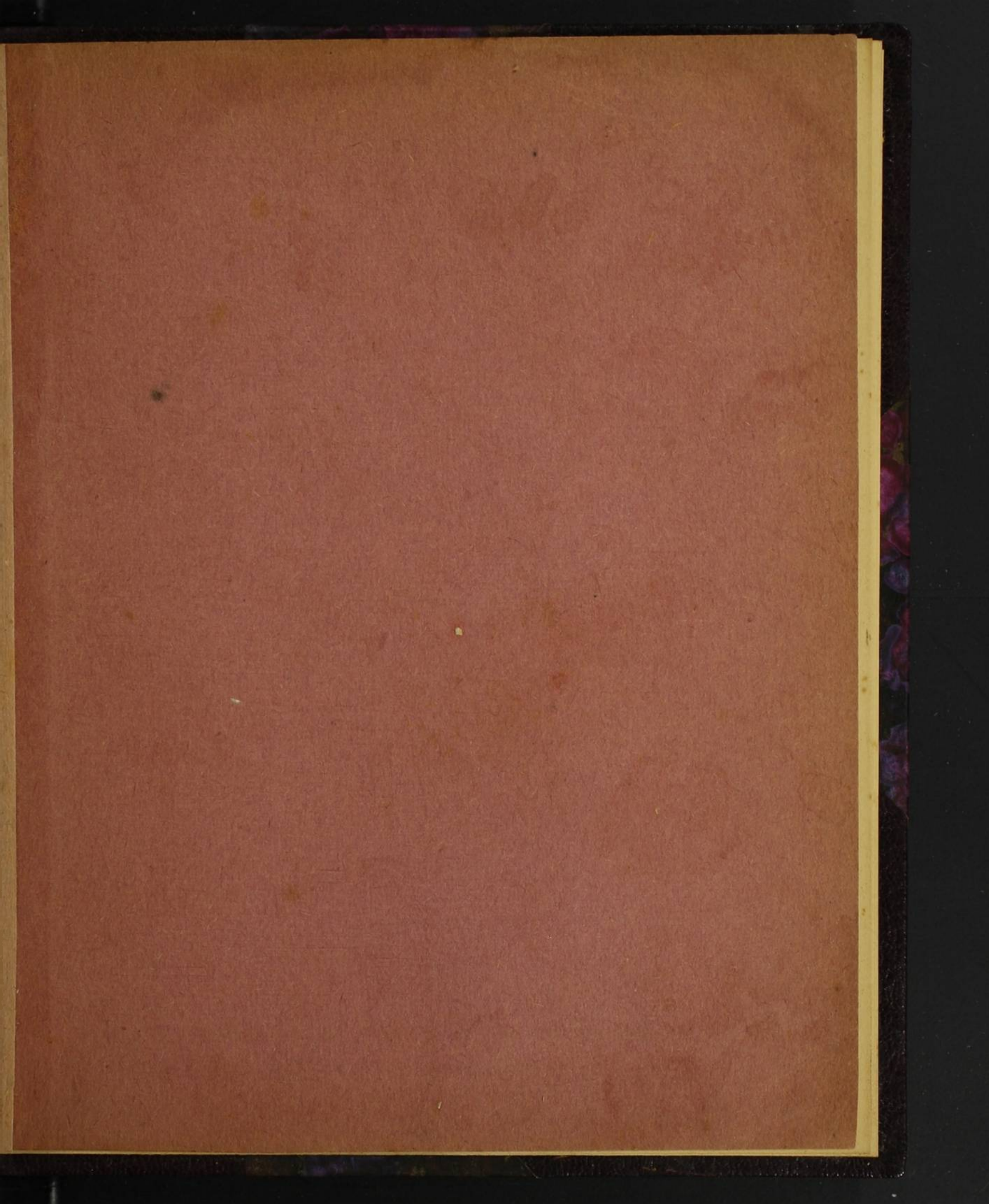
Passaram a fugir o contágio policiado dos portos, pois que eram a humanidade liberada. Mas como radiogramas reclamassem, *El Durasno* proclamou pelas antenas, peste o bordo. E vestiu avêssas ceroulas e esquecidos pijamas para figurar numa simulada quarentena em Southampton. Todos os passageiros se recusaram a desembarcar. Sem dinheiro, tomaram carregamentos a crédito. E largaram de repente ante os semáforos atônitos. Encostaram nos mangueiraes da Bahia. Sempre com peste. Depois em Sydney, Malaca, nas Ilhas Fidji, em Bacanor, Juan Fernandez e Malabar. Diante de Malta, Pinto Calçudo arvorou a Cruz de Malthus.

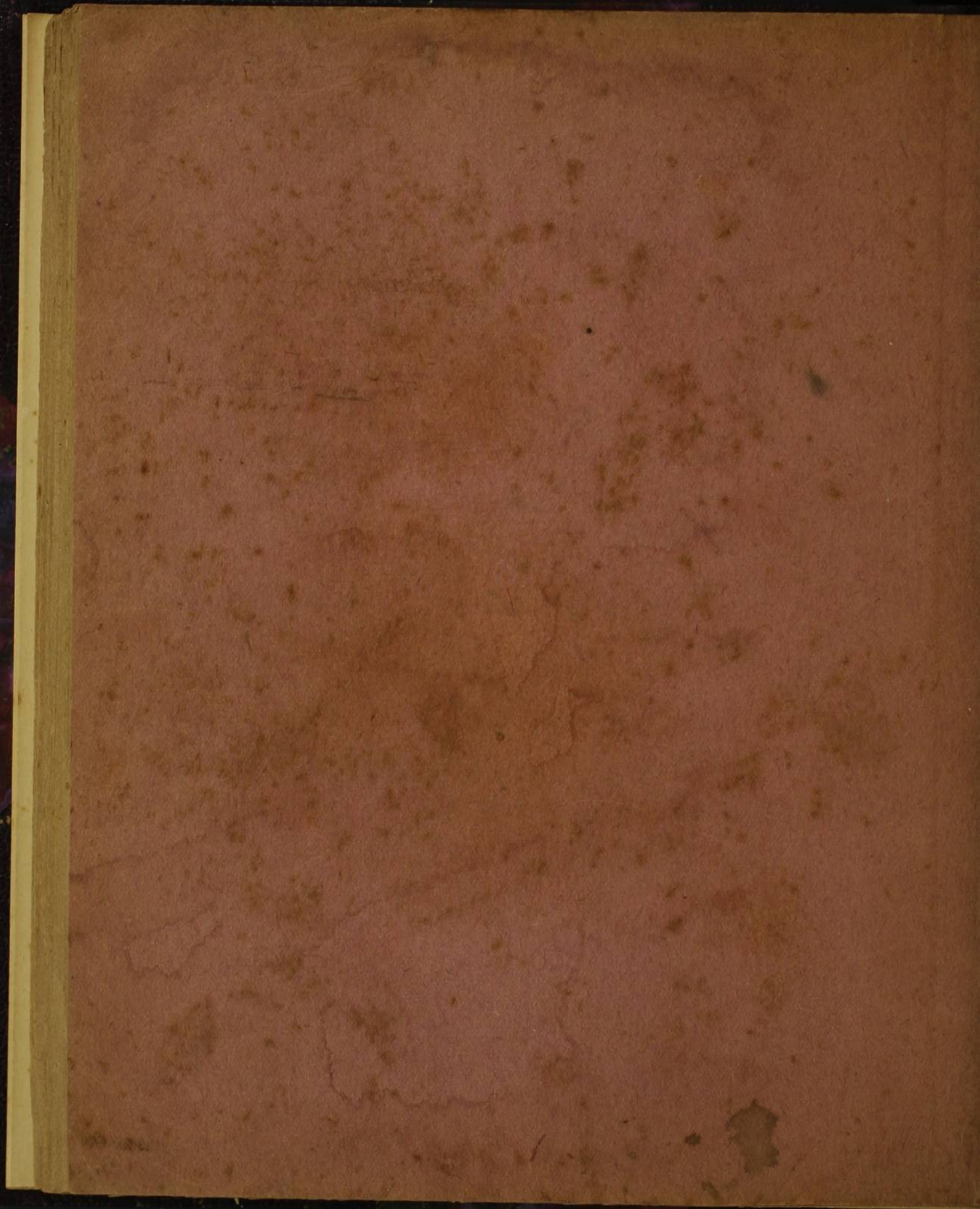
Nos longes, nas nostalgias dos salões, nos tombadilhos, à passagem do capitão, gritinhos cínicos lembravam fingidos pudores:

— Que c'est mal ce que vous faites, Maitre!

*El Durasno* só pára para comprar abacates nos caes tropicaes.

Este livro foi escrito de 1929 (era de Wall-Street e  
Cristo) para trás



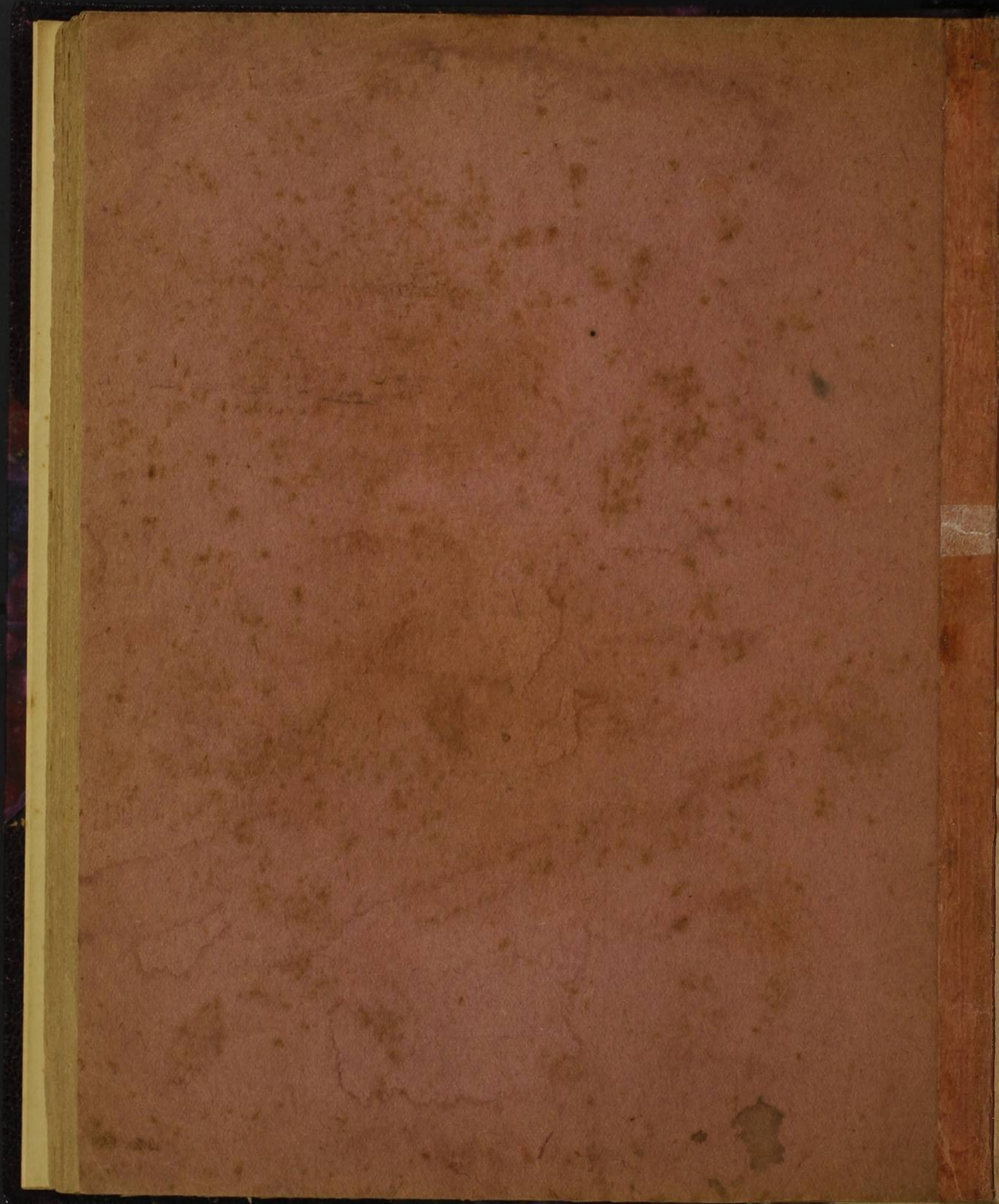


OSWALD DE  
ANDRADE

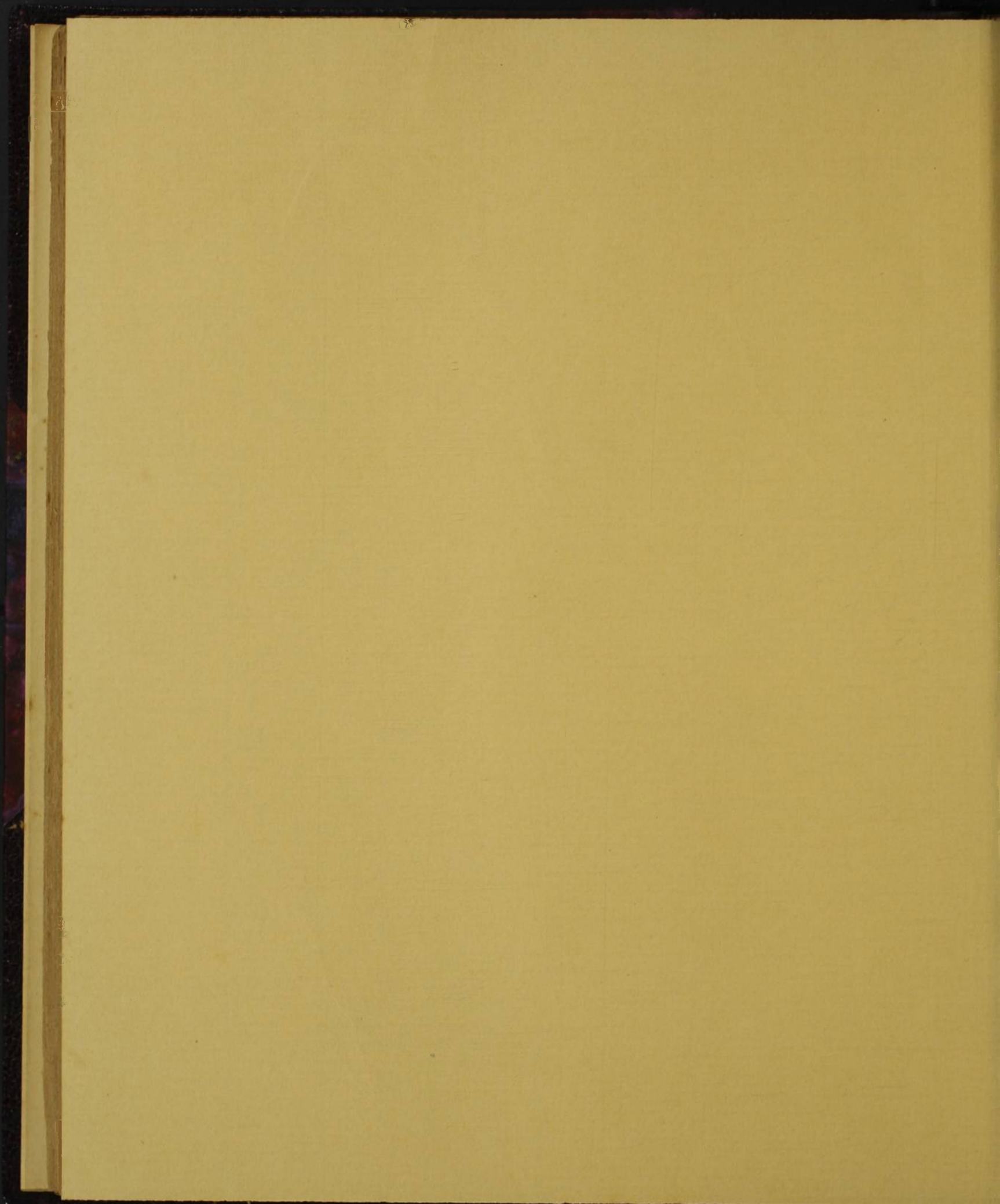
SERAFIM PONTE GRANDE

ARIEL RIO

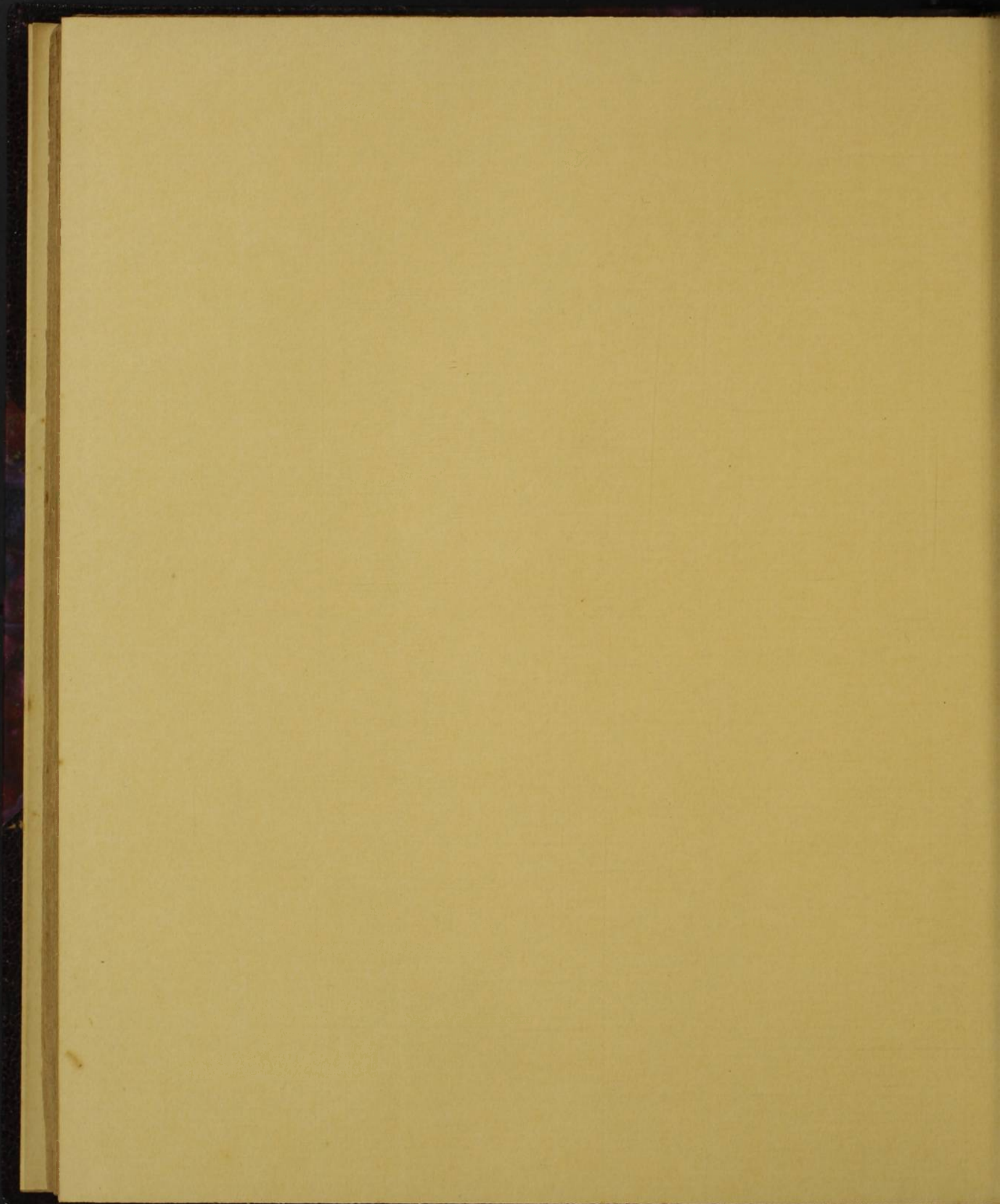
Preço 6\$000













23983



